



PUC
RIO

BEATRIZ CHACUR BIASOTTO MANO

**SOBRE A GÊNESE DA CAPACIDADE DE PENSAR: AS CONTRIBUIÇÕES
DE FREUD E BION**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, 26 DE ABRIL 2001

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 M285s TESE UC
Autor Mano, Beatriz Chacur Biasotto
Titulo Sobre a gênese da capacidade de pensar



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00201373

BEATRIZ CHACUR BIASOTTO MANO



SOBRE A GÊNESE DA CAPACIDADE DE PENSAR

As contribuições de Freud e Bion

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2001.

112930



150
M285s
TESE UC
ex 1

BEATRIZ CHACUR BIASOTTO MANO

SOBRE A GÊNESE DA CAPACIDADE DE PENSAR

As contribuições de Freud e Bion

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Octávio Souza

Rio de Janeiro, fevereiro de 2001.

AGRADECIMENTOS

- Ao Octávio Souza, pela confiança, leitura atenciosa dos textos e orientação valiosa.
- À minha família, sempre dedicada e compreensiva, mesmo nos momentos mais difíceis.
- À Ivanise Fontes, pela amizade e incentivo que tanto contribuí para meu percurso profissional.
- Ao Arnaldo Chuster, pela generosidade com que me presenteou com seus conhecimentos sobre Bion.
- À Ângela, amiga do peito, pelo apoio, sugestões e leituras incansáveis.
- À Vera e Maria Inês, pela amizade inestimável.
- Ao Harry pela disponibilidade amiga.
- Aos colegas de mestrado, professores e funcionários do Departamento de Psicologia que apoiaram a realização deste trabalho.
- À PUC e à CAPES pelo apoio financeiro prestado durante a elaboração deste trabalho.

RESUMO

O rejuvenescimento, no campo da psicanálise, de uma teoria sobre o pensar, tem se mostrado de extrema relevância para a clínica de psicopatologias de estruturas mais complexas. Nesse sentido, a suposição de uma gênese da capacidade de pensar muito tem enriquecido as reflexões acerca dos primórdios do processo de constituição psíquica trazendo contribuições de inestimáveis valor para a clínica psicanalítica.

Este estudo se propõe a percorrer parte da obra de Freud e Bion, tendo como fio condutor as teorias metapsicológicas que estes autores elaboraram, implícita ou explicitamente, sobre a gênese da capacidade de pensar.

RÉSUMÉ

Le rajeunissement, dans le champ de la psychanalyse, d'une théorie sur la pensée, se montre très important pour la clinique de psychopathologies des structures plus complexes. Dans ce sens, la supposition d'une genèse de la capacité de pensée a beaucoup enrichie les réflexions a propos des premiers moments de la constitution psychique en apportant des très importants contributions a la clinique psychanalytique.

Cet étude a pour but parcourir part de l'oeuvre de Freud et de Bion, ayant comme conducteur les théories metapsychologiques de ces auteurs, implicite ou explicitement, sur la genèse de la capacité de pensée.

Palavras-chave

Pensamento originário – pensamento inconsciente – pensamento secundário

Constituição psíquica

W.Bion

***Rêverie* materna**

Função alfa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	1
I – UM RECORTE POSSÍVEL NA TEORIA FREUDIANA -----	7
1. 1 – A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA	
ATIVIDADE DE PENSAR -----	11
1. 1. 1 – O Pensamento Secundário-----	16
1. 2 – COISAS, PENSAMENTOS E PALAVRAS -----	23
1.2.1 – O Pensamento Inconsciente-----	23
1.2.2 – Expressões do Inconsciente-----	29
1. 3 – O PENSAR E A GÊNESE DA DIFERENCIAÇÃO EU/NÃO-EU -----	36
II – A CONTRIBUIÇÃO DE BION -----	44
2.1 – PRIVILÉGIO CONFERIDO AO TEMA DO PENSAR -----	47
2.1.1 – Freud e Melanie Klein: a Herança de Bion-----	47
2.1.2 – O Percorso Clínico Inicial-----	51
2. 2 – DAS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS À GÊNESE	
DA CAPACIDADE DE PENSAR -----	67
2.2.1 – A Experiência como Fundamento da Capacidade de Pensar-----	70
2.2.2 – Pensar as Experiências: O Alimento Psíquico-----	83
2.2.2.1 – O Modelo -----	90

2.2.2.2 – A Metapsicologia-----	97
2.3 – A RÊVERIE MATERNA E A CONSTITUIÇÃO	
DO ESPAÇO PSÍQUICO-----	107
2.3.1 – Sobre o Conceito de <i>Rêverie</i> Materna-----	107
2.3.2 – A Tridimensionalidade e a Constituição	
do Espaço Psíquico-----	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	120
BIBLIOGRAFIA-----	125

*A própria observação de uma
criança pequena normal já evoca
uma verdadeira fenomenologia
estética das coisas no nascimento
de sua nomeação; exigindo que o
corpo se despoje de certas
organizações discursiva da
representação espaço-temporal,
caso deseje se deixar informar (e
transformar) pelas vivências de
intimidade e de estranheza da
criança.*

*Pierre Fedida
(Nome, Figura, Memória)*

INTRODUÇÃO

Muitas vezes, indagações acerca da capacidade de pensar apresentam-se na clínica psicanalítica de maneira não muito delineada ou às vezes mesmo como incógnita silenciosa, atravessando questões que nos instigam por suas características bizarras. É o que freqüentemente acontece, por exemplo, quando temos a oportunidade de receber na clínica pacientes cuja fala chama nossa atenção porque parece carecer de abstração, como se falar e fazer fossem a mesma coisa; outros, como em alguns casos de gagueira, por exemplo, manifestam uma fala retalhada, fragmentada, que nos interroga sobre a fluência de seu pensamento e possibilidade de comunicação; outros ainda, nem chegam a desenvolver linguagem nem capacidade de pensar.

Recentemente, nossa atenção foi atraída pelo tema ao nos depararmos com crianças que não chegaram a desenvolver linguagem. Seu silêncio e dificuldade de comunicação, em vez de nos calar, instigava-nos a considerar a possibilidade de tratamento. Muitas vezes isoladas de si mesmo, vivendo em um mundo que parecem não conhecer, essas crianças suscitavam, a cada encontro, inúmeras questões: por que não falam? Podemos atribuir algum nível de representação aos seus movimentos e produções sonoras? Se não são representativos, o que promovem? A que respondem? Para que existem? Se existem, que mecanismos psíquicos estão presentes? Em estado de desenvolvimento tão primitivo, podemos falar em algum nível de estruturação

psíquica? Que material elas trazem para as sessões que permite considerar a possibilidade de tratamento?

Permitir alguma comunicação através da linguagem assim como o conhecimento, não só do mundo externo como também de seu mundo interno, tornaram-se objetivos básicos do tratamento. Mas para conhecer é preciso pensar; é preciso pensar o mundo e pensar a si mesmo na semelhança e na diferença com o outro. Seria correto supor que essas crianças não possuem capacidade de pensar? Como poderia a capacidade de pensar responder por danos estruturais tão primitivos? Seria possível desenvolver uma atividade de pensar lá onde parecia não existir?

Não possuíamos respostas para essas e tantas outras questões que nos surgiam. Tínhamos apenas a intuição de um terreno a pesquisar; intuição esta despertada pela indicação freudiana de que o psiquismo se constitui com um ato de pensar. Parecia-nos, então, evidente que essas questões enviavam imediatamente, não apenas aos primeiros momentos do funcionamento do aparelho psíquico, mas inclusive a imaginar um ponto zero no processo de sua instalação, e que a suposição de uma gênese da capacidade de pensar nos forneceria elementos que enriqueceriam nossas reflexões. Essa era uma proposta sem dúvida ousada, se não considerada, tal como sugere Green (1987:1305), como "mito de referência"¹.

Nesse contexto, a freqüente identificação, no campo psicanalítico, da obra de Wilfred Bion com o tema do pensar, acabou por fazer com que a tomássemos como uma importante referência teórico-clínica para o estudo que nos propúnhamos a fazer. Em meados do século passado, Bion, instigado pela clínica da esquizofrenia, reconhece na capacidade de pensar a função psíquica que, quando comprometida, interfere negativamente no processo de constituição e desenvolvimento psíquico, pois, para ele, dela depende a possibilidade dos indivíduos

¹ "Mito de referência" é uma expressão criada para designar um conjunto de conceitos elaborados a partir da clínica, que constituem a história mítica, hipoteticamente construída, do processo de constituição e desenvolvimento mental, que a psicanálise adota como referência para pensar sua clínica.

utilizarem as palavras como representação de suas próprias experiências, enriquecendo, assim, seu mundo psíquico. Conseqüentemente, Bion atribui ao comprometimento da capacidade de pensar a ocorrência de graves danos à possibilidade de conhecimento, tanto do mundo interno como do mundo externo. Assim, interessado em pesquisar clinicamente os fenômenos revelados pela esquizofrenia, Bion dirige a sua atenção não tanto para o pensamento, mas para a capacidade de pensar de seus pacientes, isto é, para a capacidade que seu aparelho psíquico possui para tomar conhecimento da realidade, para operar com seus conteúdos em prol de seu desenvolvimento psíquico, interessando-se, além disso, pelo modo através do qual esse processo é impedido. Sua genialidade leva-o a formular uma teoria sobre o pensar na qual sugere que o pensar não é uma função que se desenvolve espontaneamente, mas que precisa ser originalmente aprendida e que esta aprendizagem se dá na relação primitiva mãe-bebê: a mãe recebe de seu filho e pensa por ele as emoções que, sozinho, ele não consegue suportar. Assim, ela ensina seu filho a pensar. A teoria sobre o pensar que Bion elabora, procura reunir elementos que configurem não apenas a questão da gênese da capacidade de pensar, mas que concomitantemente expliquem também a questão da aprendizagem. Era preciso responder, também, à questão de como uma função, que primariamente é exercida pelo psiquismo da mãe, pode, posteriormente, ser exercida de forma independente pelo psiquismo do bebê. Bion utiliza-se de conceitos abstratos, como função-alfa, elementos-alfa e função-beta, para elaborar, também, uma metapsicologia que permita explicar a capacidade e a não-capacidade de pensar.

Se é Bion quem nos apresenta uma teoria sistematizada sobre o pensar, o terreno que ele percorre, entretanto, já havia sido, de certo modo, demarcado por Freud. É o próprio Bion quem nos alerta para o legado freudiano. Ele elege o texto de 1911 - *Os dois Princípios do Funcionamento Mental*, sua principal via de interlocução com Freud. Acreditamos que esta eleição se deve ao fato de que nesse texto Freud destaca, de modo bastante próximo às

indagações iniciais de Bion, a importância da atividade de pensar para o conhecimento da realidade. Bion aproxima-se desse texto de forma bastante crítica e nele colhe questões que lhe servem de referência: qual a função da consciência em relação ao processo de conhecimento? Qual a relação entre as palavras e o processo de conhecimento? Qual a dimensão da afirmativa freudiana que diz que o pensar é originalmente “dirigido para as relações entre impressões de objetos”?

Fazemos das referências de Bion, nossas próprias referências e as consideramos como ponto de partida para a exploração do tema da atividade de pensar nos escritos de Freud. Assim, nossa dissertação é composta de dois capítulos que, por sua vez são subdivididos em tópicos. No primeiro capítulo, nos dedicamos, então, à obra de Freud.

Freud confere ao pensar um domínio muito amplo de atividades psíquicas. Adotando uma perspectiva genética, Freud supõe a existência de um pensamento originário, atividade primeira e constituinte do aparelho psíquico na produção de uma realização alucinatória de desejo primária. Freud concebe, ainda, um pensamento secundário, resposta adaptativa do aparelho psíquico às exigências impostas pela necessidade de vida; faz também a hipótese de um pensamento inconsciente, resquício do pensamento primário que, em consequência da atuação das pulsões sexuais, mantém vivo no sistema inconsciente uma forma primária de pensar.

O tema da atividade de pensar está presente no pensamento freudiano desde o *Projeto*, texto datado de 1895, anterior, portanto, ao nascimento da própria psicanálise. Apesar da importância conceitual que o tema possui, principalmente na elaboração da Primeira Tópica, Freud nunca chegou a tematizá-lo de forma precisa, o que acaba por conferir-lhe uma aparência pouco definida. Esses fatores – a ampla abrangência e a ausência de tematização – fazem com que nossa aproximação da obra freudiana acerca da questão da gênese da capacidade de pensar, siga, de um lado, as mais evidentes indicações freudianas a respeito do tema e, de outro, as referências

nas quais Bion se apóia. Assim, nosso estudo encontra suas maiores referências no período que corresponde às elaborações freudianas da Primeira Tópica. Justificamos a opção de nos limitarmos a esse período do pensamento psicanalítico, porque os textos freudianos mais freqüentemente associados ao tema da atividade de pensar – *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e *Os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911) – ambos pertencem à primeira tópica. De fato, das duas teorias que Freud elabora sobre o aparelho psíquico, é na Primeira Tópica que o tema do pensar é abordado de modo mais direto.

O recorte que promovemos no texto freudiano também é norteado por alguns elementos pontuados a partir das reflexões de Bion que versam sobre o tema da capacidade de pensar: a questão da percepção e dos traços mnêmicos, a representação inconsciente (ou representação-coisa), e as palavras (ou representação-palavra). A estes elementos, adicionamos a questão do desejo e, implicitamente, também a da pulsão. Nesse contexto, a atividade de pensar é o fio que nos permite, neste estudo, construir uma interface entre eles.

O segundo capítulo de nosso estudo é dedicado às contribuições de Bion ao tema da gênese da capacidade de pensar. Nosso interesse na questão da gênese traz como consequência para esta pesquisa, que focalizemos nossa atenção nas primeiras produções teóricas bionianas, nas quais ele está, de certo modo, ainda empenhado na elaboração de um “mito de referência”. Trabalharemos, basicamente, a partir de três eixos: os artigos clínicos sobre a esquizofrenia, nos quais poderemos acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Bion que desembocará na elaboração da teoria sobre o pensar; a própria *Teoria Sobre o Pensar*; e os primeiros desdobramentos da teoria recém sistematizada.

Nossa proposta neste estudo, é a de percorrer parte dos terrenos de Freud e Bion, fazer inspeções, esmiuçar alguns pontos que nos pareçam de maior relevância, de modo a olharmos entre as tramas que tecem as teorias que esses autores elaboraram. Nossa intenção é

aproximarmo-nos dos primórdios do psiquismo e acompanharmos esses autores em suas ‘ficções’ acerca do processo de constituição psíquica. Nosso fio condutor, a capacidade de pensar.

CAPÍTULO I

UM RECORTE NA TEORIA FREUDIANA

Há cem anos passados, ao empenhar-se na elaboração de uma teoria psicológica que explicasse os fenômenos psicopatológicos, Freud adota o sonho como paradigma teórico, devido, entre outros fatores, à forte semelhança de estrutura que constatava existir entre este e os sintomas neuróticos. Para ele, que apostava no determinismo psíquico, os sonhos, tal como os sintomas, eram produções psíquicas que possuíam sentido, apesar de, com frequência, terem aparência desconexa, absurda e ilógica.

O duplo movimento – regressivo e progressivo – que no Rascunho K (1896) ele havia descrito como modelo de formação de sintomas neuróticos tem como consequência, nesse paralelo que ele estabelece com os sonhos, a nítida separação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente dos sonhos. Quando escreve o livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900), um dos pontos de seu interesse é a elaboração de um modelo de aparelho psíquico que permitisse criar uma ponte que suprisse o *gap* que parecia existir entre as manifestações oníricas e seu sentido. Para Freud era evidente que aí residiria a novidade que ele apresentava ao mundo científico:

Todas as tentativas até hoje feitas de solucionar o problema dos sonhos têm lidado diretamente com seu conteúdo *manifesto*, tal como se apresenta em nossa memória (...) Somos os únicos a levar algo mais em conta. Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossas investigações: a saber, seu conteúdo *latente*, ou (como dizemos) os “pensamentos do sonho”. (Freud,1900:270)

Partindo do sonho manifesto, o que o indivíduo relata ao despertar, Freud (1900) faz a suposição de um pensamento latente, inconsciente, que conferia sentido aos sonhos, e cria a ficção de um processo de trabalho do sonho, através do qual o pensamento inconsciente, em sua luta por encontrar expressão, transforma-se em conteúdo manifesto. A análise dos sonhos permitiu que Freud (1900) concebesse a existência de “cadeias de pensamentos inconscientes ativas em nosso psiquismo” (Freud,1900:480); cadeias estas que são inconscientes não apenas em seu sentido qualitativo, mas também cujas características ele atribui às leis que regem o sistema inconsciente.

A introdução da hipótese da existência de pensamentos inconscientes teve, sem dúvida, um efeito revolucionário nas teorias psicológicas sobre o pensamento, pois estes não só diferiam “com facilidade do que percebemos durante a reflexão intencional acompanhada da consciência” (Freud,1900:274), como também sugeriam uma independência, entre o pensar e a qualidade consciente dos pensamentos. Para Freud, era possível existir atividades de pensamento extremamente complexas sem a participação da consciência. Para se tornarem conscientes, os pensamentos inconscientes deveriam associar-se às palavras, ou mais especificamente, às representações-palavras. O estudo dos sonhos é a via que nesse momento Freud adota para a exploração dos processos psíquicos, sem, no entanto, omitir a dificuldade da tarefa que assumia:

Não há possibilidade de *explicar* os sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar algo significa fazê-lo remontar a alguma coisa já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo das forças que nele atuam. (Freud,1900:469)

A escolha dessa via tem como conseqüência a própria invenção da psicanálise e a elaboração de uma teoria metapsicológica que, tendo começado alguns anos antes, silenciosamente, na forma de projeto, irá acompanhá-lo durante toda sua produção teórica, sofrendo reconstruções permanentes. Embora nesse contexto, a idéia de pensamento inconsciente se afirme como uma das principais descobertas freudianas, Green (1993) faz notar que após o texto de 1900 o tema da atividade de pensar permaneceu “submerso nas dobras do psiquismo inconsciente” (Green,1993:266). Entretanto seria justamente aí que sua presença silenciosa deveria ser detectada e pensadas suas conseqüências teóricas². Ainda para Green, foi apenas em 1911, no texto *Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* que o tema da atividade de pensar volta a emergir claramente na teoria freudiana.

Esses dois textos pertencentes à primeira tópica - *A Interpretação dos Sonhos* de 1900, e *Sobre Dois Princípios dos Funcionamento Mental*, datado de 1911 - são, dentre os textos freudianos, os freqüentemente identificados ao tema do pensamento. No primeiro, Freud introduz sua descoberta de que os pensamentos (situados e denominados no âmbito do pensamento inconsciente) podem ser inconscientes, no sentido de que se processam segundo as leis que regem

² No original e que condensamos de forma livre: “(...) elle s'enfonce dans les plis du plis du psychisme inconscient. Ici. L'expression est à prendre littéralement: inconscient veut dire non conscient, là où il faut détecter as présence toute silencieuse , mais combiem grosse de conséquences sur le plan des inférences théoriques.” (Green,1993:266)

o sistema inconsciente; no segundo, ele trabalha sobre o desenvolvimento do pensamento secundário a serviço do princípio de realidade.

O pensamento inconsciente e o pensamento secundário têm sido tradicionalmente considerados separadamente pelos estudiosos de Freud: ou bem toma-se como referência o texto de 1900 e explora-se o tema pela via do inconsciente e da realidade interna, ou bem prioriza-se o texto de 1911 valorizando as funções do pensar a serviço do princípio de realidade e logo, da consideração da realidade externa. Acreditamos que essa forma de abordagem decorre, em grande escala, da própria característica da teoria freudiana sobre o pensar. Freud confere à atividade de pensar um domínio muito amplo sem, entretanto, nunca tê-la tematizado de forma precisa. Além disso, algumas vezes se refere ao pensar em situações de aparente contradição, sem nunca tecer comentários sobre isso, permitindo-nos supor uma fragilidade no estabelecimento das definições sobre o processo de pensar. Por exemplo, no livro *A interpretação dos sonhos*, no mesmo parágrafo em que define a alucinação primitiva como uma “atividade primitiva de pensamento”, afirma que “o pensamento, afinal, não passa de um substituto de um desejo alucinatório” (Freud,1900:516). Neste mesmo livro, onde sistematiza a idéia de que há uma atividade de pensar pertencente ao sistema inconsciente, logo operando segundo o modo de processamento primário, ele afirma várias vezes que o pensar é um processo secundário e sob o domínio do princípio de realidade, concepção que ele inclusive já havia desenvolvido no *Projeto* ao afirmar que “a partir do exemplo de juízo resulta uma indicação para a diferença entre *pensar* e processo primário” (Freud,1985:47).

Os exemplos seriam muitos, se fosse nosso objetivo contrapor Freud com ele mesmo. O que nos interessa, entretanto, é averiguar não apenas que definição sobre o pensar Freud poderia ter em mente que o permitisse abranger um tão amplo espectro de atividades psíquicas, como

também recontar, se possível for, em suas idéias, uma função para a atividade pensante: o que é pensar para Freud e como ele se origina?

Tomaremos essas questões como uma forma de orientação em nosso percurso pelos textos freudianos; se não pudermos respondê-las, deixarmos-nos sensibilizar por elas terá sido nosso passo.

1. 1 – A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE DE PENSAR

Tomaremos como ponto de partida para uma compreensão psicanalítica do pensar a experiência de satisfação originária tal como descrita por Freud em 1895. Denomina-se experiência de satisfação a um tipo de experiência originária que consiste na eliminação, graças a intervenção externa, da tensão gerada por uma excitação de origem interna. A situação exemplar fornecida por Freud (1900) é a do bebê que sente fome, chora, se agita, mas só elimina efetivamente seu desprazer quando é amamentado. O ser amamentado é o que propicia a experiência de satisfação, na medida em que apazigua o estado de tensão e desprazer provocado pela sensação de fome. O componente pulsional que acompanha as experiências humanas implica em que, ao mesmo tempo em que o leite mata a fome, mate também “tudo o que nela há de exclusivamente orgânico e natural” (Steffen *apud* Safouan, 1979), pois o prazer que propicia não nega o caráter sexual que se apóia nessa necessidade básica, instalando em seu bojo um estado de desejo. Dessa experiência restará uma imagem mnêmica da percepção que a acompanhou, estabelecendo-se um vínculo entre o estado de necessidade/desejo e o registro mnêmico dos componentes da experiência de satisfação, ou seja, entre as sensações exteroceptivas, fornecidas pelos órgãos dos sentidos, e as sensações proprioceptivas, que Freud descreve como excitações

sensoriais dos músculos. Em decorrência deste vínculo, na próxima vez em que o mesmo estado de necessidade/desejo for reativado, o aparelho psíquico, regido pelo princípio de prazer, visará, de algum modo, a reencontrar a representação da experiência satisfação, isto é, visará encontrar uma identidade entre a imagem mnêmica da experiência originária e a representação do que então se apresenta como reedição dessa experiência. Esta identidade servirá como sinal para que a descarga se efetue, eliminando a tensão. A essa moção pulsional que procura reinvestir a imagem mnêmica da experiência de satisfação, Freud chama de desejo, o reaparecimento da percepção é a realização de desejo, e a fantasia³, sua representação.

A atividade de pensar começa, segundo Freud, quando o bebê, em estado de absoluto desamparo e insatisfação, tem sua necessidade/desejo frustrado: a experiência não é reeditada e o aparelho psíquico, que neste ato se constitui, pressionado pelo princípio de prazer, 'deve dar seu jeito' para que o estado de identidade se estabeleça, isto é, para que a imagem então percebida seja idêntica à imagem mnêmica da experiência de satisfação. Esta atividade - "levar a um estado de identidade" (Freud, 1895) - é "a meta e a finalidade de todos os processos de pensar", escreve Freud no *Projeto*⁴.

O pensar nasce regido pelo processo primário. Este traduz a intuição, apresentada desde o *Projeto* (1895), de um modo de circulação de energia por Freud chamado de livre. Para ele, em

³ O conceito de fantasia deve ser entendido aqui em um sentido bem amplo. Segundo Laplanche & Pontalis (1967), podemos recortar na obra de Freud, três níveis de fantasias : a consciente, a subliminar ou pré-consciente e a inconsciente. Todas as três, no entanto, estão referidas à realização de desejo, na medida que sua origem é sempre inconsciente.

⁴ Uma ressalva, no entanto, precisa ser feita. Ao relacionar no *Projeto* o pensar à busca de um estado de identidade, Freud não possuía, objetivamente, uma concepção de pensamento tão abrangente como demonstrará ter alguns anos depois, quando escreve *A interpretação dos sonhos* (1900). No *Projeto*, o estado de identidade a que ele se refere é apenas a identidade de pensamento, regido pelo processo secundário. Ele é, nesse momento, categórico em afirmar que a atividade de pensar é um processo secundário, afirmação que ele irá reiterar inúmeras vezes no texto de 1900. No entanto, no livro *A Interpretação dos Sonhos*, ele concebe também como atividade de pensar a identidade de percepção, esta regida pelo processo primário. Acreditamos, assim, não estarmos incorrendo em erro, ao deslocarmos a frase freudiana acima referida, para situá-la em um contexto mais adequado ao que entendemos ser uma de suas mais importantes contribuições, como veremos no desenvolvimento deste tópico.

um momento primitivo do processo de constituição psíquica, a energia circula de forma incoercível – livre – para a descarga, pelo caminho de maior facilitação⁵, pois o aparelho psíquico ainda não é capaz de influir nesse curso alterando-o; interessa-lhe apenas a obediência ao princípio do prazer. Este exige, nesse estado primário, que a circulação de energia evite a promoção de qualquer desprazer que contrarie sua prevalência. Nesse contexto, o pensar nasce para atender a perspectiva hedonista predominante do aparelho psíquico.

Freud adota como modelo de funcionamento psíquico ao descrever o processo primário, a idéia de uma excitação inicial de origem interna geradora de desprazer e de um aparelho psíquico que desenvolve uma atividade de descarga em pura obediência ao princípio de prazer. Este modelo dá a impressão de que Freud teria concebido uma organização psíquica primária fechada à influência do mundo externo. Lembramos, entretanto, que em 1911, ele faz a ressalva de que “a utilização de uma ficção como esta (...) justifica-se quando se considera que o bebê - desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe – quase realiza um sistema psíquico deste tipo”. Embora neste mesmo texto Freud diga que as qualidades sensoriais só passam a ser incluídas pelo psiquismo com o desenvolvimento do pensamento secundário (o que veremos um pouco mais adiante), interpretações atuais do texto freudiano nos permitem, pelo menos, relativizar essa concepção de um isolamento psíquico primitivo. Dayan (1984), por exemplo, entende que o mito da experiência de satisfação representa a intuição freudiana da importância das experiências reais na formação da realidade psíquica, idéia esta da qual Laplanche (1988) parece também ser partidário. Segundo Laplanche (1988), é preciso conceber um sistema de marcas provenientes da sensação no estado mais primitivo do psiquismo, anterior mesmo ao próprio princípio de prazer, uma vez que este “é captado primeiro na reprodução alucinatória de tais marcas”

⁵ O termo facilitação foi utilizado no *Projeto*, quando Freud desenvolve um modelo neurológico de aparelho psíquico, para indicar uma baixa de resistência à circulação de energia, logo uma maior facilitação.

(Laplanche,1988:11). Podemos citar ainda Green (*Le Travail du Negative*:243), para quem a realização alucinatória de desejo “repousa sobre traços de experiências reais que supõem a ação de um objeto *real*”. Ele esclarece que por real ele quer significar prioritariamente a influência do objeto sobre a realização alucinatória de desejo ou qualquer outro “funcionamento da realidade psíquica”.

Apoiados nesses argumentos acima referidos, pensamos poder afirmar que o aparelho psíquico, fracassando em atender as exigências do princípio de prazer através de sua tendência primitiva à descarga motora, primeiro valoriza a percepção de suas experiências como signo de satisfação, depois, dada sua imaturidade, tende a efetuar um movimento regressivo até a descarga total no sistema perceptivo, catexizando as marcas mnêmicas pelas vias de maior facilitação. Neste movimento, ele reencontra a reedição da percepção de sua experiência mesmo que então ela seja alucinatória. Esse processo constitui o que Freud denominou de identidade de percepção e tem como consequência a reprodução alucinatória das representações as quais a experiência de satisfação original atribuiu um valor privilegiado. Esse processo de alucinação primária é, segundo Freud, constitutivo do psiquismo, e ele o designa como sendo uma atividade primitiva de pensamento. No texto *A Interpretação dos Sonhos*, lemos:

Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade.

A amarga experiência da vida deve ter transformado essa atividade primitiva de pensamento numa atividade secundária mais conveniente.” (Freud,1900:516)

Nesse contexto, o psiquismo do bebê, ainda em estágio de desenvolvimento incipiente, quando nele se reativa o mesmo estado de necessidade/desejo que acompanhou a experiência de

satisfação, busca, na ausência do objeto, primeiro estabelecer uma identidade de percepção e reevoca alucinatariamente a imagem mnêmica da experiência de satisfação, sem levar em consideração a realidade. Isto é, o bebê constrói seu mundo de modo alucinatório, sem considerar se a percepção que ele então experimenta, decorre da presença do objeto real. Segundo Green (1986), “o que Freud chama de realização alucinatória de desejo é a ‘teoria’ do seio inventada pela criança” (Green,1986:98).

Não saberíamos dizer qual é a importância biológica da imagem alucinada, pois o seio alucinado não mata a fome e o bebê logo descobrirá que o prazer alucinado também falha em seu propósito de proporcionar a satisfação. Mas a nível psíquico a alucinação primária da imagem mnêmica da experiência de satisfação possui importância fundamental. Em primeiro lugar, porque a moção pulsional ao reativar a imagem mnêmica da experiência de satisfação instalando um estado de desejo, tem na imagem alucinada a representação de sua satisfação, e o desejo encontra nesta mesma alucinação sua realização. Em segundo lugar, porque, concomitantemente, a imagem alucinada também corresponde ao protótipo do pensamento, o que traz como consequência uma aproximação entre o pensar e o movimento desejante. Essa aproximação é ressaltada por Freud (1900) no estudo sobre a interpretação dos sonhos no qual ele estabelece uma relação entre os pensamentos inconscientes do sonho e as moções de desejo. A moção de desejo é, por assim dizer, o “capitalista” (Freud,1900:512) que investe na produção do sonho, ou seja, a força propulsora da atividade de pensar.

A partir das interpretações de Dayan (1984) sobre a relação entre a fantasia e a realidade, podemos estender um pouco mais nossas considerações sobre as consequências da conceituação da imagem alucinada para a teoria do pensar. Segundo esse autor, “o conceito de fantasia como expressão da pulsão em busca de objeto (segundo sua própria essência)” não implica apenas em ato defensivo de afastamento da realidade, porque fantasiar seria também um movimento

“expressivo e não simplesmente defensivo”, diz Dayan (1984:362). Propõe o desdobramento do valor expressivo da fantasia pois, se o inconsciente tem a necessidade de se expressar, é a fantasia que surge como mediadora entre a pulsão e o modo como ela se exterioriza. Para Dayan, a fantasia é a mediadora e a própria expressão da pulsão – “*exprimant/exprimé*”. Partindo dessas considerações e retornando à sua instituição no infantil, temos que para Freud, a imagem alucinatória é a expressão primeira e primitiva da pulsão e na verdade, sua própria ‘garantia’ de satisfação na medida em que antecipa a que a representação deve se assemelhar para que se atinja uma satisfação real (Acreditamos que esta é a valiosa indicação revelada pelo conceito de representação-meta e pela própria idéia de busca de identidade.). Se a imagem alucinatória apresenta-se como expressão da pulsão, o pensar é o mediador. Talvez pudéssemos concluir que, para Freud, o pensar nasce com a função (pelo menos, essa seria uma das funções) de mediar o pulsional e o modo como ele se exterioriza, isto é, sua expressão, garantindo a possibilidade de satisfação.

1.1.1 - O Pensamento Secundário

Partindo da experiência de satisfação e da ineficiência da realização alucinatória de desejo para garantir a vida, Freud, adotando uma perspectiva genética, concebe uma forma de pensamento psíquica e estruturalmente mais desenvolvida que pudesse corrigir a inabilidade do pensar primário para considerar o teste de realidade: o pensamento secundário.

O pensamento secundário se desenvolve a partir da necessidade de que o aparelho psíquico se decida por uma atividade mais conveniente à manutenção de vida e que o previna do engodo provocado pela alucinação, tornando-o mais capacitado para as exigências de vida. Para

Freud, um sistema tão elementar que desconsiderasse a realidade externa não garantiria a sobrevivência biológica de um organismo complexo que recebesse, além dos estímulos de origem externa, os originados no “interior do próprio elemento corporal”⁶, os quais “só cessam sob condições determinadas que têm de ser realizadas no mundo externo” (Freud,1895:11). Ele concebe, então, a necessidade de que o organismo execute uma ação específica que interfira efetivamente na realidade de modo a poder eliminar o desprazer decorrente do estado de excitação, o que acaba por exigir do aparelho psíquico uma modificação em seu estado primário. É preciso que ele se abra para o mundo exterior e considere, em sua atividade de pensar, as informações que decorrem desse encontro e que assim aprenda a diferenciar memória de percepção de objeto real, de modo não se deixar enganar pela imagem alucinada. O mundo que então o bebê cria deve também estar de alguma maneira referido à realidade externa e a ela pedir sua confirmação. Cabe ao pensamento secundário a função de comparar os dois processos representativos – o mnêmico e o proveniente da percepção do mundo externo – e decidir pelo momento mais eficiente para a descarga de energia ao estabelecer não mais uma identidade de percepção, mas uma identidade de pensamento.

Vemos que a busca da identidade continua a ser a finalidade do pensar, mas nessa forma secundária, adaptada às novas condições impostas pelo psiquismo. Para tanto é preciso que o aparelho psíquico não mais elimine sua energia de forma livre e pela via mais rápida, mas que possa retê-la, adiando sua satisfação e administrando-a economicamente, de modo a garantir a possibilidade de uma ação eficiente na eliminação do desprazer.

Freud concebe, pois, um segundo modo de circulação de energia, que se faz de forma comedida e controlada, embora não perca de vista a tendência para a descarga - o processo

⁶ Laplanche e Pontalis (1967) chamam a atenção para a hesitação de Freud quanto a forma de se referir a noção de excitação interna: “A excitação endógena é sucessivamente concebida como proveniente do interior do corpo, depois do interior do aparelho psíquico, e finalmente como armazenada no ego definida como reserva de energia”.

secundário; e um segundo princípio regente do funcionamento psíquico que assegure a relação com a realidade e que intervenha no já conhecido princípio de prazer – o princípio de realidade. Esse determina que não é mais suficiente que se oriente pelo o que é bom e agradável; é preciso que se considere uma outra propriedade do objeto, a de ser real ou existir realmente. A consideração dessa propriedade é condição do desenvolvimento psíquico; o processo secundário, ao corrigir a circulação livre de energia transformando-a em energia ligada, permite que o princípio de realidade se realize.

Assim, o processo secundário, ao transformar a energia livre em energia ligada, assume o controle da descarga de energia, utilizando-se disso em seu próprio benefício. A demora dessa descarga torna-se agora essencial para que o caminho a ser trilhado pela energia atenda a outros propósitos do que a pura eliminação. Nesse movimento, a atividade de pensar se complexifica: o pensar tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas *intensidades* dessas representações e para tanto, diz Freud, deve “libertar-se cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer e restringir o desenvolvimento do afeto na atividade de pensamento ao mínimo exigido para que ele atue apenas como sinal” (Freud,1900:545). Desse modo, é necessário que o pensar opere com o controle do nível de catexia afetiva: esta deve ser tão baixa quanto possível para evitar o desprazer desnecessário, mas também intensa o suficiente para funcionar como sinal de angústia. Caberia perguntarmos: como um psiquismo tão imaturo como o regido pelo processo primário poderia estruturar-se de modo a atender todas as exigências do princípio de realidade?

Abordando essa questão, Gressot (1969) nos diz que, do mesmo modo que Freud introduz a gênese da atividade de pensar fazendo-a surgir praticamente como um processo de maturação interna de orientação inata, embora não descartando os aspectos adaptativos, a passagem do pensamento primário para o pensamento secundário parece ocorrer também nessa mesma sinergia

do processo maturativo e adaptativo. Segundo Freud, no entanto, processo secundário depende da estruturação do eu e de seus recursos para intervir ativamente no curso de energia. O eu é a instância psíquica à que Freud designa, no *Projeto*, a função psicológica de intervir no processo primário transformando a energia livre em energia ligada. Para melhor entendermos esses recursos e ampliarmos a compreensão sobre o pensar secundário, é necessário levarmos nossa atenção de volta ao processo primário para incluirmos um fator relevante até então omitido: o mecanismo de defesa primário.

Vimos que, para Freud, o princípio de prazer, o processo primário e a experiência de satisfação constituem elementos fundamentais no processo de constituição psíquica. Cabe agora acrescentar que além da experiência de satisfação, Freud postula um outro tipo de experiência igualmente primitiva e fundamental para a constituição do aparelho psíquico: a experiência da dor. Esta é resultante da irrupção de uma excitação superintensa que rompe os dispositivos protetores do aparelho psíquico desencadeando grande desprazer. Do mesmo modo que a experiência de satisfação, a experiência da dor também deixa marcas no aparelho psíquico e cria facilidades que a vinculam à imagem mnêmica do objeto hostil. Quando esta é de alguma forma estimulada de novo, tende a produzir um afeto que “não é a dor, mas que, todavia, tem semelhança com ela” (Freud,1895:34), e que contém desprazer. Sabemos, entretanto, que é próprio do aparelho psíquico a evitação do desprazer, por isso, dirá Freud, “da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil” (Freud,1895:35). Essa aversão ele nomeará de defesa ou repressão primária. Temos assim duas experiências básicas – a de satisfação e a de dor – que desencadeiam mecanismos diferentes de pensamento primitivo: um, de forte atração, e outro, de total evitação.

A idéia de evitação do investimento de uma imagem mnêmica hostil introduz um novo elemento de fundamental importância para a compreensão do pensamento secundário. Ela

pressupõe que o eu se configure de modo a poder influir no curso natural de eliminação de energia utilizando-se de suas próprias catexias para criação de facilitações laterais temporárias e, principalmente, de contra-investimentos que garantam a eficiência da defesa. A esse respeito, Freud (1915) afirma que o contra-investimento é o único mecanismo da defesa primária.

Esses mecanismos de ligação e inibição (que são as facilitações laterais temporárias e os contra-investimentos) representam recursos do eu capazes de promoverem o desenvolvimento do pensar, pois, tanto propiciam a evitação da satisfação alucinatória, como também permitem que a imagem mnêmica hostil seja moderadamente investida de energia, sem que, no entanto, ocorra uma produção excessiva de desprazer. Segundo Freud (1900), uma representação só pode ser catexizada se o eu estiver em condições de inibir o desenvolvimento de desprazer que provenha dela. Assim, o eu, tendo como referência, por um lado, o controle do nível de catexia afetivo e por outro, o teste de realidade, permite que o pensar trilhe novos caminhos de descarga de energia que atendam às exigências do princípio de realidade embora não percam de seu horizonte as imposições do princípio de prazer. Green (1982) retira disto uma importante conclusão:

O destino do afeto é pois, nos processos pré-conscientes e conscientes, [leia-se pensamento secundário], o de ser inibido quantitativa e qualitativamente. Nenhum trabalho do pensamento é compatível com uma elevação quantitativa e uma intensidade qualitativa muito grandes. (Green,1982:297)

Um outro recurso extremamente importante para o desenvolvimento do pensar secundário é a substituição do mecanismo de “repressão” (tal como Freud se refere em 1911 ao mecanismo de defesa de que falamos antes), “que excluía da catexia como produtora de desprazer algumas das idéias emergentes” (Freud,1911:289), pelo de julgamento. Julgar é, para Freud (1925) “afirmar ou negar o conteúdo do pensamento” (Freud,1925:296). Deste modo, quando uma

repressão é posta em suspensão por interferência do eu, seu conteúdo pode ser incluído na atividade de pensar e até tornar-se consciente assumindo, se preciso for, a forma de negação. “O juízo negativo é o substituto intelectual da repressão”, diz Freud (1925:297). Se o mecanismo de repressão atende ao princípio do prazer, a função de julgar (Freud, então, refere-se ao julgamento intelectual), guiada pelo princípio de realidade, o corrige, ‘pondo de lado’ o processo afetivo e operando com seu conteúdo ideativo. Assim, com o símbolo da negativa, o pensar pode libertar-se das restrições da repressão e enriquecer-se com material indispensável ao seu correto funcionamento.

Souza (1995), no artigo *O Ego no Projeto e o Problema da Ligação*, observa que o processo secundário de pensar tem efeitos redobrados quando consideramos a experiência de dor. Ele parte do princípio de que a defesa primária, ao impedir o reinvestimento da imagem mnêmica hostil, deixa parte da memória de fora das possibilidades de curso dos processos psíquicos. Segundo o autor, a inibição dessa defesa, por intervenção do mecanismo egóico de ligação próprio ao ato de pensar secundário, permite que se ganhe não apenas um “objeto de satisfação, mas a possibilidade de uma memória ser revisitada pelo investimento energético (...)” (Souza,1995:32), promovendo uma ampliação do alcance do pensamento. Aachamos que a atribuição de juízo negativo cumpre a mesma função, na medida que também libera, de certo modo, o pensar das amarras do princípio de prazer, permitindo maiores possibilidades de experimentação de vias de trilhamento.

O pensar secundário configura-se, dessa maneira, como uma atividade exploratória do sistema mnêmico, “como uma forma de estabelecer possíveis caminhos de eliminação, de criar expectativas em relação ao mundo”, diz Gabbi Jr. (1999). Em Freud, lemos:

(...) a atividade de pensamento (...), após orientar-se no presente e avaliar experiências anteriores, se esforça, mediante ações experimentais, por calcular as conseqüências do curso de ação proposto. (FREUD,1940 [1938]: 228)

Explorar o mundo psíquico revitalizando as memórias adormecidas pelo recalque é, sem dúvida, uma importante função do pensar secundário. Com essas idéias na mente, retornaremos ao texto de Souza (1995) que nos ajuda a vislumbrar a importância desta função:

Para Freud, do início ao fim de sua obra, o princípio de realidade e a ligação da energia dizem respeito ao objetivo primeiro da análise: o levantamento do recalque. Sem isso em mente, sempre tenderemos, (...), a não avaliar em toda a sua extensão o que Freud quer dizer quando afirma, ao longo de toda sua obra, que a finalidade da análise é substituir o princípio do prazer pelo princípio de realidade. (Souza,1995:32)

Para Freud, o pensar secundário é uma função do eu e cabe a ele conhecer o mundo externo, bem como discriminá-lo do mundo interno. Vemos agora que este movimento de conhecimento do mundo externo só pode ocorrer se, paralelamente, através dessa mesma atividade de pensar, se explorar as riquezas do mundo interno. A isso acrescentamos que é um processo regido pelas leis que dominam o sistema pré-consciente, podendo ou não tornar-se consciente.

1. 2 – COISAS, PENSAMENTOS E PALAVRAS

1. 2. 1 – Pensamento Inconsciente

Em 1911, na época em que Freud trabalhava essas questões que dizem respeito ao tema do pensar, seu pensamento estava orientado pelo dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação⁷. Para Freud, essas duas espécies de pulsão se encontram, a princípio, interligadas por uma função de apoio, isto é, as pulsões sexuais se apóiam nas funções vitais valorizadas pelas pulsões de auto-conservação. Segundo Green (*Le Travail du Negative*:246), o prazer nasce desse apoio na necessidade⁸ pois, nesse momento primitivo, é a satisfação da necessidade que fornece à pulsão sexual uma fonte corporal, uma direção e um objeto, desencadeando um movimento desejante que não se satisfaz, entretanto, com as metas da pulsão de auto-conservação. Assim, as duas espécies de pulsão – a pulsão sexual e a de auto-conservação – se desligam uma da outra sofrendo, desde então, destinos diferentes. Diz Freud (1911):

Enquanto este desenvolvimento [a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade] tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais se desligam deles de maneira muito significativa. (Freud, 1911:282)

De acordo com Laplanche e Pontalis (1967), para Freud, a pulsão sexual ao separar-se da pulsão de auto-conservação, perde seu objeto tornando-se auto-erótica, isto é, encontra sua

⁷ No artigo de 1911 Freud utiliza como terminologia *pulsões do ego* e não *pulsões de auto-conservação*. Segundo Laplanche e Pontalis (1967), as pulsões do ego “são assimiladas às pulsões de auto-conservação” e, tais como às primeiras, contrapostas às pulsões sexuais. No entanto, no que diz respeito à questão do apoio, a referência às pulsões de auto-conservação mostra-se, ainda segundo Laplanche e Pontalis (1967), mais apropriada. Por esse motivo, nesse trecho de nosso trabalho, demos preferência a ela.

⁸ No original e que condensamos de forma livre: “Le plaisir naît de l’etayage sur le besoin”. (Green, *Le Travail du Negative* :246)

satisfação no próprio corpo do indivíduo. Devido a esse comportamento inicial auto-erótico, as pulsões sexuais não estão sujeitas à mesma frustração que as pulsões de auto-conservação, pois prescindem, de certo modo, da presença do objeto externo para satisfazerem-se. Daí elas ficarem preservadas da pressão que força a instituição do princípio de realidade. Em consequência, diz Freud, “uma das espécies de atividade de pensamento [fica] separada; ela [é] liberada do teste de realidade e [permanece] subordinada somente ao princípio de prazer. Esta atividade é o fantasiar...” (Freud,1911:281). Isto significa que a satisfação das pulsões sexuais independem, por um período que se estende até a puberdade, da realidade externa. Sem precisar se envolver com o teste de realidade, as pulsões sexuais não sofrem interferência do processo secundário, continuando a buscar sua satisfação pelo modo de processamento primário.

Vemos assim, que em consequência das pulsões sexuais, mantém-se viva uma forma de pensar primária denominada de pensamento inconsciente por pertencer ao sistema inconsciente, logo sendo regida pelas leis desse sistema. De acordo com Freud (1911), o pensamento inconsciente, não se submetendo ao teste de realidade, equipara a si mesmo à “realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer” (Freud,1911:285). Desse modo, podemos dizer que o pensamento inconsciente é um pensamento primário não apenas porque é resquício de um período que, ontologicamente, é o que vem primeiro, mas também por que segue as leis do sistema inconsciente, o que lhe confere características estruturais e econômicas primitivas. Assim, no pensamento inconsciente, tal como no sistema inconsciente, há uma ausência da negativa, o compromisso exclusivo com a realidade interna e as catexias são móveis, sendo transferidas livremente de uma representação a outra. Freud denomina as representações do sistema inconsciente de representação-coisa. Ela é eminentemente visual, pura “aparência de haver uma

'coisa'" (Freud,1915:224)⁹ de que nossos sentidos dão testemunho, ou seja, é composta de imagens de sensações corporais, sem possuírem, no entanto, nenhuma referência à qualidade. No texto sobre o inconsciente, Freud (1915) as descreve como consistindo no investimento, "se não de imagens mnésicas direta da coisa, pelo menos de traços mnésicos mais afastados, derivados dela" (Freud,1915:229). Queremos deter-nos mais largamente no exame da noção de representação-coisa, pois pensamos que ela é, dentre as características do pensamento inconsciente, a mais relevante para o tema a que dedicamos esse capítulo: a relação entre a percepção, o pensamento e as palavras.

Lembramos que a noção de representação-coisa surge no *Estudo Sobre as Afasias*, quando Freud ainda não se dedicava ao estudo do inconsciente nem da subjetividade psíquica. Entretanto, desde esse momento ela é estreitamente vinculada à questão da percepção a partir de uma perspectiva que destaca seu caráter subjetivo. Segundo Garcia-Roza (1991), ao concebê-la como um complexo associativo aberto, Freud estaria recusando o "conceito de impressão entendida como uma articulação ponto a ponto da estimulação periférica com a idéia" (Garcia-Roza,1991:47). Essa perspectiva situa como questão a relação entre as percepções e as representações-coisa, temática presente nas elaborações da Primeira Tópica.

No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) dedica uma importante passagem à questão de saber como ocorrem as "transformações das representações em imagens sensoriais", fenômeno característico das alucinações e produções oníricas. O modelo de aparelho psíquico que então ele adota, tem como porta de entrada um pólo sensorial a que ele faz corresponder um sistema psíquico denominado de percepção-consciência (Pcpt-Cs). A impossibilidade lógica desse sistema perceptivo responder também pela função de memória,

⁹ Essa citação consta do Apêndice C ao artigo freudiano de 1915 e corresponde a uma transcrição do *Estudo sobre as Afasias*, datado de 1891.

leva-o a conceber um outro sistema, que é o sistema mnêmico, (correspondente, por sua vez, ao do inconsciente), contíguo ao primeiro, onde as impressões sensoriais ficam retidas sob forma de traço mnésico. No pólo oposto ao sistema Pcpt-Cs, Freud situa um terceiro sistema, que é o sistema pré-consciente. Ele explica a transformação das representações em percepção segundo o sentido adotado pela circulação de energia: se o sentido é progressivo, isto é, se o investimento vai do pólo perceptivo ao pré-consciente, a atividade de pensar catexiza os traços mnêmicos em direção ao pensamento secundário, dando vida às representações. Se, caso contrário, o movimento é regressivo, o investimento retorna ao pólo perceptivo catexizando-o intensamente e as representações transformam-se em imagens sensoriais. Assim, entendemos que o processo de transformação da percepção em representação-coisa e vice-versa é mediado pelo sentido do investimento – podemos dizer, da atividade de pensar – que percorre o aparelho psíquico em direção a eliminação. Essa é uma perspectiva predominantemente dinâmica.

Se estamos corretos em conceber uma mediação na relação percepção – representação-coisa através da atividade de pensar, devemos considerar e ampliar as conseqüências que tal concepção implica, e averiguar também se ela é pertinente ao que Freud escreve 25 anos depois, no artigo *A Negativa*, no qual afirma que todas as representações se originam da percepção ou derivam dela, e que a representação é sempre representação, nem sempre fiel, de uma percepção. Assim exposto, temos a impressão que a relação entre percepção e representação adquire, nesse texto, uma perspectiva predominantemente genética em detrimento da dinâmica. Acreditamos, entretanto, que essa afirmação não difere muito de uma outra que faz parte do texto de 1900, na qual lemos: “nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa memória” (Freud,1900:493). Ora, ao lembrarmos que “nossas percepções” acham-se presentes no sistema mnêmico na forma de traços mnésicos, achamos pertinente sugerir a seguinte retranscrição da citação acima, como um passo a ser dado no desenvolvimento do nosso entendimento: nossos

traços mnésicos acham-se mutuamente ligados em nossa memória. A relação entre o traço mnésico e a memória é equivalente à relação que podemos encontrar entre o traço mnésico e a representação-coisa. Ambas, no entanto, não são muito precisas devido, segundo Laplanche e Pontalis (1967), à dificuldade de conceber no pensamento freudiano, um traço mnésico puro, totalmente desinvestido.

Essa dificuldade sugere a necessidade de deslocarmos a atenção dos traços mnésicos para a relação que se estabelece entre eles em decorrência dos investimentos. É na ligação entre os traços mnésicos que situamos a noção de representação-coisa, o que concorda com a seguinte definição proposta por Green (1982) a partir de seu entendimento do texto de Freud:

[A representação-coisa é] um conjunto associativo relativo a este ou àquele traço dela [da coisa] ou mesmo do campo no qual ela está situada e que a sua especificidade é a de ser uma figura de investimento dos traços deixados por essa configuração. (GREEN,1982:282)

Essas reflexões referidas à Primeira Tópica, permitem-nos entender melhor como a atividade do pensar inconsciente pode mediar a relação entre percepção e representação-coisa: o pensar percorre os traços mnésicos, herdeiros direto dos traços da percepção da coisa, investindo e ligando-os mutuamente, e, assim, transformando-os em representação-coisa. Desse modo, achamos não ser necessário abandonar nem a perspectiva genética, nem a dinâmica. Por um lado, podemos dizer que, se a representação-coisa deriva da percepção na medida em que ela é concebida como um conjunto associativo de traços mnésicos e que estes, por sua vez, são marcas deixadas pela percepção que ficam, assim, retidas no sistema mnêmico, por outro, a idéia de que a representação-coisa é um conjunto associativo implica na concepção de investimento; desse modo, não é preciso abandonar a concepção dinâmica.

Sabemos que a concepção dinâmica que Freud adota implica na crença de um determinismo inconsciente. Por isso, acrescentamos às nossas considerações que o investimento que percorre os traços mnésicos, e que está na origem da própria representação-coisa, não é deixado ao acaso; ao contrário, ele é orientado por representação-meta. Segundo Freud, a representação-meta é uma representação-coisa privilegiada que, ao exercer atração sobre as outras representações, orienta o curso da atividade de pensar. Laplanche e Pontalis (1967) observam, no entanto, que a representação-meta não é uma representação *de* meta, isto é, a representação-meta não é uma “instância representativa”. Nesse mesmo sentido aponta Green (1982), para quem a representação-meta é uma orientação vetorial, isto é, “não é um roteiro, mas uma aspiração que tem com a satisfação buscada pela pulsão uma relação de intercalação” (Green, 1982:283). Segundo Green (1987), a representação-meta é uma transformação da representação-coisa em decorrência do investimento do representante psíquico da pulsão. Vale recordar que esse percurso dos investimentos que, por interferência das moções pulsionais, estão orientados para um fim, nada mais é do que o processo da atividade de pensar, o que nos coloca frente a um paradoxo: as pulsões, ao hipercatexizarem determinada representação-coisa transformando-as em representação-meta, orientam a atividade de pensar. Entretanto, a atividade de pensar está na base da formação das representações-coisa.

Mantemos o paradoxo em favor dos benefícios que decorrem dessas elaborações: em primeiro lugar, que as representações-coisa não pré-existem à atividade de pensar. Entendemos, ao contrário, que elas se constituem como transformação momentânea da configuração psíquica decorrente da própria atividade de pensar, esta, por sua vez, orientada pela pulsão, ao mesmo tempo em que, enquanto “células do inconsciente” (Green, 1982:204), sofrem as catexias do pensamento inconsciente. Isso faz com que a atividade de pensar inconsciente confira ao psiquismo mobilidade, diversidade e infinitas possibilidades criativas. Em segundo lugar, não

podemos falar de representação-coisa sem que nisso esteja implicado um investimento pulsional. Em terceiro lugar, em concordância com Green (1982:1984), podemos afirmar que todo pensamento é, em sua origem, inconsciente, não apenas no sentido descritivo mas também no sentido sistêmico, pois não há atividade de pensar, nem inconsciente nem secundária, que prescindia desta forma de representação que é a representação-coisa. Tornar consciente é uma possibilidade que ele pode ascender ou não. No livro *A Interpretação dos Sonhos* lemos:

O inconsciente é a esfera mais ampla que inclui a esfera menor da consciência. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. (Freud,1900:534)

1. 2. 2 – Expressões do Inconsciente

A teoria psicanalítica constituiu-se pela recusa em definir o campo do psiquismo pela consciência. De fato, para Freud (1900), “o inconsciente [não só] é a base geral da vida psíquica (...) [como também] a verdadeira realidade psíquica” (Freud,1900:534). Não obstante, nada sabemos sobre o inconsciente até que ele produza na consciência “algum efeito que possa ser comunicado ou observado” (Freud,1900:554). Nesse sentido, o estudo atencioso das manifestações do inconsciente é a via que Freud adota para conhecer a realidade psíquica, lugar de pura virtualidade. Diz Freud (1900) na *Interpretação dos Sonhos*: “Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual...*”. Nas páginas finais desse extenso livro podemos ler:

Se devemos atribuir *realidade* aos desejos inconscientes, não sei dizer. (...) Se olharmos para os desejos inconscientes, reduzidos a sua expressão mais fundamental e verdadeira, teremos que concluir, sem dúvida, que a realidade *psíquica* não deve ser confundida com a realidade *material*. (Freud, 1900:560)

Temos, assim, a impressão de que a realidade psíquica é virtual porque ela só existe como realidade a partir de sua expressão – talvez devêssemos falar, em vez de manifestações do inconsciente, em expressões do inconsciente – o que torna essencial a pesquisa de saber como algo que é inconsciente pode se expressar, tornando-se consciente.

Didaticamente falando, diríamos que são dois os níveis de movimento expressivo do inconsciente. O primeiro diz respeito ao pensamento inconsciente: atravessado pelas pulsões sexuais, o pensamento inconsciente é um pensamento movido pelo desejo e, desse modo, ele é, em si mesmo, a maneira pela qual a realidade psíquica “fundamental e verdadeira”, que é a realidade do desejo, pode se expressar através da busca de realização de desejo.

O segundo, implica na possibilidade de consciência. Esse movimento expressivo, quer se trate de sintomas, sonhos, ato falho, ou de qualquer manifestação do inconsciente, é a via através da qual aprendemos sobre os pensamentos inconscientes. Essa via expressiva, que tem como orientação a possibilidade de consciência, representa a ação de uma outra forma de pensamento, o pensamento secundário, pertencente ao sistema pré-consciente. Essa é a questão que nos propomos abordar nesse momento de nossa pesquisa: como o pensamento inconsciente pode tornar-se consciente? Ou, dito de outro modo e de forma mais precisa: qual a relação que Freud estabelece entre o pensamento inconsciente e o pensamento secundário?

Freud parece, a princípio, descartar a perspectiva tópica enquanto fator determinante dessa relação. No livro sobre os sonhos publicado em 1900 podemos ler:

Essas imagens, derivadas de um conjunto de imagens de representações relacionadas com a disputa por um pedaço de terra, podem tentar-nos a supor como literalmente verdadeiro que um agrupamento psíquico situado numa localidade é encerrado e substituído por um novo agrupamento em outro lugar. (Freud,1900:552)

Isto é, a relação entre as duas formas de pensamento não corresponde à existência de dois registros diferentes de um mesmo conteúdo, o que significa dizer que não pode ser entendida como uma relação de transcrição, onde um determinado conteúdo do inconsciente continua existindo concomitantemente a seu equivalente secundário. Ele também descarta a possibilidade de corresponder à “diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade” (Freud,1915:230), embora reconheça a relevância da perspectiva dinâmica, pois era certo que pensamento inconsciente e o pensamento secundário diziam respeito a duas formas de processamento de energia. De fato, no livro da *Interpretação dos Sonhos*, a concepção dinâmica é a priorizada. Nele, Freud é cuidadoso em precisar que o que “considera móvel não é a própria estrutura psíquica, mas sua inervação” (Freud,1900:552). No entanto, o curso de suas elaborações teóricas posteriores leva-o a rever essa abordagem e a acrescentar ao texto de 1900, em uma nota de rodapé datada de 1925, que a perspectiva tópica não pode ser afastada, devendo ser conjugada com a dinâmica. O que modifica é que Freud posteriormente reconhece, tal como afirma na nota acima referida, “que o traço essencial de uma representação pré-consciente é o fato de estar ligada a restos de representações de palavras” (Freud,1900:552).

Na verdade, desde o *Estudo Sobre as Afásias* Freud já havia concebido a idéia de dois tipos de representação que deviam associar-se na produção da linguagem: o que foi na época denominado de apresentação de objeto e apresentação de palavra e hoje chamamos, respectivamente, de representação-coisa e a representação-palavra. A novidade que faz com que

ele reconsidere a concepção tópica é que ele descobre que essas representações são pertencentes a sistemas psíquicos diferentes: enquanto a representação-coisa é característica do sistema inconsciente, a representação-palavra é característica do sistema pré-consciente. Dito de outro modo, que o sistema inconsciente e o pré-consciente operam com tipos diferentes de representação.

A noção de representação-palavra é introduzida na teoria psicanalítica numa concepção que liga a verbalização, o sistema pré-consciente e a possibilidade de consciência. Para Freud, a vinculação da representação-palavra à representação-coisa é o que possibilita que esta última ganhe qualidade e, assim, ganhe acesso à consciência.

Nas últimas páginas de *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em 1900, foi desenvolvido o conceito de que os processos de pensamento, isto é, os atos de catexias que se acham relativamente distantes da percepção, são em si mesmo destituídos de qualidade e inconscientes, e só atingem sua capacidade para se tornarem conscientes através de ligação com os resíduos de percepção de palavras. (Freud,1915:230)

Deste modo, o pensamento inconsciente pressiona para alcançar uma expressão consciente na medida em que ele sofre a catexia do sistema pré-consciente, vinculando-se assim, à representação-palavra. Essa vinculação acarreta, por um lado, a possibilidade do pensamento inconsciente ascender à consciência, e, por outro, a transformação do modo de circulação de energia de processo primário em processo secundário. A esse respeito, diz Freud:

Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidades, eles se associam, nos seres humanos, com lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para dotar o processo de pensar de um novo investimento móvel oriundo da consciência. (Freud,1900:558).

Ou seja, os resíduos de qualidade da representação-palavra, permitem, por um lado, que os pensamentos inconscientes se tornem conscientes; por outro, implicam no estabelecimento do princípio de realidade. Sabemos que o princípio de realidade requer atenção ao índice de qualidade e este, descobrimos agora, é fornecido pela representação-palavra.

A representação-palavra é essencial ao pensamento secundário. O artigo de Freud (1915) sobre o inconsciente traz alguns esclarecimentos a este respeito:

O sistema *Ics.* contém as catexias [de] coisas dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo secundário, dominante no *Pcs.* (Freud, 1915:230)

Isso é o mesmo que dizer que é a hipercatexia da representação-coisa, que ocorre por conta de sua ligação à representação-palavra, que faz com que o pensamento inconsciente seja sucedido pelo pensamento secundário. Assim, só há pensamento secundário porque o sistema pré-consciente opera com representações-palavra.

Essa relação de dependência que liga o pensamento secundário à representação-palavra tem conseqüências positivas para que o pensar cumpra sua função no processo de desenvolvimento psíquico. Freud afirma em 1915 que, diferentemente da representação-coisa, a representação-palavra possui a possibilidade de representar relações onde não se é capaz de “extrair qualquer qualidade das percepções” (Freud, 1915:231). Diz ele neste texto:

“Além disso, estando ligadas a palavras, as catexias podem ser dotadas de qualidade mesmo quando representem apenas *relações* entre apresentações de objeto, sendo assim incapazes de extrair qualquer qualidade das percepções. (Freud,1915:231)

Vemos, assim, que a representação-palavra implica em uma certa abstração, permitindo que pensamento se desvincule das impressões das sensações corporais e da pura afetação. Por afetação, queremos entender tanto aquilo que do objeto nos afeta, como o afeto que afeta o objeto (ele é bom ou mau). Green (1982:206) ressalta que a possibilidade de representar as relações entre objetos, e não apenas os objetos, o que é disponibilizado através da representação-palavra, é o que permite correlacionar presença ou ausência do objeto. Ele explica que ajuizar sobre a presença ou a ausência de um objeto, implica em representar uma relação, pois a presença ou a ausência é a presença ou ausência de uma relação. As conseqüências dessa possibilidade de abstração refletem, positivamente, no processo de separação eu/não-eu¹⁰.

Se é a representação-palavra que permite que a representação-coisa adquira qualidade, em contrapartida, diz Freud (1915), “uma palavra, contudo, adquire seu *significado* ligando-se a uma ‘apresentação de objeto’ [representação-coisa], pelo menos se nos restringirmos a uma consideração de substantivos” (Freud,1915:243)¹¹. Apesar da ressalva, esta afirmação tem o mérito de nos alertar para o fato de que a representação-palavra nada significa se perder sua referência à representação-coisa. Isto é, mesmo considerando sua capacidade abstrativa, seu valor simbólico só é assegurado pela ligação à representação-coisa. Essa idéia já estava presente no texto sobre a afasia, no qual Freud sugere denominar determinado tipo de afasia de assimbólica e justifica:

¹⁰ Esse tema será desenvolvido no próximo tópico.

¹¹ Ver nota nº 9.

Emprego o termo 'assimbolia' (...) porque me parece que a relação entre a [apresentação da] palavra e a apresentação do objeto merece muito mais ser descrita como 'simbólica' do que a relação entre o objeto e a apresentação do objeto. (Freud, 1915:245)¹²

Com isso, entendemos que a vinculação dos pensamentos inconscientes à representação-palavra significa algo além da possibilidade dos primeiros serem traduzidos em palavras (Freud já nos alertara que não se trata de transcrição); do mesmo modo, pode-se dizer que a expressão que resulta da vinculação entre a representação-coisa e a representação-palavra não se resume à possibilidade dos pensamentos inconscientes poderem ser ditos em alto e bom som. Acreditamos que as elaborações de Freud nos remetem, por um lado, à capacidade de simbolização, e por outro, à importância de que as palavras não percam sua referência à representação-coisa, no que ela possui de sensorial e pulsional, pois só nesse vínculo as palavras adquirem sua significação.

A título de conclusão deste tópico, podemos dizer, em primeiro lugar, que, para que o inconsciente se expresse, não é suficiente apenas uma representação, é preciso duas – representação-coisa e representação-palavra – que devem estar vinculadas entre si. Em segundo lugar, que a relação entre o pensamento inconsciente e o pensamento secundário é, em última instância, de cooperação em favor da atualização da realidade psíquica, sempre virtual, através da possibilidade de expressão.

¹² Ver nota nº 9.

1.3 – O PENSAR E O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO EU /NÃO-EU

Vimos anteriormente que a primeira atividade de pensar é a busca da identidade de percepção através do investimento retroativo da imagem mnêmica correspondente à experiência de satisfação. Essa atividade primitiva do pensar tem por característica gerar um estado de indiscriminação entre memória e percepção de objeto real, entre realidade interna e realidade externa, na medida em que ela traz consigo a crença na realidade revivida. Para facilitar nosso entendimento, Freud explica:

Todas as representações se originam de percepções e são repetições dessas. Assim, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado.

(Freud,1925:298)

Ou seja, para o aparelho psíquico ainda em estado primitivo de desenvolvimento, a percepção da representação mnêmica possui o mesmo valor de realidade que a percepção de um objeto externo. Esse estado de confusão psíquica não é compatível com as exigências da vida, criando para o aparelho psíquico a necessidade de distinguir entre as percepções de origem externa e as de origem interna, como as idéias e os desejos para “saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade)” (Freud,1925:298). O processo de diferenciação interno/externo equivale ao processo de separação entre consciência de si e consciência do objeto. Por isso, é preciso que o bebê, em seu desenvolvimento psíquico, aprenda a discriminar o eu do não-eu; a distinguir o que é interno, do mundo externo; é preciso que ele aprenda, ainda, a direcionar seus investimentos libidinais aos objetos não-eu para neles buscar sua satisfação. Do mesmo modo que a atividade de pensar primitiva cria este estado de

confusão psíquica, é também através da atividade de pensar que o processo de distinção eu/não-eu se estabelece nos mais diversos níveis. Neste tópico, consideraremos a atividade do pensar como eixo no processo de separação eu /não-eu.

Em 1911, no artigo sobre *Os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, Freud aborda a questão da evolução das pulsões do eu correlacionando-as à oposição entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Neste contexto, ele nomeia dois modos de funcionamento do eu tendo como referência as características que ele adquire sob cada um dos domínios do funcionamento psíquico: o eu-prazer e o eu-realidade. Enquanto o eu-prazer “nada pode fazer a não ser *querer* trabalhar para produzir prazer”, o eu-realidade “nada necessita fazer a não ser lutar pelo o que é *útil* e resguardar-se contra danos” diz Freud no referido texto (Freud,1911:283). “Trabalhar para produzir prazer” ou “lutar pelo o que é *útil*”, são atividades do pensar que se desenvolvem segundo o processo primário e o processo secundário respectivamente. De acordo com Laplanche e Pontalis (1967), essa abordagem freudiana não descreve precisamente duas formas do eu, pois nesse artigo Freud o focaliza “essencialmente do ponto de vista das pulsões, que lhe fornecem suporte” (Laplanche e Pontalis,1967:141). Freud diferenciará geneticamente duas formas do eu poucos anos depois, em 1915, quando o situa em oposição ao não-eu.

Embora sejam várias as concepções do eu no decorrer da obra freudiana, nessa antítese – eu/não-eu – o eu deve ser entendido na oposição ao que é da ordem do objeto, do externo, do real do objetivo. É o que constatamos a partir dos dois artigos freudianos, um da Primeira Tópica e outro da Segunda Tópica respectivamente, nos quais reencontramos o tema da oposição entre o eu-prazer e o eu-realidade, só que então mais desenvolvido e ampliado. Nesse sentido, em *O Instinto e suas Vicissitudes*, datado de 1915, podemos ler: “A antítese ego/ não-ego (externo), isto é, subjetivo – objetivo,...”. Dez anos mais tarde, quando escreve sobre o desenvolvimento do processo de diferenciação eu/ não-eu, ele assim o define:

“Trata-se, como vemos, (...), de uma questão de externo e interno. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá fora” (Freud,1925:298).

Freud dá destaque à questão da diferenciação eu/não-eu ao refletir, no artigo *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915), sobre as três polaridades que regem nossa vida mental. Nesse momento de sua produção teórica ele considera que essa antítese eu/não-eu ocorre desde o início da vida do indivíduo, e o organismo, ainda em estágio rudimentar de desenvolvimento, encontra “uma base para distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’” (Freud,1915:139) a partir da eficácia da atividade muscular do organismo. Sobre isto, afirma:

A antítese ego/não ego (externo), isto é, subjetivo – objetivo, é (...) lançada sobre o organismo individual numa fase inicial, pela experiência de que pode silenciar os estímulos *externos* por meio de ação muscular mas é inerte contra estímulos *instintuais*. (Freud,1915:155)

Esse primeiro movimento de separação eu/não-eu constitui o que Freud chamou de “ego-realidade original” (Freud,1915:157). O “ego-realidade original” é um ego ainda rudimentar diferenciado de uma realidade dada a partir de “um sólido critério objetivo”: a própria ineficácia da atividade muscular para silenciar os estímulos de origem interna. Provavelmente nisto baseia-se o sentimento de realidade que ele então atribui ao eu, pois, neste contexto, realidade não significa, segundo Laplanche & Pontalis (1967), mundo externo. É apenas uma afirmação de que as sensações de prazer e desprazer devem referir-se ao sujeito “sem fazer delas uma qualidade do mundo exterior, o qual é, em si, indiferente” (Laplanche & Pontalis,1967:141). Acreditamos que este primeiro movimento de diferenciação precede a alucinação primitiva, pois é a ineficácia

muscular que exige que o aparelho psíquico se constitua no estabelecimento de uma identidade de percepção.

A partir dessa concepção de eu-realidade original, queremos fazer três breves comentários. Em primeiro lugar, que ela permite supor que o eu-realidade original corresponde a um estágio não propriamente psíquico do desenvolvimento do indivíduo, uma vez que Freud designa a alucinação primitiva como primeira atividade psíquica. Em segundo lugar, embora Freud tenha falado de um momento, ainda que fictício, de total afastamento da realidade, quando tomamos por referência o desenvolvimento do eu, vemos que este momento, se é possível supô-lo, ele não é primário, pois o eu-realidade original supõe um certo nível de separação do não-eu. Isto é, no estágio mais primitivo existiria um eu rudimentar que, “distinguindo ‘externo’ de ‘interno’ de acordo com a relação entre [as] percepções e a ação muscular” (Freud,1917[1915]:264), serviria de protótipo para o desenvolvimento ulterior do eu. Laplanche e Pontalis (1967) fazem essa mesma consideração mas tendo como referência o desenvolvimento libidinal. Para eles, a concepção de um eu-realidade original

(...) [tem] o mérito de dissipar o equívoco (...) associado a termos como narcisismo primário, na medida em que por isso se entende muitas vezes um hipotético estado originário durante o qual o indivíduo não teria qualquer acesso, ainda que rudimentar, ao mundo exterior. (Laplanche e Pontalis,1967:143)¹³

Terceiro, nesse estágio tão primitivo parece que ainda não está envolvido nenhum processo de pensamento: é anterior à persistência da sensação de desprazer decorrente da imaturidade física e do estado de desamparo do bebê recém-nascido. Aqui reencontramos a idéia freudiana de que a

¹³ Laplanche e Pontalis (1967), no *Vocabulário da Psicanálise*, fazem a ressalva de que são várias as concepções de narcisismo primário na obra de Freud. A aceção que criticam surge com a segunda tópica onde a noção designa sempre “um estado rigorosamente ‘anobjetal’ ou pelo menos ‘indiferenciado’, sem clivagem entre um sujeito e um mundo exterior” (Laplanche e Pontalis,1967:290).

atividade de pensar não é uma atividade primária do psiquismo. Do exposto até agora, podemos, talvez, concluir que não é tão pertinente falarmos, a rigor, em uma gênese do eu do mesmo modo que falamos de uma gênese da atividade de pensar.

Retornando ao que dizíamos acerca do processo de separação eu/não-eu, temos que, em seqüência a esse movimento de diferenciação primário, Freud vai discernir dois outros estágios de diferenciação que se desenvolvem a partir da interferência da atividade de pensar, mais especificamente à função de julgamento (cujas tarefas, relembramos, é afirmar ou negar o conteúdo do pensamento): os já nomeados eu-prazer, agora chamado de eu-prazer purificado, e eu-realidade definitivo.

O eu-realidade original transforma-se em eu-prazer sob a influência dominante do princípio do prazer, e do auto-erotismo característico da pulsão sexual. Vimos que Freud denomina de auto-erotismo a característica do comportamento sexual infantil que permite que o bebê encontre a satisfação para sua pulsão sexual em seu próprio corpo, prescindindo, conseqüentemente, da interferência de um objeto externo para atender às exigências do princípio do prazer. Segundo Freud, são esses componentes auto-eróticos que favorecem a substituição do eu-realidade original pelo eu-prazer purificado, uma vez que permitem que o eu crie um novo critério, subjetivo, de separação eu/não-eu que coloca “a característica de prazer acima de todas as outras”. Diz Freud:

Na medida em que os objetos que são apresentados [ao eu] constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os ‘introjeta’ (...); e, por outro lado, expulsa o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer. (Freud, 1915:157)

Assim, sob o domínio do princípio de prazer, o eu toma para si tudo o que lhe é agradável, e projeta no mundo exterior o que causa desprazer. Tendo como parâmetro os novos critérios estabelecidos pelo eu-prazer, compete à função de julgamento decidir se afirma ou rejeita a posse de alguma coisa no eu. Nesse momento, o juízo, chamado de juízo de atribuição, limita-se a considerar o objeto segundo a qualidade de prazer ou desprazer que ele suscita, isto é, se ele é bom ou se ele é mau. Os mecanismos de projeção e introjeção¹⁴ constituem, então, os recursos através dos quais o eu diz: “gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora” (Freud,1925:297). Ou seja, pelo mecanismo de introjeção o eu-prazer incorpora tudo o que lhe é agradável, e expulsa, por projeção, uma parte de si próprio que ele sente como hostil e estranha. Assim, o objeto-seio que sacia a fome é “levado do mundo externo para o eu” e a sensação de fome é projetada no mundo exterior constituindo não-eu. Disso decorre, diz Freud (1915), que logo no começo, o mundo externo, os objetos e o que é odiado são idênticos, e, em contra partida, o que é fonte de prazer é incorporado ao próprio eu. Conclui: “Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente)” (Freud,1915:158).

Vemos que nesse estágio do desenvolvimento do eu também podemos supor uma diferenciação eu/não-eu, embora por critérios completamente subjetivos, isto é, que não implicam em conhecimento da realidade.

Ao fazer-se coincidir com o prazer (e o mundo externo com o desprazer), o eu, de modo geral, não tem interesse em direcionar seus investimentos ao mundo externo, uma vez que este se torna hostil aos propósitos de sua satisfação. Ao mesmo tempo, toma a si mesmo como objeto de amor, na medida em que acredita, onipotentemente, ser a fonte de seus próprios prazeres, criando

¹⁴ No artigo de 1925, encontramos: “(...) o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau” (p.297).

a condição que Freud denomina de narcisismo primário. O eu-prazer corresponde, assim, ao narcisismo primário, à satisfação alucinatória de desejo e ao pensamento onipotente.

O terceiro estágio do desenvolvimento do eu em seu processo de separação do mundo externo, é o do eu-realidade definitivo e é conseqüente à interferência do princípio de realidade nos domínios psíquicos. Sobre isso, diz Freud:

A experiência demonstrou ao indivíduo que não é só importante uma coisa (um objeto de satisfação para ele) possuir o atributo 'bom', assim merecendo ser integrada ao seu eu, mas também que ele esteja no mundo externo, de modo que ele possa se apossar dela sempre que precisar. (Freud, 1925: 298).

Este processo de consciência de um mundo externo diferente de um si próprio corresponde, como já visto anteriormente, ao desenvolvimento do pensamento secundário. Inclusive, diz Freud, a antítese entre interno e externo, entre subjetivo e objetivo, surge apenas como conseqüência do desenvolvimento da atividade de pensar:

A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objeto externo ainda tenha de estar lá. (Freud, 1925: 298)

A função de julgamento, quando sob domínio do princípio de realidade, também modifica-se. Afirmar ou rejeitar a posse de alguma coisa no eu passa a significar ter que decidir "quanto à existência real de algo de que existe uma representação (teste de realidade)" (Freud, 1925: 297), independentemente qualidade afetiva que acompanha sua apresentação. Nesse caso, o que está em questão é o juízo de existência. O mecanismo de projeção com que o eu-prazer procura proteger-se do desprazer é, no eu-realidade, substituído pela negação, o que

permite que o aparelho psíquico escape à compulsão do princípio de prazer e a atividade de pensar adquira maior liberdade. A negativa, diz Freud (1925), “constitui um modo de tornar conscienté o que está reprimido” sem que o eu se sinta ameaçado (Freud,1925:296).

Esse momento do processo de constituição do eu como uma entidade psíquica separada do mundo externo tem reflexos no desenvolvimento libidinal pois, com o eu-realidade, o narcisismo primário cede espaço ao que Freud (1915) identifica como sendo uma “verdadeira relação objetal”.

Segundo Laplanche e Pontalis (1967), a oposição entre eu-prazer e eu-realidade nunca foi verdadeiramente integrada na metapsicologia freudiana, mantendo-se à parte quando, na segunda tópica, ele desenvolve o conceito de eu enquanto instância psíquica. No entanto, sua consideração implica em conseqüências teóricas. Nesse sentido, esses autores consideram, em primeiro lugar, que a passagem do eu-realidade original para o eu-prazer implica numa mudança qualitativa de psiquismo, pois representa “uma tentativa para estabelecer uma mediação; uma gênese, ainda que mítica, entre o indivíduo biopsicológico (...) e o ego como instância” (Laplanche e Pontalis,1967:142). Em segundo lugar, consideram que o recurso aos mecanismos psíquicos primitivos de projeção e introjeção na constituição do eu-prazer permite vislumbrar a idéia de um eu que possui limite e conteúdo. Além disso, entendemos que as alterações na distribuição da libido - entre libido do eu e libido objetal - são resultantes das modificações dos limites e dos conteúdos do eu. Modificações estas estreitamente relacionadas ao desenvolvimento da atividade de pensar. E como último ponto, assinalamos que o processo de constituição do eu e o desenvolvimento da atividade de pensar parecem fazer ‘um acordo de cavalheiros’, pois se é o pensar que permite que o eu se constitua como separado do mundo externo e real, o eu, por sua vez, permite que o pensar se liberte da compulsão ao princípio do prazer mantendo-se ao lado do princípio de realidade.

CAPÍTULO II

A CONTRIBUIÇÃO DE BION

A freqüente identificação da obra de Bion com o tema do pensar foi um dos fatores que nos levou a considerá-la como uma das referências mais relevantes no que diz respeito às contribuições psicanalíticas para o tema da gênese da capacidade de pensar. Segundo Meltzer (1989a), a grande contribuição de Bion “foi ter sugerido que as pessoas têm que aprender a pensar, que o pensar não é uma função que a mente exerce espontaneamente” e que é o pensar que constrói a personalidade. Meltzer (1981) observa ainda que essa é uma perspectiva diferente da de Freud, que adota um modelo de mente voltado para o corpo e para a gratificação das necessidades deste sem confrontações significativas com o ambiente; diferente também da de Melanie Klein, para quem a criança se desenvolve, se abre como um botão em flor, desde que nada interfira em seu desenvolvimento (Meltzer, 1989a.).

A questão do pensamento surge na obra de Bion em relação direta com a clínica, através da investigação de pacientes – principalmente esquizofrênicos – com distúrbios da capacidade de pensar e de conhecer a realidade e que revelavam a necessidade de uma “reformulação paralela de idéias sobre os mecanismos pelos quais se conseguem ‘pensar’ os pensamentos” (Bion,1962:13). Os fenômenos que ele observava deixavam à mostra a precária, se não ausente, capacidade que esses pacientes possuíam de “fiar-se em seus instrumentos de investigação”

(Bion,1950:27) – os órgãos do sentido e a consciência, considerada por ele, tal como por Freud, “como um órgão sensorio para a percepção das qualidades psíquicas” – , bem como a de utilizar as funções do ego que permitiam o conhecimento e a compreensão¹⁵ da realidade. Dirigia também sua atenção para a dificuldade que os pacientes manifestavam de utilizar a linguagem verbal como forma de pensamento. Muito freqüentemente, Bion (1953) observava que a capacidade de representação encontrava-se seriamente comprometida e que o paciente empregava as palavras “como coisas ou como partes excisadas dele próprio que ele enfia no analista” (Bion,1953:35).

Partindo dos textos de Freud e de Melanie Klein, os caminhos que Bion percorre parecem possuir o sentido de estender as reflexões acerca da relação entre o conhecimento da realidade e a capacidade de pensar, estabelecendo, em paralelo, a necessidade de não circunscrever tal relação à dinâmica das representações. De fato, numa leitura *a posteriori*, podemos dizer que as questões que a clínica da esquizofrenia suscitaram em Bion, capacitaram-no a começar a perceber que a psicanálise carecia de uma extensão teórica que pudesse fornecer um esclarecimento coerente dos fenômenos que revelava. Assim, paulatinamente, ele cria uma trajetória própria, levando ao ponto de ruptura alguns conceitos desenvolvidos por seus mestres. Refaremos o trajeto de Bion percorrendo seus primeiros textos psicanalíticos, escritos na década de 50, nos quais ele conta sobre sua aproximação clínica psicanalítica das manifestações esquizofrênicas; esse caminho nos permite acompanhar a trajetória nascente da originalidade de seu pensamento. Ao tomarmos esses textos como ponto de partida para a exploração das contribuições de Bion acerca da gênese da capacidade de pensar, estamos destacando, entre outros fatores de igual relevância, a ancoragem clínica de sua elaboração teórica, ancoragem que ele não só reconhece como também valoriza, como vemos na citação a seguir:

¹⁵ Neste estudo, esses termos serão utilizados indistintamente.

As conclusões a que cheguei provêm do contato clínico com pacientes esquizofrênicos, tendo sido testadas por mim, na prática clínica. Peço-lhes que atentem para elas pois levaram a desenvolvimentos analiticamente significativos em meus pacientes, que não devem ser confundidos com remissões familiares aos psiquiatras, nem tampouco com o tipo de melhora que é impossível correlacionar às interpretações dadas ou a qualquer corpo, congruente, de teoria psicanalítica. (Bion,1957:55)

Meltzer (1998) chama a atenção para outro fator que se destaca na leitura desses textos: eles revelam, por um lado, um “Bion apostólico”, ainda bastante enraizado no terreno fértil do pensamento de Freud e, principalmente, de Melanie Klein, e que reconhece sua dívida para com esses autores no que diz respeito à “elucidação da obscuridade que permeia a análise inteira de um psicótico” (Bion,1957:57); e, por outro, um “Bion messias”, intrigado com as limitações da teoria psicanalítica para explicar os fenômenos que a clínica oferecia à observação.

Tomaremos esses dois aspectos como referência para o desenvolvimento deste tópico.

2.1- O PRIVILÉGIO CONFERIDO AO TEMA DO PENSAMENTO

2.1.1 – Freud e Melanie Klein: a herança de Bion

Como recortar, na vasta obra de Freud e Melanie Klein, a herança de Bion? Talvez fosse suficiente apontar a relevância do pensamento desses autores para as reflexões do psicanalista inglês. Entretanto, gostaríamos de selecionar alguns pontos particularmente importantes, e diríamos mesmo instigantes, para sua trajetória inicial. Acreditamos que essa abordagem, que será necessariamente bastante esquemática, auxiliará no entendimento do desdobramento ulterior de nossa pesquisa.

No que diz respeito aos textos freudianos, ressaltamos, em primeiro lugar, que a intuição expressa de modo geral na teoria sobre o princípio de realidade possui grande importância nas reflexões de Bion acerca do tema do pensar. O texto *Dois princípios do funcionamento mental* que Freud escreve em 1911, no qual a questão do princípio de realidade é diretamente abordada, é uma das poucas referências que Bion faz explicitamente à obra de Freud, reforçando nossa impressão de que as questões ali levantadas constituem o foco de sua atenção. Embora ele se aproxime desse texto com uma visão bastante crítica, queremos de início destacar três idéias-chave que Bion adota como ponto de partida: a) o aparelho psíquico se desenvolve no sentido de uma maior consideração e conhecimento da realidade, e o desenvolvimento das funções cognitivas, como a atenção, a memória, o pensamento, deve ser inserido nesse contexto; b) cabe à consciência a função de observar tanto os processos internos quanto o mundo externo; c) uma preocupação em relação ao modo como o aparelho psíquico opera com seus elementos primários até atingir o nível mais elevado de pensamento verbal, sem o que, para Freud, a consciência não é

possível. Notemos que esses três tópicos convergem para a questão do conhecimento da realidade, fazendo dessa questão um ponto central nas observações de Bion.

Em segundo lugar, ressaltamos que a conexão estabelecida por Freud entre conhecimento e linguagem verbal também não passa despercebida pela abordagem desse autor. Parece-nos correto dizer, entretanto, que ele a contempla através da lente kleiniana, sobretudo através dos conceitos de cisão e de identificação projetiva e das noções de posição esquizo-paranóide e depressiva. Adiantamos que, para Melanie Klein, tanto o conhecimento da realidade como o desenvolvimento da linguagem verbal estão intimamente relacionados com os mecanismos e ansiedades que predominam nos estágios esquizo-paranóide e depressivo do desenvolvimento psíquico. Bion, ao dissecar os fenômenos que observa na clínica da esquizofrenia, tem como referência teórica essa relação que Melanie Klein estabeleceu, como veremos a seguir. Além disso, segundo Meltzer (1998), Bion se serve não apenas das ferramentas conceituais, mas também das ferramentas técnicas introduzidas por Melanie Klein. Por exemplo, clinicamente ele não considerava a linguagem como uma forma de pensamento, como epifenômeno dos conteúdos inconscientes que deveriam ser, retroativamente, revelados, ou como um método de comunicação. Ainda de acordo com Meltzer (1998), Bion prefere seguir a tradição técnica desenvolvida por Melanie Klein para a análise das crianças, isto é, considera a linguagem como um fenômeno, uma forma de ação. Ou seja, para Bion interessava a forma como ela era utilizada por seus pacientes nas sessões clínicas, do mesmo modo que para Melanie Klein importava a maneira como a criança utilizava seus objetos. Em suas próprias palavras:

A linguagem (verbal) é utilizada pelo esquizofrênico de três maneiras: como forma de ação, como método de comunicação e como forma de pensamento. (...) Desejo examinar somente a sua [dos esquizofrênicos] utilização da linguagem como forma de ação a serviço ou da divisão do objeto, ou da identificação

projetiva. Notarão que esse é apenas um dos aspectos das relações de objeto do esquizofrênico em que ele ou divide os objetos ou neles penetra e sai. (Bion,1953:35)

Bion segue dando vários exemplos, dentre os quais o caso de um paciente que se queixava de que as sessões eram poucas, ao mesmo tempo em que dizia que elas atrapalhavam seu lazer. “Ele tencionava me dividir, ao me fazer dar duas interpretações opostas ao mesmo tempo”, explica Bion (1953:35). A linguagem é aqui utilizada como uma ação que visa dividir o objeto.

Finalmente, queremos ressaltar que, no encontro entre a questão do conhecimento da realidade e os desdobramentos da questão da linguagem, a teoria kleiniana constituiu de fato um terreno fértil para o desenvolvimento das reflexões de Bion. Quando, em 1930, Melanie Klein levantou o problema da formação de símbolos, relacionando-o com o tema da relação de objeto, ela abria à investigação a idéia de que o desenvolvimento pulsional e a formação de símbolos são processos que se imbricam no decurso do desenvolvimento do bebê. Segundo a autora, a formação de símbolos é uma atividade que o ego desenvolve para lidar com as angústias mobilizadas por sua relação de objeto. Ela parte da suposição de que há uma primeira etapa do desenvolvimento mental em que os interesses libidinais coexistem com o sadismo e possuem um mesmo objeto primitivo – o interior do corpo da mãe –, que o bebê investe com uma curiosidade duplamente motivada: um aspecto sádico e destrutivo, que deseja roubar e estragar seus conteúdos, e outro libidinal, que quer certificar-se de que está tudo bem. No psiquismo primitivo não-integrado, que caracteriza a posição esquizo-paranóide, essas motivações correspondem a partes da personalidade do bebê experimentadas de forma clivada: ora predominam os aspectos sádicos, que desenvolvem, em contrapartida, intensa angústia persecutória; ora predominam os aspectos libidinais, que possuem o propósito de negar os sentimentos destrutivos. Para Melanie Klein, é a angústia que põe em funcionamento o mecanismo de identificação que faz com que a

criança equipare os objetos que ela deseja destruir a outros objetos, protegendo-se, assim, da angústia persecutória. Esse mecanismo de identificação é, para ela, a base do simbolismo. Acrescenta, porém, que é somente na posição depressiva, quando há a integração das partes clivadas e a apreensão de objetos totais, isto é, quando o “interior do corpo da mãe contendo os rivais e inimigos não pode ser atacado sem danificar a própria mãe” (Meltzer,1989:31), que o simbolismo se instala verdadeiramente. O símbolo surge na fase depressiva com a função de deslocar a agressividade do objeto original e, dessa forma, diminuir a culpa e o medo da perda que resultam da angústia depressiva.

Em 1955, Segal¹⁶ faz uma revisão da abordagem kleiniana e propõe que o conceito de símbolo seja estendido à posição esquizo-paranóide, onde assume características e funções próprias a esta etapa do desenvolvimento. Por exemplo, a utilização do mecanismo de identificação projetiva, a não separação ego-objeto, a carência do conceito de ausência¹⁷ fazem com que esses primeiros símbolos não sejam “sentidos pelo ego como símbolos ou substitutos, mas como sendo o próprio objeto original” (Segal,1955:171). Segal denomina-os “equação simbólica” com a intenção de diferenciá-los do símbolo propriamente dito, ou seja, aquele que surge na posição depressiva tal como descrito por Melanie Klein. Enquanto este “é sentido como *representando* o objeto”, “na equação simbólica, o símbolo-substituto é sentido como *sendo* o objeto original”, esclarece Segal (1955:175).

As contribuições de Melanie Klein e Segal permitem as seguintes conclusões, que acreditamos terem sido de grande valia para Bion:

¹⁶ No artigo *Notas Sobre a Formação de Símbolos* (Segal,1955).

¹⁷ A carência do conceito de ausência equivale à existência do conceito de objeto mau. Isto é, “sempre que o estado de união com o objeto ideal não é efetivado, o que se vivencia não é a ausência; o ego se sente assaltado pela contraparte do objeto bom – o objeto (ou objetos) mau.” (SEGAL;1955:171)

- 1 - os processos simbólicos e de conhecimento da realidade devem ser pesquisados desde muito cedo no processo de desenvolvimento psíquico;
- 2 – eles dependem das relações de objeto;
- 3 – estão estreitamente vinculados aos movimentos e características das posições esquizo-paranóide e depressiva;
- 4 – o significado do mundo externo é construído internamente a partir da conjunção entre a estrutura infantil da mente e os movimentos pulsionais .

2. 1. 2- O percurso clínico inicial

Os textos clínicos que Bion escreve na década de 50 são particularmente interessantes, pois permitem acompanhar os passos que o levaram a desenvolver a teoria sobre o pensar. Desse modo, ele indaga sobre a validade de suas interpretações (Bion,1950), e dirige sua atenção não tanto para a consideração dos conteúdos das fantasias, mas principalmente para a “maneira com que o paciente conseguiu trazer semelhante material à consciência” (Bion,1950:22). Por exemplo, no texto psicanalítico inaugural, *O gêmeo imaginário* (1950), aponta para a importância de se prestar atenção a níveis diferentes de interpretação quando de uma associação do paciente. Para tanto, ele discrimina, por um lado, “o material inconsciente expresso pela própria associação” (Bion,1950:22), tal como as fantasias de relação de objeto primitiva e os conteúdos edípicos, e, por outro, a maneira pela qual o paciente consegue conhecer e se comunicar com sua realidade interna e com sua realidade externa. Nesse sentido, Bion parece descolar-se das propostas clínicas de seus interlocutores: enquanto em Freud as interpretações eram primordialmente orientadas pelo tema da sexualidade e suas manifestações

de desejo inconsciente, e em Melanie Klein pelas manifestações pulsionais expressas nas externalizações das relações de objeto internas (Meltzer,1998:34), Bion, cada vez mais, interessa-se não tanto pelos conteúdos expressos pelas associações, mas pela capacidade que o aparelho psíquico possui de tomar conhecimento da realidade psíquica e de operar com seus conteúdos em prol de seu desenvolvimento e pelo modo como esse processo era impedido.

A capacidade de conhecimento da realidade e de pensamento verbal possuem, nessa primeira aproximação das manifestações esquizofrênicas, um lugar de referência na abordagem bioniana. Ele considera, por um lado, a conexão entre o conhecimento da realidade e a linguagem verbal estabelecida por Freud; por outro, a proposição kleiniana de que é na medida em que o bebê pode suportar a angústia depressiva e integrar as partes clivadas, tanto de sua personalidade como do objeto, que o processo de formação simbólica ocorre. Para Bion, a associação com a posição depressiva torna o pensamento verbal responsável pela conscientização da realidade psíquica. Isto porque, ao mesmo tempo que o pensamento verbal depende da capacidade de integração e da formação de símbolos característicos da posição depressiva, ele também aguça a percepção da realidade psíquica e, conseqüentemente, a consciência da angústia que acompanha a posição depressiva. Bion (1953) observa que, quando o paciente não era capaz de suportar a “emoção catastrófica e dolorosa” da depressão, ele dela se defendia regredindo à posição esquizo-paranóide, atacando sua capacidade “embrionária” de pensar, fragmentando-a e enfiando as partes cindidas no analista (Bion,1953:42) através da utilização da identificação projetiva (mecanismo defensivo próprio a esse estágio do desenvolvimento psíquico). Nas palavras de Bion:

As experiências que descrevi compeliram-me a concluir que os elementos do pensamento verbal aumentam de intensidade e profundidade ao início da posição depressiva infantil. Em decorrência disso, exacerbam-se

a dor da realidade psíquica; e o paciente, ao regredir à posição esquizo-paranóide, se volta destrutivamente contra sua própria capacidade embrionária de pensamento verbal, como um dos elementos que conduziram à dor de que padece.” (Bion,1953:45)

Bion conclui então que o entrelaçamento entre o pensamento verbal e a posição depressiva levava a capacidade de pensar a ser colocada como alvo dos mecanismos esquizóides como forma de defesa contra as angústias depressivas.

Freud já havia dito em seu artigo publicado em 1924, *Neurose e Psicose*, que os psicóticos sofrem de “um distúrbio no relacionamento entre o ego e a realidade externa”, na medida em que o eu se submete ao id, afastando-se da realidade externa. Nesse mesmo texto, assinala ainda, em uma referência à amênia de Meynert, considerada como a “forma mais extrema e notável de psicose”, que nesse caso não apenas “o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito”, mas o próprio mundo interno, enquanto representação do mundo exterior, também “perde sua significação (sua catexia)” (Freud,1924:190). Esclarece que a etiologia da psicose, tal como a da neurose, é uma frustração que, “em última análise” [é] sempre uma frustração externa” (Freud,1924:191). Bion (1955) parte desses pressupostos e acrescenta que a frustração gera ódio não apenas da realidade externa, mas também da realidade interna, (pois para ele, é indiferente a relação do eu com as realidade interna e externa), e de “todos os aspectos da psique que contribuam para a percepção desta [frustração]” (Bion,1955:48).

As conseqüências dessa abordagem são crescentes no pensamento de Bion. No que diz respeito à relação do eu com a realidade, ele diz : “Farei duas modificações na descrição [da relação entre o eu e a realidade] de Freud, para colocá-la em mais estreita relação com os fatos” (Bion,1957:59). Apresenta em primeiro lugar, a idéia de que o processo de desenvolvimento

psíquico parte de um momento primário de afastamento da realidade em direção a um crescente contato com ela. Nesse texto, podemos ler:

Não creio que alguma vez o ego esteja inteiramente afastado da realidade. Diria que o contato com a realidade é mascarado pelo predomínio, na mente e na conduta do paciente, de uma fantasia onipotente, que visa a destruir ou a realidade, ou a consciência que tenha dela... (Bion,1957:59)

Em segundo lugar, e como consequência da primeira modificação, discorda da concepção segundo a qual no psiquismo primitivo, de modo normal, e no psicótico, de forma patológica, haveria um afastamento da realidade.

Ao analisarmos a primeira “retificação” feita por Bion ao texto freudiano, somos tentados a contestar que Freud não supõe um afastamento total da realidade, como se pode constatar nessa passagem de 1911:

(...) uma organização que fosse escrava do princípio do prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não poderia se manter viva, nem mesmo pelo tempo mais breve, de maneira que não poderia ter existido de modo algum. (Freud,1911:279)

Acréscenta, contudo, que a “ficção” de um sistema psíquico que desconsidere totalmente a realidade “quase” se realiza quando consideramos a díade mãe-bebê. Se nos adiantarmos um pouco no tempo, veremos que essa perspectiva é bem diferente da de Bion, que dirá em 1962 que, desde o início da vida, o bebê “tem contato suficiente com a realidade para capacitá-lo a atuar d0e modo que provoque na mãe sentimentos que não aceita, ou quer que a mãe tenha” (Bion;1962:46). Assim, enquanto a díade mãe-bebê representa para Freud a possibilidade de se

imaginar a existência de um sistema psíquico totalmente afastado da realidade, para Bion ela implica justamente um contato com a realidade.

Podemos ainda assinalar uma outra importante diferença entre as proposições dos dois autores. O texto de 1911 de Freud nos permite entender que há um movimento crescente (embora não abranja a totalidade das atividades psíquicas) de substituição do predomínio do princípio de prazer pelo princípio de realidade, levando-o a supor um momento em que o princípio de prazer ficaria praticamente restrito às fantasias. Na teoria de Bion, no entanto, não é pertinente a idéia de substituição de um princípio pelo outro, pois para ele a personalidade possui duas partes que coexistem em todos os indivíduos durante a vida inteira – a parte psicótica e a parte não-psicótica¹⁸. Estas diferenciam-se, fundamentalmente, pelos mecanismos de defesa que empregam. Enquanto a parte não-psicótica da personalidade emprega o recalque, a parte psicótica faz uso excessivo da identificação projetiva e ataca destrutivamente tudo o que é sentido como dotado da função de conhecimento da realidade, ou, como ele dirá posteriormente, função de ligar objetos. Nas palavras do autor, lemos:

A diferenciação entre a personalidade psicótica e a não-psicótica depende da fragmentação, em mínimos pedaços, de toda uma parte da personalidade relacionada, da percepção da realidade interna e externa e da expulsão dos minúsculos fragmentos, de forma que eles ou penetram nos objetos, ou os englobam.
(Bion;1957:55)

A importância da associação entre a posição depressiva e o desenvolvimento do pensamento verbal para a percepção das realidades interna e externa constitui a base a partir da qual a diferenciação entre a personalidade psicótica e na personalidade não-psicótica é

¹⁸ Bion , em seu texto, emprega indistintamente as expressões parte psicótica da personalidade e personalidade psicótica (ou parte não-psicótica da personalidade e personalidade não-psicótica). Segundo Meltzer (1998), essas expressões se equivalem e são utilizadas para nomear e ressaltar determinada modalidade de funcionamento mental.

estabelecida. A parte psicótica da personalidade corresponde à posição esquizo-paranóide, com as características, funções e mecanismos que lhe são próprios; na parte não-psicótica da personalidade perfaz-se a posição depressiva com todos os sofrimentos e benefícios que isso acarreta. A parte psicótica da personalidade é desintegradora enquanto a parte não-psicótica é integradora. A parte psicótica da personalidade não possui as capacidades de atenção, julgamento e memória, ou seja, aquelas que permitam pôr as funções psíquicas a serviço do princípio de realidade, como descreve Freud, e arrasta consigo para a destruição a capacidade de pensamento verbal¹⁹; a parte não-psicótica, por sua vez, forma símbolos, desenvolve pensamento verbal e permite o conhecimento da realidade.

Bion diferencia a parte psicótica da personalidade da não-psicótica, não segundo o contato do eu com a realidade, como fez Freud, mas, predominantemente, segundo o modo como o aparelho psíquico opera com os elementos da experiência que resultam do inevitável contato com a realidade, tornando-os disponíveis para a utilização pelo aparelho psíquico, como veremos em outro tópico. Assim, segundo Bion, não se pode destruir a realidade, apenas o conhecimento dela.

Ele argumenta:

A existência de uma personalidade não-psicótica paralela à personalidade psicótica, embora obscurecida por esta última, depende disso – do fato de o ego conservar contato com a realidade. (Bion;1957:59)

Spillius (1988) salienta, a esse respeito, que, para Bion “todas as pessoas, por mais ‘normais’ que sejam, apresentam algum grau de ansiedade psicótica e defesas patológicas contra ela [a ansiedade]” (Spillius,1988:21). Nessas bases, Bion concebe um processo flutuante e permanente de gradação nas interações entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da

¹⁹ Por isso, na clínica da esquizofrenia, é pouco freqüente que o paciente utilize metáforas que possam propiciar a associação. (Chuster,1999)

personalidade. Assim, por exemplo, nas manifestações psicóticas, a parte psicótica da personalidade domina a parte não-psicótica, enquanto nas manifestações não-psicóticas a relação é inversa. Fica, pois, claro que não se trata de estabelecer uma oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade, ou entre neurose e psicose, oposições que, aliás, ele praticamente abandona.

A idéia de que essas partes estão sempre em uma dinâmica oscilante, na qual a predominância de uma sobre a outra pode alterar-se a todo momento, vem introduzir, de acordo com o entendimento de Meltzer (1988), um novo conceito de patologia: esta deixa de corresponder a um estado de fixação ou de regressão tal como presente em Freud e no pensamento de Melanie Klein daquele momento (quando ela ainda considerava as posições esquizo-paranóide e depressiva como “pontos de fixação da esquizofrenia e da psicose maníaco-depressiva” (Meltzer,1988:36)²⁰, para assumir uma característica desviante e econômica. Isto é, o patológico é resultante do predomínio de um funcionamento errado do aparelho psíquico, a saber, do funcionamento psicótico, sobre outro que estaria mais de consoante com as exigências do princípio de realidade – o funcionamento não-psicótico.

Voltemos agora nossa atenção para a segunda modificação que Bion propõe à teoria freudiana (a que diz respeito à concepção de que no psiquismo primitivo, de modo normal, e no psicótico, de forma patológica, haveria um afastamento da realidade), reproduzindo uma parte de seu texto:

²⁰ Segundo Meltzer (1998:34), a leitura dos textos kleinianos permite constatar que “foi apenas gradativamente que essa concepção de posição esquizoparanóide e depressiva como fase do desenvolvimento deu lugar à sua aplicação como princípios econômicos”. Ele acrescenta ainda que, em um primeiro momento da teoria kleiniana, era difícil escapar do estabelecimento de uma equivalência entre os bebês e os psicóticos, embora ele reconheça que a própria Melanie Klein o negasse.

A segunda modificação que faria é que o afastamento da realidade é uma ilusão e não um fato, e decorre do emprego da identificação projetiva contra o aparelho mental mencionado por Freud (...) [o paciente] age como se o seu aparelho de percepção pudesse ser cortado em diminutos fragmentos e projetado no interior dos objetos. (Bion,1957:59)

Assim, o afastamento da realidade não está condicionado a um maior ou menor contato com a realidade, mas ao modo como o aparelho psíquico se defende da percepção da realidade ou lida com ela. Quando esta não lhe é suportável, as funções do eu que Freud discriminou como sendo uma resposta evolutiva de intervenção do princípio de realidade (consciência das impressões sensoriais, atenção, memória, julgamento e pensamento secundário), ou ainda, numa forma mais primitiva, a capacidade de criar vínculos como matriz embrionária da atividade de pensar (conforme explanaremos no desenvolvimento deste texto), tornam-se alvo de ataques destrutivos e são expulsas, por identificação projetiva, em pequenos fragmentos, da personalidade, para dentro de objetos externos e reais ou englobando-os. Essa fantasia de fragmentação e expulsão é de tal magnitude que, acrescenta Bion (1957), “fica evidente que, para o paciente, ela não é uma fantasia, mas um fato, e este age como se o seu aparelho de percepção pudesse ser cortado em diminutos fragmentos e projetados no interior dos objetos” (Bion;1957:59). Em consequência, a mente psicótica vê-se povoada por objetos - denominados de objetos bizarros - que resultam da aglomeração de pedaços da personalidade com objetos externos²¹.

Cabe ainda ressaltar que essas concepções acerca da utilização da identificação projetiva configuram-se como uma primeira expansão que Bion promove desse conceito, se considerarmos

²¹ Apesar da falta de clareza dessa afirmação, queremos adiar seu esclarecimento até o tópico 2.2.2 – Pensar as Experiências: O Alimento Psíquico, onde explanaremos com mais cuidado a natureza dos diversos elementos que, na teoria bioniana, podem compor o universo psíquico. Por ora, adiantaremos apenas que os objetos bizarros não possuem a qualidade dos processos de representação; ao contrário, são vividos como coisas reais que têm vida própria e não como abstrações representacionais; por isso não se prestam ao pensamento propriamente dito. Nesse sentido, equivalem, de certo modo, ao conceito de equação simbólica tal como vimos que foi desenvolvido por Segal.

a forma como ele foi elaborado por Melanie Klein. Ela já havia se referido a utilização do mecanismo de identificação projetiva em relação aos objetos internos e externos ou à própria personalidade. Bion vai além ao afirmar que ela pode incidir não apenas sobre partes da personalidade e objetos internos e externos, mas também sobre as funções do eu: como defesa contra o conhecimento da realidade, o paciente fragmenta essas funções em partículas mínimas que expulsa de seu eu, enfiando-as, por exemplo, no interior do analista. Assim, por identificação projetiva, podem caber ao analista, por exemplo, as funções de memória, de pensamento, ou mesmo, como informa Meltzer, de preocupação narcísica com a integridade do eu, que é característica da posição esquizo-paranóide.

* * *

Essas reflexões de Bion que vimos até então acompanhando, e que tiveram como ponto de partida o foco no pensamento verbal enquanto vinculador da capacidade de percepção da realidade, sofrem um deslocamento quando Bion dirige sua atenção para etapas mais primitivas do processo de constituição psíquica, em um período por ele considerado de pré-verbal. Parece-nos que ele se reporta, embora de modo indireto, à distinção que Freud elaborou entre o pensamento inconsciente e o pensamento secundário. Podemos dizer que sua atenção, que estivera até então dirigida para a capacidade de desenvolvimento do pensamento secundário, vinculado ao conhecimento da realidade, passa a focalizar os processos psíquicos que correspondem ao pensamento inconsciente. Recordemos que, segundo Freud, o pensamento inconsciente opera apenas com representação-coisa e que esta é essencialmente visual, sem nenhuma conexão com palavras enquanto abstrações representativas, abstração esta que define a representação-palavra. Sigamos o raciocínio de Bion:

Se tivermos em conta que um dos objetivos do paciente, ao empregar cisão e identificação projetiva, é livrar-se da percepção da realidade, ficará claro que poderá conseguir o máximo de afastamento da realidade, com o mínimo de esforço, se puder desfechar esses ataques destrutivos exatamente no elo de ligação, seja qual for, que vincula as impressões sensoriais à consciência. (Bion;1957:61)

A noção de elo de ligação tem como inspiração o conceito de pensamento inconsciente. Bion (1957) retorna mais uma vez à interlocução com Freud: “na descrição de Freud [o pensamento inconsciente] estaria voltado para as ‘relações entre as impressões de objeto’” (Bion, 1957:62), sendo, portanto, responsável pela “consciência atrelada” às impressões sensoriais. Conclui que já em Freud o pensamento inconsciente é um processo de ligação, no caso, de ligação entre as impressões de objeto. Lembramos que em nosso estudo acerca do conceito de representação-coisa²², procuramos mostrar que Freud a definia como um complexo de vinculações de traços mnêmicos (entendidos como “nada mais do que a inscrição do acontecimento”). O que Bion resgata no texto freudiano é a idéia de que o pensamento inconsciente opera com representações que são, em si, ligações de processos ainda mais elementares. Embora não se refira aos mesmos termos, encontramos em seu texto noção semelhante à de Freud sob o nome de ideogramas.

A experiência me levou à suposição de que exista, de início, determinada espécie de pensamento relacionado, a bem dizer, a ideogramas e à visão, e não a palavras e audição. (Bion;1957:62).

Bion não é muito preciso na definição do conceito de ideograma. Ele o define ora como a matriz primitiva que contém em seu interior elos de ligação, isto é, a matriz que permite ligar dois

²² Cf. tópico 1.2.1 desta dissertação – O Pensamento Inconsciente.

objetos, ou que contém a “habilidade” de unir objetos, ora como correspondendo aos elementos psíquicos de que surge o pensamento inconsciente e, nesse caso, como equivalente ao conceito de representação-coisa que é, em si, uma ligação de dois objetos. Pelo menos essa é a impressão que temos quando lemos na frase abaixo que o ideograma é a matriz primitiva que contém os elos que ligam um ideograma a outro:

Conforme fica implícito na passagem em que Freud se refere ao pensamento como algo que se volta para as relações entre as impressões de objeto, a primitiva matriz de ideogramas de que surge o pensamento contém, em seu interior, elos de ligação entre um ideograma e outro. (Bion;1957:63)

Bion tenta conciliar nessa definição, por um lado, o desejo de manter-se fiel a seus mestres, e, por outro, a intuição que se desdobrará posteriormente nos conceitos de função-alfa e elemento-alfa. A função-alfa vai corresponder, de certo modo, à habilidade de unir objetos, e os elementos-alfa, que resultam da atuação da função-alfa, serão “semelhantes às imagens visuais do sonho, [que] correspondem ao que Freud chamou de representação-coisa, [e] constituem o conteúdo do inconsciente” (Chuster,1996:197).

Resumindo: Bion concebe primeiramente o ataque destruidor à capacidade de pensamento verbal através da fragmentação e expulsão por identificação projetiva das funções do eu, a saber, as capacidades de memória, atenção e julgamento. Conclui que tal ataque tem por finalidade a não percepção da realidade insuportavelmente dolorosa. Posteriormente, quando sua atenção dirige-se para o pensamento primitivo, embrionário, acrescenta que esse mesmo processo de fragmentação e expulsão por identificação projetiva também pode ser dirigido, e de modo mais “inclemente”, para momentos mais primitivos do processo de constituição do pensamento. Em seus termos:

(...) [para um] gênero de pensamento que se volta para as relações entre as impressões de objeto – pois se esse elo de ligação puder ser rompido, ou melhor, jamais se formar, pelo menos a consciência da realidade seria, então, destruída, ainda que a própria realidade não possa sê-lo. (Bion,1957:63)

Desse modo, o processo de cisão se estende aos elos de ligação no interior dos próprios processos de pensamento, destruindo a “matriz primitiva dos ideogramas”. Conseqüentemente, e na medida em que há “negação da articulação como princípio básico da combinação de palavras” (Bion;1957:63), a própria capacidade de formação de símbolos fica impedida de se desenvolver.

Em função disso:

Todos esses elos são agora atacados, até que finalmente fica impraticável juntar dois objetos de modo que, não obstante conservarem, intactas, as respectivas qualidades intrínsecas, cada um possa, ainda assim, gerar um novo objeto mental, através de sua conjugação com o outro. (Bion;1957:63)

Uma análise mais atenta dessa passagem revela o movimento expansivo de Bion em relação aos conceitos de representação-coisa e até mesmo do processo de formação de símbolo, mesmo se considerarmos o enriquecimento trazido pelas elaborações de Segal. O elo de ligação, como princípio básico da formação de símbolos, parece ser algo mais do que a pura junção de dois objetos, possuindo uma função transformadora na geração de um “novo objeto mental”. Essa capacidade transformadora será posteriormente atribuída à função alfa.

Com esses instrumentos teóricos, Bion aproxima-se com maior clareza dos fenômenos bizarros que observava na clínica da esquizofrenia. Primeiro, ele é levado a concluir que a incapacidade de pensamento verbal observável em alguns pacientes tinha início na posição esquizo-paranóide, “ocasião em que as bases do pensamento primitivo deveriam ter sido

lançadas, mas não o foram em razão da hiperatividade da cisão e da identificação projetiva”(Bion,1957:61). Em seguida, conclui que, sem formação de símbolos, o que resta são objetos bizarros com os quais o psiquismo opera aglomerando-os, tal como no processo descrito por Segal como equação simbólica. Essas aglomerações não constituíam elo de ligação, não se prestando, pois, ao pensamento, do mesmo modo que os objetos bizarros diferiam dos ideogramas.

A elaboração da noção de elo de ligação e de ataque ao elo de ligação como um processo que “defaz aquilo-que-une” parece permitir que Bion confirme sua intuição de dois níveis de interpretação, aos quais já nos referimos quando nos reportamos ao início de sua trajetória clínica: a interpretação do conteúdo do material inconsciente expresso pela associação livre e a interpretação do modo por meio do qual o paciente consegue conhecer e se comunicar com sua realidade interna e externa. Isso porque, para ele, a função de ligar, de vincular, torna-se mais importante, clinicamente falando, do que o objeto. Chuster (1999) exemplifica: “por exemplo, o interesse analítico se exerce não no seio ou no bebê isoladamente, mas no vínculo entre os dois, ou seja, na função que tem o seio de vincular” (Chuster,1999:74). Nesse sentido, o seio importa menos como objeto anatômico, como uma parte do corpo materno, como objeto parcial em oposição a uma mãe total, do que pela função prioritária que cumpre na relação do bebê com o meio externo: o seio é aquilo-que-os-une, que tem a função de ligação – o seio constitui, segundo Bion (1959), o protótipo de todos os elos de ligação. É interessante notar que a noção de objeto que Bion utiliza possui uma perspectiva diferente da de Melanie Klein, uma vez que objeto pode ser “uma função, a fisiologia”, não se confundindo, como freqüentemente ocorre nos textos kleinianos, com a morfologia e a anatomia. Observamos que, em Bion, o modo de o aparelho funcionar pode ser considerado um objeto.

A noção de elo de ligação possui um lugar central no desenvolvimento do pensamento de Bion e, particularmente, no modelo de mente que ele adota. Tal como desenvolvida nesses textos iniciais, ela nos permite vislumbrar desdobramentos ulteriores descritos sob a insígnia da Teoria sobre o Pensar. Destacamos que Bion fala de elo de ligação não apenas para se referir à relação do bebê com seu primeiro meio externo, a saber, a mãe ou o seio, logo numa relação intersíquica, mas também como aquilo-que-liga intrapsiquicamente as impressões sensoriais no processo de nascimento simbólico, colocando a função vinculante na base de todo processo de mentalização (Rugi;1997). A idéia de uma aproximação entre as relações intersíquicas primordiais e as relações intrapsíquicas terá como consequência, na Teoria sobre o Pensar, a relação entre a função constituinte do que foi denominado de *rêverie* materna e a função alfa, como será posteriormente explanado.

* * *

Referimo-nos anteriormente ao fato de que Bion promove um movimento expansivo no conceito de identificação projetiva ao fazê-lo incidir também sobre as funções do eu. No entanto, a importância que esse conceito adquire em sua teoria sobre o pensar tem como consequência um segundo movimento expansivo. Ele adota, por um lado, a perspectiva kleiniana de que a identificação projetiva nem sempre é um processo patológico, e lhe confere, em acréscimo, a função de comunicação não-verbal e pré-verbal; por outro, valoriza clinicamente, de uma forma que parece ter sido muitas vezes negligenciada pelos seguidores de Melanie Klein, a identificação projetiva e a reintrojeção do objeto bom como condições para o desenvolvimento normal. A clínica da esquizofrenia chama sua atenção para o fato de que, muitas vezes, o paciente projeta, por identificação, os conteúdos psíquicos que lhe são insuportáveis na expectativa de que o

analista, ao acolhê-los, permita que eles permaneçam em seu interior o tempo suficiente para serem transformados em algo suportável, e poderem assim ser reintrojados. Nesse caso, a identificação projetiva não constitui um ataque ao elo de ligação, mas o próprio elo de ligação.

Diz Bion:

(...) sua [do paciente] relação comigo e sua capacidade de se beneficiar através da associação entre nós dois assentavam-se na oportunidade de excisar partes de sua psique e projetá-las dentro de mim. (...) e deixá-las em meu interior o tempo suficiente para que fossem modificadas pela permanência em minha psique, e a capacidade de colocar partes boas suas dentro de mim, daí resultando ele sentir estar lidando com um objeto ideal. (Bion,1957:107)

Essa perspectiva traz um enriquecimento para as implicações desse mecanismo: primeiramente, no que diz respeito ao que é feito daquilo que se projeta; em segundo lugar, dá ao meio ambiente uma função mais ativa e de maior relevo no curso do desenvolvimento psíquico. Bion não desconsidera em nenhum momento “a disposição inata do paciente à destrutividade, ódio e inveja excessivos”, mas acrescenta que a recusa do meio receptor – isto é, aquele em quem o paciente projeta suas partes excisadas (no caso da clínica, o analista) – em cumprir as funções de acolhimento e transformação das partes projetadas, constitui ataque ao elo de ligação. Essa recusa produz resultados catastróficos, como, por exemplo, um processo de identificação projetiva maciça e patológica e a interrupção do desenvolvimento.

Enquanto método de comunicação, a identificação projetiva constitui um modo primitivo de comunicação entre o bebê e o seio – “uma forma primitiva de comunicação que fornece as bases de que depende, em última instância, a comunicação verbal” (Bion,1957:107) – através do qual o bebê comunica à mãe suas emoções insuportáveis por serem “vigorosas de mais para serem contidas no interior de sua personalidade” (Bion,1959:123), na expectativa de que ela

possa suportá-las e transformá-las. Melanie Klein havia ressaltado a importância da investigação dos conteúdos maternos para o desenvolvimento da fantasia e da curiosidade. Para Bion, ao projetar no interior da mãe suas “emoções vigorosas”, identificando-se com elas, e ao dirigir sua curiosidade para o interior materno, são suas próprias emoções que o bebê investiga, projetadas numa personalidade forte o bastante para contê-las, e transformadas de modo a permitir que sua curiosidade se exerça sem aterrorizá-lo:

A negativa ao uso deste mecanismo, seja pela recusa da mãe de servir de receptáculo dos sentimentos do bebê, ou pelo ódio e inveja do paciente que não pode permitir que a mãe exerça esta função, leva à destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma grave desordem do impulso de ser curioso, de que depende toda a aprendizagem. (Bion,1959:123)

A essa capacidade materna de acolhimento e de transformação dos conteúdos psíquicos que, por identificação projetiva, o bebê deposita em seu interior, Bion denominará, posteriormente, de *rêverie* materna, conferindo-lhe uma função chave no processo de constituição psíquica e na gênese da capacidade de pensar.

Em 1961, Bion organiza em uma estrutura teórica essas idéias desenvolvidas a partir de sua investigação clínica dos fenômenos que pareciam implicar tanto uma destruição da capacidade de pensar, quanto o “fato de o paciente habitar um mundo que não corresponde nem à realidade interna nem à realidade externa” (Meltzer,1998:42), uma vez que o que ele vive é a destruição do conhecimento da realidade. Confere-lhe o título de *Uma teoria sobre o pensar*.

2.2 - DA EXPERIÊNCIA À GÊNESE DA CAPACIDADE DE PENSAR

Ao se referir à *Teoria Sobre o Pensar*, de Bion, Resende (1995) chama a atenção para um detalhe que nos parece bastante importante: o título - *A Theory of Thinking*, traduzido para o português como *Uma Teoria Sobre o Pensar*. Embora no dicionário *Webster's*, *thinking* seja traduzido como pensamento, e o termo pensar corresponda em inglês a *think*, segundo Resende (1995), *thinking* é uma palavra inglesa que implica a continuação da 'ação', uma atividade, um ato em via de se realizar, sentido que fica implicitamente presente no título em português, em que se optou pelo termo pensar em vez de pensamento. A problemática do ato, a que nos referimos aqui de forma sucinta, é abordada por Assoun (1993) na distinção da ação. Embora Assoun não seja um autor que tenha se dedicado ao estudo e comentário dos textos de Bion, acreditamos que a distinção entre esses dois conceitos é de grande valia para a reflexão a que ora nos dedicamos, e por isso a tomaremos de empréstimo. Para Assoun (1993), enquanto a ação, como práxis, pressupõe um fim em si mesma, uma volição e uma autonomia do ser que a executa, o ato só pode ser apreendido "na ponta real de seu efeito" e tem "seu fim fora de si mesmo, no objeto a produzir". Pensamos que o cuidado de Bion ao designar seu objeto - *thinking* - não é ocasional, e que pode nos ajudar a vislumbrar o ponto de vista que ele adota no desenvolvimento de sua teoria. Ao fazê-lo, Bion indica que o pensar é mais do que uma ação que acarreta uma descarga de energia, como descrito por Freud em 1911. Pensar é, para ele um ato, cujo fim transcende o processo em si mesmo, implicando a produção de algo que representa uma transformação de um estado anterior. Se essas indicações nos apontam um bom caminho, vemos que o pensar em Bion, como processo de mudança, de transformação, implica, necessariamente, uma experiência – pois toda transformação só se constitui como tal numa experiência – e, portanto, inclui o pensador.

Bion parte da experiência – do “exame do substrato de experiências emocionais”, como ele mesmo diz no início de seu artigo de 1961 – para, a partir dela, construir sua teoria sobre o pensar. Essa indicação - *exame do substrato da experiência* - possui grande impacto no texto, mas nela Bion não se detém, passando imediatamente a descrever, de modo quase didático, sua teoria sobre o pensar. Em decorrência disso, experimentamos uma frustração que nos desafia a pensar, a encontrar, como diz Rezende (1995), “a concatenação, os vínculos, entre os diversos elementos, dentro de seu discurso psicanalítico” (Rezende:1995:35), ou seja, entre as experiências e o pensar.

Apesar de a noção de experiência constituir uma questão fundamental no pensamento de Bion, ele não se dedica à sua conceituação, deixando a nós, leitores, a tarefa de apreender o seu sentido a partir da leitura dos textos. Com esse intento, faremos aqui um pequeno parêntese. Podemos dizer, de modo geral, que Bion chama de experiência aquilo o que sofremos no encontro com a realidade, mesmo que disso não tenhamos conhecimento. Mas, o que sofremos no encontro com a realidade? Ele fala, em seu livro *Aprender com a Experiência*, de impressões sensoriais e emocionais. Deixaremos para depois a questão das impressões e, para apreender o sentido de experiência no texto bioniano, tomaremos como referência a idéia implícita de que desse encontro decorrem dados sensoriais e emoções e, segundo Imbastiaci (1998), indistintamente. Para Imbastiaci, o conceito kleiniano de objeto interno implica a noção de que o bebê pequeno não é capaz de discernir entre os dados sensoriais e os emocionais. Assim, por exemplo, o objeto interno seio é formado no encontro com a realidade, tanto pelas sensações táteis que chegam através dos órgãos dos sentidos (como a visão do seio real, o rosto da mãe, o contato de pele), pelas sensações proprioceptivas e pela fome, quanto pelas emoções que acompanham o ato de mamar, como por exemplo, o amor. Do mesmo modo, o objeto interno não-seio é experimentado pelo bebê, não como a ausência do seio mas como a presença da dor da

fome, da raiva e da frustração. Acreditamos que esta talvez seja uma boa indicação para compreendermos o que Bion denomina de experiência: uma composição de sensorialidade e de emoção que se misturam de tal forma que se tornam indistinguíveis. Essa concepção ficará mais clara quando abordarmos mais adiante, no tópico intitulado *O Modelo*, a questão das impressões das experiências. Por ora queremos ainda ressaltar que, apesar da relevância do conceito de objeto interno para a definição de experiência, Bion pouco utiliza esse termo. Retornamos mais uma vez a Imbastiaci (1998), para quem o conceito de objeto interno deve ser considerado como uma representação, mesmo que rudimentar, das experiências do bebê. A partir disto, pensamos que Bion pouco utiliza o termo objeto interno, justamente porque ele pretende priorizar o lado experiência em detrimento do lado da representação.

Retornando à nossa idéia central, temos que Bion, ao partir da experiência para chegar ao pensar, convida-nos a situar o pensar como uma experiência e a colocar na base da capacidade de pensar a experiência. Para ele, o substrato do pensar é a experiência emocional, o que é o mesmo que dizer que o espaço psíquico no qual devemos trabalhar quando abordamos psicanaliticamente o pensar é o espaço das emoções. Meltzer (1992) concorda com a relevância da função das emoções na teoria bioniana, e vai além:

Na teoria do pensar de Bion, o significado das emoções é o próprio cerne da questão dos processos de pensar, e pensar sobre as emoções é exatamente a matéria de que é feito o desenvolvimento da personalidade. (Meltzer;1992)

Com isso ele amplia as possibilidades de vínculo entre o pensar e a experiência emocional: a experiência não só se apresenta como fundamento do pensar como também constitui a matéria

bruta sobre a qual o pensar se exerce. Tomaremos esses pontos como via condutora para desenvolvermos a teoria do pensar de Bion.

2.2.1 - A Experiência como Fundamento da Capacidade de Pensar

Quando introduz sua teoria sobre o pensar, Bion distingue o desenvolvimento dos pensamentos do desenvolvimento do aparelho para pensar. Embora ressalte que sua preocupação não é psicopatológica, ele não deixa de destacar a importância tanto do pensamento quanto do pensar para o desenvolvimento mental. Diz Bion:

É conveniente encarar o pensar como uma atividade que depende do resultado satisfatório de dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro desenvolvimento é o dos pensamentos. Estes requerem um aparelho que deles se encarregue. O segundo desenvolvimento, conseqüentemente, é o desenvolvimento do aparelho que provisoriamente chamarei [*atividade ou faculdade de pensar*]. Repetindo: o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos. (Bion,1961:128)

O pensar é, assim, uma atividade que se desenvolve para dar conta dos pensamentos, para transformá-los, permitindo que eles também se desenvolvam. Essa perspectiva questiona tanto a concepção de um bebê dotado de todas as faculdades mentais, prontinho para ser posto em funcionamento, como a da anterioridade do pensar em relação à produção de pensamentos. Na verdade, em Bion, as coisas se dão exatamente ao contrário. Ele acredita que a capacidade de pensar não é inata e deve ser desenvolvida, por aprendizagem, para dar conta dos pensamentos que a ela preexistem. Os pensamentos, por sua vez, se desenvolvem, numa perspectiva genética, pela atuação do próprio pensar, através da transformação dos elementos psíquicos, que tendem à

atingir um nível cada vez maior de abstração. Possuem como ponto de partida as pré-concepções ou proto-pensamentos e, segundo sua história evolutiva, isto é, segundo o tipo de realização que encontram, seguem rumos diferentes.

Para desenvolver sua teoria, Bion utiliza o mesmo exemplo dado por Freud: o da amamentação.

Do ponto de vista psicanalítico, poderíamos empregar, como modelo, a teoria de que o bebê tem uma disposição inata que corresponde à expectativa de um seio. Quando uma pré-concepção é posta em contato com uma “realização” que dela se aproxime, o produto mental é uma concepção. Em outras palavras, quando o bebê é posto em contato com o seio mesmo, a pré-concepção (a expectativa inata de um seio, o conhecimento *a priori* de um seio, “o pensamento vazio”) une-se à percepção da “realização” e é sincrônica com o desenvolvimento de uma concepção (...). As concepções, portanto, estarão invariavelmente associadas a uma experiência emocional de satisfação. (Bion,1961:129)

Nas situações em que o bebê encontra um seio que o amamenta satisfatoriamente, diz-se que a pré-concepção encontrou uma realização positiva - a pré-concepção e a experiência se conjugam - e desse encontro nasce a concepção como produto mental: “Deu tudo certo”, diz Rezende, “Havia uma pré-concepção, uma realização, o seio estava lá, houve concepção, um conceito, um nome. Foi batizado, recebeu um nome.”(Rezende,1995:44) É isto que entendemos quando Bion diz que a concepção nasce como um produto mental: ela é conhecimento e está disponível para a utilização psíquica. No entanto, se o seio não se apresenta, isto é, se a pré-concepção se une à realização de um não-seio (lembramos que, para Bion, a experiência é de presença de um não-seio e não de ausência do seio), Bion a denomina de realização negativa. Nesse caso, a evolução da pré-concepção é diferente, pois entre ela e o elemento psíquico é necessário que se interponha

o pensar como processo de transformação desse encontro com o “não-seio-sem-nome” (Rezende, 1995) em algo nominável.

A compreensão desse processo é o cerne da questão que nos ocupa nesse estudo e vai percorrer todo o desenvolvimento que faremos da teoria do pensar em Bion. Por ora, vale fazer um parêntese para ressaltar que o modelo de aparelho psíquico que Bion começa a desenhar tem o pressuposto de que aquilo que se experimenta, enquanto elemento bruto, não é propriamente um elemento mental, isto é, não possui nenhum nível de abstração - são “fatos nus e crus” - e por isso não se presta a nenhuma utilização psíquica: nem como sonho, nem como fantasia, nem possui registro como memória. Para tanto, o que se experimenta precisa primeiramente poder tornar-se mental, manipulável pelo aparelho psíquico; sofrer uma transformação simbólica que possibilite seu descobrimento e compreensão. “Esse aparato, diz Meltzer (1998), é concebido como algo que cria os elementos (...) necessários à manipulação, em um processo que se chamará ‘pensar’” (Meltzer, 1998:54).

Assim, criar elementos mentais, tornar disponíveis as experiências para utilização psíquica, determina o sentido do desenvolvimento psíquico, o qual, em sua gênese, parece ser descrito como possuindo dois caminhos possíveis: o da realização positiva e o da realização negativa. No entanto, ao passo que, no primeiro caso, esse processo de mentalização nos deixa a impressão de que ocorre de forma quase natural pela simples junção da pré-concepção com sua realização positiva, no segundo, esse processo se complexifica, perdendo toda a possibilidade de naturalização. Ou seja, enquanto no primeiro caso tudo parece depender de um objeto/seio que se apresente satisfatoriamente, no segundo a presença do objeto/não-seio já não é suficiente.

Desse modo, para Bion, esses elementos - presença do seio/ presença do não-seio - não se mostraram suficientes para garantir o desenvolvimento psíquico, na medida em que apenas as realizações positivas ofereciam ao aparelho psíquico os elementos de que ele necessitava para

operar. Foi preciso, então, conceber um motor que transcendesse o fato objetivo das realizações, experimentado como concreto (isto é, a presença do objeto). Para essa função, ele designou as experiências emocionais que fazem parte das realizações. Segundo Bion, tanto as realizações positivas como as negativas se fazem acompanhar de experiências emocionais, embora de natureza bastante diversas. Nessa diversidade consiste o grande diferencial entre as formas de realizações: às primeiras se associa uma experiência emocional de satisfação e às outras, a experiência de frustração. Quanto à gênese da capacidade de pensar, a experiência de frustração é das mais importantes, e, seguindo Bion, Rezende (1995) vai afirmar que é seu próprio fundamento, uma vez que, para Bion, o pensar depende da capacidade do bebê de tolerar a frustração. Segundo Rezende (1995), "a frustração é uma parada no processo de conhecimento e uma virada para o processo de pensamento" (Rezende,1995:45), ou seja, na medida em que a experiência de frustração significa a não conjunção da pré-concepção com seu objeto satisfatório, e, logo, o não-conhecimento, ela também significa a necessidade de que se desenvolva a atividade de pensar para que o conhecimento possa advir. Por isso Bion (1961) restringe o termo " 'pensamento' à união de uma pré-concepção com uma frustração" (Bion,1961:129).

A separação entre realização positiva e realização negativa dá, à primeira vista, a impressão de que Bion suporia uma satisfação completa, uma realização positiva total de uma pré-concepção. Nesse primeiro momento, no entanto, é curioso notar que, no que diz respeito ao desenvolvimento da psique, parece ser indiferente que a realização seja positiva ou negativa, que o seio se apresente ou não, pois sempre haverá frustração. É o que Bion (1961) nos leva a pensar quando diz que, no caso das realizações positivas, por exemplo, a união da pré-concepção com sua realização "não encontra, necessariamente, uma realização que dela se aproxime o bastante para satisfazê-la" (Bion,1961:131). Ou quando diz, logo em seguida, que:

(...) caso se tolere a frustração, a união da concepção com as 'realizações', sejam elas negativas ou positivas, dá início a procedimentos necessários ao aprender com a experiência." (Bion,1961: 131)

Isso nos permite concluir que, se Bion é bastante freudiano ao afirmar que a promoção do desenvolvimento psíquico está vinculada à dura realidade da percepção da frustração e à capacidade de tolerá-la, ele, no entanto, enfatiza não tanto a experiência de satisfação mas sobretudo o que, na experiência, é sentido como não satisfação. Ao desenvolvimento do aparelho psíquico importa pouco que tenha havido ou não algum grau de satisfação; importa, que a satisfação nunca será completa e que será sempre acompanhada de frustração. Talvez por isso ele prefira tomar como modelo para o desenvolvimento de sua teoria sobre o pensar a realização negativa, ou seja, "um bebê cuja expectativa de um seio se una a uma 'realização' de um não-seio disponível para a satisfação" (Bion,1961:129).

A apresentação, em linhas gerais, da teoria sobre o pensar a partir desse modelo vai requerer que façamos uso de conceitos por nós ainda não desenvolvidos. Ela tem a seu favor, entretanto, a facilidade, como diz Bion, de "concretização da abstração" que a teoria representa. Segundo Bion, o bebê que tem fome e chora na expectativa do seio e que, no entanto, experimenta a realização do não-seio fica imerso em um mundo de emoções que seu psiquismo incipiente ainda não pode suportar, entre as quais encontra-se a frustração. Quando ele for congenitamente dotado de "um senso de realidade rudimentar e frágil" e puder minimamente suportá-la, utilizará de forma realista o mecanismo de identificação projetiva, de forma comunicar à sua mãe o mal que lhe aflige, depositando-o dentro dela. Esta, por sua vez, deverá fazer uso de sua própria capacidade de contenção e de digestão psíquica de modo a transformar para ele em algo suportável aquilo que sozinho, ele não pôde suportar. Assim, o bebê pode reintrojetar suas partes projetadas de modo menos ameaçador e, junto com elas, a capacidade

materna de pensar. Essa é a maneira pela qual o bebê aprende a pensar: desenvolve-se nele um aparelho para pensar os pensamentos. Por isso, se o bebê consegue suportar suficientemente a frustração, a atividade de pensar pode se desenvolver, transformando o não-seio em pensamento, os "fatos nus e crus" em elementos mentais.

Ao tolerar a frustração, a psique se defronta com as possibilidades de transformação da frustração e de conhecimento da realidade que a afeta. Assim, o objeto não-seio revela-se idêntico à percepção do espaço e do tempo: espaço, na medida que a frustração representa a separação do seio e que, não sendo necessário recorrer à identificação projetiva excessiva como defesa contra a frustração, permite maior consciência da separação, (aliás, um dos objetivos da identificação projetiva é justamente evitar qualquer sentimento de separação); tempo, no reconhecimento do hiato que existe entre o desejo e sua satisfação. A capacidade de tolerar a frustração é justamente o que possibilita que a psique desenvolva o pensamento como meio através do qual torna a frustração mais tolerável. É ela que permite o desenvolvimento do aparelho para pensar e a transformação do não-seio em pensamento "como modo de transpor o fosso de frustração que permeia o momento em que se experimenta a necessidade e o momento em que a ação apropriada para satisfazer essa necessidade culmina na sua satisfação" (Bion,1961:129), tal como descrito por Freud em *Dois princípios do funcionamento mental*, em 1911.

Essa aproximação entre os textos de Freud e Bion, no que tange à relação entre a frustração e o desenvolvimento do pensar, camufla uma diferença sutil mas muito importante, segundo observação de Rezende (1995): "No texto de Bion trata-se de modificar a frustração. No de Freud, trata-se de modificar a realidade" (Rezende,1995:46). Ou seja, segundo esse autor, para Bion, a função primeira do pensar não é a transformação da realidade ou do não-seio em seio através de uma ação, mas a transformação do não-seio interno, das experiências sensoriais e

emocionais que o constituem, em pensamento. Assim, para Bion, uma personalidade capaz de maturidade termina por reconhecer o não-seio como um pensamento.

Se, no entanto, a capacidade de tolerar a frustração for insuficiente, a psique tenderá a fugir da percepção da realização e da frustração, evacuando o não-seio através da utilização excessiva do mecanismo de identificação projetiva, em vez de transformá-lo em elemento utilizável pelo psiquismo. Nesses casos, o desenvolvimento do aparelho para pensar fica comprometido e, conseqüentemente, há um empobrecimento do psiquismo.

O resultado é um afastamento significativo dos fatos que Freud descreve como típicos do pensamento na fase de predominância do princípio de realidade (...) O que deveria ser um pensamento (...) torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação. (Bion,1961:130)

Temos aqui a impressão de que Bion reconhece a eficiência do modelo de realização negativa, por ele adotado para desenvolver a teoria sobre o pensar pelo fato de permitir esclarecer os fenômenos de empobrecimento psíquico observados na clínica da esquizofrenia e que ele já havia relacionado à capacidade de pensar, tal como vimos no capítulo anterior.

* * *

Para melhor entendermos os meandros da teoria que Bion propõe e vislumbrarmos seu alcance, seria conveniente abordarmos com mais cuidado alguns pontos que a compõem, ainda que sob o risco de nos tornarmos repetitivos. Primeiramente, quando, a partir do modelo de realização negativa, descrevemos de forma sucinta a teoria sobre o pensar, referimo-nos, de modo abrupto, a duas formas de utilização da identificação projetiva: a forma realista e a forma

excessiva. Chega agora o momento de prestar algum esclarecimento. A partir dos textos de Melanie Klein, Bion (1961) descreve duas formas de utilização da identificação projetiva: a realista, que tem função favoravelmente determinante no desenvolvimento psíquico, e a que é utilizada de forma excessiva, trazendo conseqüências catastróficas para o desenvolvimento psíquico. A identificação projetiva realista é considerada como o que constitui a “base em que repousa o desenvolvimento normal”, e, na verdade, como o único método de comunicação²³ possível entre o bebê, ainda em estado rudimentar de desenvolvimento, e o ambiente, a saber, sua mãe. Diz ele:

Uma das condições que afetam a sobrevivência do bebê é a sua própria personalidade. Geralmente, é a mãe quem maneja a personalidade do bebê e outros elementos do meio. Se a mãe e o bebê se ajustarem mutuamente, a identificação projetiva, através do emprego de um senso de realidade rudimentar e frágil, passará a exercer papel destacado no manejo em questão; a identificação projetiva, que em geral, é uma fantasia onipotente, funciona neste caso de modo realista. Estou inclinado a crer seja esta sua forma normal.

(Bion,1961:132)

Segundo Bion, o bebê, quando tem sensações que não pode suportar, projeta as na mãe, por identificação, visando “premeditadamente” (Bion,1961:132) despertar nela os sentimentos dos quais deseja livrar-se. Ou seja, ele lhe comunica seus temores, suas sensações. Para nos falar disso, Bion (1961) utiliza o seguinte exemplo:

²³ Alguns autores, como Joseph (1987), têm ressaltado a enorme importância clínica do reconhecimento da identificação projetiva como forma de comunicação. Para essa autora, a “identificação projetiva é, por sua própria natureza, uma forma de comunicação, mesmo nos casos em que não é este seu objeto e intenção”. Nisso ela apóia a possibilidade de utilização clínica da contra-transferência. Para maior conhecimento sobre a questão, remetemos os leitores ao texto de referência (Joseph,1987). Esclarecemos, entretanto, que essa abordagem tem gerado controvérsias. Segundo nosso ponto de vista, a unificação das formas de utilização da identificação projetiva, sob a função de comunicação, tal como propõe Joseph, implica a seguinte questão: não estaríamos abandonando toda a riqueza que Bion empresta à identificação projetiva realista, por exemplo, quando considera que ela é o protótipo da atividade de pensar, que possui função vinculante, que é a base do desenvolvimento psíquico normal e que a comunicação é, neste caso, premeditada? Veremos que essas características não se adequam à noção de identificação projetiva excessiva. Esta é uma questão que merece atenção cuidadosa.

Se o bebê sente que está morrendo pode despertar na mãe o receio de que ele esteja morrendo. A mãe equilibrada consegue aceitar esse temor e reagir terapeuticamente; isto é, de modo a fazer com que o bebê sinta estar recebendo de volta a sua própria personalidade amedrontada, mas de forma tolerável - os temores passam a ser manejáveis pela personalidade do bebê. (Bion,1961:132)

Através do conceito de identificação projetiva realista, Bion não só reconsidera e valoriza como também amplia o conceito kleiniano de objeto bom - o seio gratificador é introjetado nos primeiros meses de vida, constituindo o núcleo do eu do bebê. Para Melanie Klein (1946), diferente do seio mau que é sentido como fragmentado, o seio gratificador é sentido como inteiro e, ao ser "tomado para dentro" atua como "instrumental na construção do ego". Segundo ela, esse primeiro objeto bom "é responsável pela coesão e integração", ou, nos termos de Bion, possui função de integração, de elo, de vinculação. Para ele, a mãe, ao receber sem pânico o que seu filho lhe transmite em um clima de urgência e catástrofe, contendo, transformando e modulando sua dor de modo a torná-la suportável para sua mente frágil, confirma a função vinculante. Acreditamos que é isso que Bion quis significar quando considerou o seio como vínculo. Essa função vinculante que se manifesta primariamente justifica, segundo nosso entendimento, as afirmativas bionianas de que a identificação projetiva é o protótipo de toda atividade de pensar e de que "nossa capacidade de pensar é embrionária" (Bion,1962:31).

A função vinculante será então introjetada pelo lactente juntamente com a parte de sua própria personalidade anteriormente projetada, só que agora envolta em uma emoção tolerável e pronta para o descobrimento. Essa função, presente na relação mãe/bebê, é denominada de *rêverie* materna e constitui a idéia central da teoria sobre o pensar, particularmente no que concerne à gênese da capacidade de pensar, pois caberá à mãe, no exercício da *rêverie*, a função de auxiliar o bebê a tolerar a frustração: a "mãe equilibrada" (Bion,1961:132) consegue aceitar o

que seu bebê nela projeta, conter seus temores e devolver-lhe de forma mais atenuada, de modo que ele possa suportá-los.

Antes de abordarmos a identificação projetiva excessiva, vale ressaltar que, no que concerne à capacidade de tolerar a frustração, apesar de Bion valorizar, mais de que Melanie Klein o fizera, a influência dos fatores ambientais, a herança kleiniana leva-o a conceder uma importância fundamental ao fator congênito. Para ele, se, por determinação congênita, o bebê for extremamente intolerante à frustração, nada se poderá fazer para reverter a tendência natural ao prejuízo psíquico:

Revisando as principais características até aqui mencionadas: a origem da perturbação [inveja e ódio excessivos] é dupla. De um lado está a disposição inata (...) De outro lado, o ambiente (...) Em certas ocasiões, os ataques destrutivos ao elo de ligação entre o paciente e o ambiente - ou entre diferentes aspectos da sua personalidade - têm origem no paciente. Em outras ocasiões, na mãe - embora (...) no caso de pacientes psicóticos, não possa jamais ser na mãe, exclusivamente. As perturbações se iniciam com a própria vida. (Bion,1959:122)

No que diz respeito à identificação projetiva excessiva, para Bion (1961), o termo “excessivo”, empregado por Melanie Klein, “deve ser entendido como se aplicando não só à frequência com que emprega a identificação projetiva, mas também à crença excessiva na onipotência” (Bion,1961:132). De acordo com o texto kleiniano, a única forma possível de negar a realidade psíquica é por meio de um forte sentimento de onipotência:

A negação onipotente da existência do objeto mau e da situação de dor é, para o inconsciente, igual à aniquilação pelo impulso destrutivo. Entretanto, não são apenas uma situação e um objeto que são aniquilados, é uma *relação de objeto* que sofre esse destino e portanto também parte do ego, da qual emanam os sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também. (Klein,1946:26)

Para Bion(1961), a “crença excessiva na onipotência” faz com que a psique “funcione com base no princípio de que evacuar um seio mau é sinônimo de obter alimento de um seio bom” (Bion,1961:132). Isto quer dizer que, ao experimentar como equivalentes a evacuação do objeto mau e a presença do objeto bom, o bebê, numa imagem grosseira, vive como indistinguíveis cuspir a fome e a experiência de ser amamentado.

Bion entende que, se a mãe falha em sua função de *rêverie* e não aceita a projeção de seu bebê por não conseguir tolerá-la, “o bebê não terá outra alternativa senão o recurso à contínua identificação projetiva, levada a cabo com força e frequência crescentes” (Bion,1962:132), desencadeando o processo de identificação projetiva em sua forma excessiva. Desse modo, em vez de introjetar um objeto-que-liga, fornecendo a matriz do pensar, o bebê introjeta um objeto mau, ameaçador, que nada lhe ensina sobre a constituição dos elos de ligação. Diz o autor:

“O estabelecimento, interno, de um objeto-que-rejeita-a-identificação-projetiva significa que, em lugar de um objeto compreensivo, o bebê fica com um objeto-que-não-entende-propositalmente – com o qual se identifica. (Bion,1961:134)

Como consequência, haverá um acúmulo de objetos internos maus e as emoções, não moduladas, permanecerão insuportáveis. Estas, por sua vez, tendem a ser evacuadas e, como num processo de alimentação retroativa, intensifica-se a necessidade de utilização do mecanismo de identificação projetiva. Por essa razão, “o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado, e, em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva” (Bion,1961:130), que compromete o próprio pensador, na medida em que “os pensamentos passam a ser tratados como objetos internos maus” (Bion,1961:130).

As diferentes formas de utilização do mecanismo de identificação projetiva, possuem, assim, função e lugar completamente diversos no desenvolvimento psíquico e, podemos deduzir, devem constituir experiências diversas. Enquanto a forma realista pressupõe um senso rudimentar de realidade e, logo, de separação eu/ não-eu, a predominância da identificação projetiva excessiva “faz com que se confunda a distinção entre *self* e objeto externo (...) contribui[ndo] para a falta de qualquer percepção de dualidade, já que essa percepção está condicionada ao reconhecimento da diferenciação entre sujeito e objeto” (Bion,1961:131). Na forma realista, a experiência é de comunicação de uma sensação que, embora se deseje livrar dela, é aceita e não negada. Segundo Bianchedi (1999), para Bion não apenas toda emoção possui uma função vinculante, como também todo “vínculo entre objetos humanos constitui experiências emocionais”. Assim, enquanto comunicação, a identificação projetiva em sua forma realista é também uma experiência de vinculação, de criação de elo entre o *self* rudimentar e o seio como objeto externo. Além disso, diz Bion, ela possibilita que o bebê investigue seus próprios sentimentos dentro de uma personalidade vigorosa o bastante para contê-los e, nesse sentido, podemos deduzir que ela suscita também a experiência de uma emoção que ele denomina de “sede de conhecimento”.

Já na forma excessiva, o que predomina é a “anti-emoção” (Meltzer), uma vez que representa justamente a recusa do “principal método de que dispõe o bebê para lidar com as emoções”. Em decorrência disso, diz Bion:

(...) os sentimentos de ódio voltam-se contra todas as emoções, inclusive o próprio ódio, e contra a realidade externa que os estimula. É um pequeno passo, do ódio às emoções ao ódio à própria vida. (Bion,1959:123)

De acordo com Meltzer (1992), ao considerar as emoções como elos, como vínculos, Bion chega à conclusão de que, no cerne da questão, não se trata de um problema de amor versus ódio, como freqüentemente encontramos em Freud, mas de emoção versus oposição à emoção - anti-emoção, ou seja, excisões de grandes amplitudes e que se opõem a qualquer movimento integrativo e/ou de interação. Logo, podemos concluir que da identificação projetiva excessiva decorre uma experiência desvinculante, de fragmentação e aniquilamento.

Vimos, no tópico anterior, que a atenção clínica de Bion foi instigada pela necessidade que alguns pacientes possuem de aniquilar a percepção tanto da realidade interna quanto externa, e pelo modo como a atividade de pensar revelava-se estreitamente vinculada a ela. Vemos agora que a gênese da capacidade de pensar está duplamente sustentada pelas experiências que compõem essas realidades, principalmente a realidade interna. Por um lado, é a possibilidade de suportar e, logo, de estar consciente da experiência de frustração que permite que o pensar se desenvolva: tudo “depende da capacidade de o bebê tolerar frustração. Depende de que a decisão seja fugir da frustração ou modificá-la” (Bion). Por outro lado, a identificação projetiva realista, como protótipo do pensar, constitui-se também como uma experiência emocional de vinculação.

Cortiñas & Dimant (1999) entendem que, ao fundamentar a capacidade de pensar nas experiências emocionais, particularmente nas que incluem a frustração como dor mental, Bion põe em evidência a especificidade do ponto de vista psicanalítico dentre as disciplinas/teorias que se destinam ao estudo do tema do pensamento, uma vez que a conceitualização da dor mental diferencia o enfoque psicanalítico. Ainda segundo essas autoras, a contribuição de Bion vai além da conceitualização da dor mental quando considera a hipótese de que o pensar, enquanto experiência emocional, quando não suportado, também fica sujeito aos ataques aniquiladores. Diz um dos pacientes de Bion (1962): “Os pensamentos são um incômodo, (...) não os quero” (Bion, 1962:50).

Bion havia dito que não basta ter pensamentos, é preciso pensá-los; Cortiñas (1999), parafrazeando Bion, diz: “não basta ter sentimentos, é preciso experimentá-los”. Seguindo pela mesma via, gostaríamos de acrescentar: não basta ter experiências, é preciso suportá-las, digerir-las e conhecê-las.

2. 2. 2- Pensar as Experiências: O Alimento Psíquico

As imbricações que a teoria de Bion propõe entre a *experiência* e o *pensar* assumem grande relevância quando ele escreve em 1962 o livro *Aprender com a experiência*. Nele, Bion apresenta um modelo de aparelho psíquico que se alimenta essencialmente das experiências do indivíduo e se desenvolve em direção ao conhecer e ao conhecer-se, ao compreender e ao compreender-se. O estudo psicanalítico do processo de conhecimento permite a Bion percorrer os meandros do mundo primitivo, indagando-se, podemos imaginar, como aquilo que se dava ao nível de experiência, se constituía no aparelho psíquico enquanto representação, quando só então poderia ser conhecido. “Creio – diz Bion na introdução desse livro – ser possível dar uma noção de mundo que se revela pelo esforço de compreender nossa compreensão”.

A partir da leitura que faz da obra de Freud, pelo menos quanto ao que propõe como extensão metapsicológica (Meltzer, 1981), vemos que Bion considera tanto o mito da experiência de satisfação, com sua concepção energética e hedonista, quanto o fracasso do recurso à satisfação alucinatória como insuficientes para responder pelo desenvolvimento do aparelho psíquico e do conhecimento da realidade. Para Bion, a mente humana e seu processo de conhecimento, eram dotados de uma complexidade que extrapolava a capacidade organizadora do que havia sido desenvolvido por Freud nesse texto de 1911.

Se tomarmos como exemplo o modo como Freud descreve a satisfação alucinatória, no mito da experiência de satisfação, isto é, como reinvestimento das representações mnemônicas da primeira experiência de prazer do bebê, poderíamos equivocadamente pensar que, sendo essa possibilidade dada desde o início ao bebê, a experiência e sua representação psíquica devem ser entendidas como correspondendo aos dois lados de uma mesma folha de papel, concomitantes e inseparáveis. Tomando como referência estas questões, Imbastiati (1991)²⁴ tece algumas considerações, nas quais, por um lado, ressalta que o mundo externo não entra, por assim dizer, na mente, como uma foto de filme, e que, para ser conhecido ele tem que ser representado por algo interno, e por outro lado, destaca a enorme diferença existente entre as representações e os fatos reais externos²⁵. Em conformidade com os argumentos de Imbastiati, lembramos que Bion destacou o caso de pacientes em que o material psíquico parecia não constituir processos representacionais, entendendo que tal material não poderia ser utilizado como nos sonhos ou nos processos alucinatórios descritos por Freud, que são regidos pelo processo primário, nem como nos pensamentos regidos pelo processo secundário. Vale também lembrar que o ponto de vista da teoria kleiniana que descrevia a posição equizo-paranóide como o estágio mais primitivo do desenvolvimento psíquico parecia não se adequar, aos olhos de Bion, a essa forma de experiência alucinatória que implica o desejo e, conseqüentemente, uma experiência de objeto total. Para ele,

²⁴ Antônio Imbastiati é um psicanalista que possui também grandes conhecimentos de Psicologia atualizados em Perceptologia, Neurologia, e em diversas ciências cognitivas modernas. Fundamentado nessa 'dupla' formação, ele propõe uma "leitura cognitiva da psicanálise" e uma "psicanálise dos processos cognitivos", com o objetivo de romper as barreiras que tradicionalmente, têm separado a psicanálise das outras áreas da psicologia, retratadas na famigerada dicotomia afeto x cognição. Em seu livro *Afeto e Representação*, publicado em 1991 e apenas recentemente editado em Português, ele recorre ao texto de Bion, particularmente a *Aprendendo com a Experiência*, para mostrar como tal dicotomia é fruto de enraizados preconceitos; que, de fato, "afeto e representação, no bebê, referem-se aos mesmos processos, diversamente observados" (Imbastiati,1991:39); e que só é possível fazer tal distinção, "quando muito", na criança grande ou no adulto.

²⁵ Segundo Imbastiati (1991), essa diferença é tanto maior quanto menor for a criança: "à medida que vamos descendo do adulto à criança e desta ao bebê, a variação entre aquilo que a mente representa e aquilo que a realidade é, aumenta" (Imbastiati,1991:36). Exceto no que diz respeito, devemos acrescentar, às representações inconscientes; estas permanecerão sempre infantis.

só no estado depressivo é possível passar a falar em seio desejado como idéia de seio ausente e não mais como seio mau presente, uma vez que na posição esquizo-paranóide não há experiência de ausência, como tão bem ressaltou Segal²⁶. Assim, parecia a Bion poder concluir que os processos representacionais, em sentido próprio, não eram processos naturais e que, portanto, não deveriam fazer parte dos primórdios do psiquismo.

Bion (1962) considera que a precariedade do texto freudiano para explicar o processo de compreensão decorria basicamente de alguns “equivocos” que seu mestre cometera no texto de 1911. Nesse momento, retoma o texto de Freud como interlocução para poder ressaltar sua própria tese:

A significação crescente da realidade externa também aumenta o significado dos órgãos sensoriais que se voltam para o mundo externo, e da consciência que a ele se liga. Esta, agora, aprendeu a compreender as qualidades do sensório, em adição às manifestações do prazer e do desprazer, até aqui de interesse só para ela. (Freud, 1911 *apud* Bion: 196).

Ainda que concordando com a tese freudiana de que a constituição e o desenvolvimento do aparelho psíquico se dão no sentido do conhecimento e da compreensão da realidade, Bion propõe como extensão que por realidade se compreenda tanto a realidade externa quanto a interna. Diz ele:

Trato, como igualmente reais, as impressões sensoriais, e o prazer e o desprazer, abandonando destarte, como irrelevante para o tema da compreensão, a distinção que Freud estabeleceu entre o “mundo externo” e o prazer e o desprazer. (Bion, 1962:22)

²⁶ Cf. nota n° 17 acima.

Lembramos que Freud nos leva a supor que há tanto uma anterioridade genética do conhecimento das qualidades de prazer e desprazer, que possuem origem interna, como também uma supremacia desta em relação às qualidades sensórias. O psiquismo primitivo que Freud desenha representa um mundo praticamente fechado ao mundo externo e sob o domínio do princípio de prazer. Somente quando este fracassa em seu propósito de auto-satisfazer-se, é que se vê obrigado a dirigir sua atenção para o mundo externo.

A partir disso, é interessante notar que o argumento utilizado por Bion para questionar a tese freudiana é o de que, no que concerne ao tema da compreensão, os estímulos endógenos (prazer/desprazer) e os exógenos (impressões sensoriais) devem ser tratados como iguais. Perguntamos: iguais em que medida? A resposta que achamos mais pertinente ao pensamento de Bion é a de que eles seriam iguais ao nível da experiência, isto é, quer fossem de origem externa, quer de origem interna, eles seriam experimentados da mesma forma pelo psiquismo primitivo e rudimentar do bebê: como objetos concretos, como coisa-em-si, não possuindo, pois, estatuto de representação.

É nesse sentido que Imbasciati (1991) entende que a teoria de Bion propõe uma perspectiva diferente da que ele, Imbasciati, considera como sendo a predominante em psicanálise: a idéia de um psiquismo estruturado com base em determinantes endógenos biológicos, isto é, pulsionais. Bion, ao tratar como irrelevante, no que diz respeito à constituição psíquica, o fato de os determinantes serem de origem endógena ou exógena, estaria valorizando a experiência e sua possibilidade de inscrição no aparelho psíquico “como constituinte elementar do sistema psíquico”.

Outro ponto de discordância abordado por Bion em relação a Freud, diz respeito à relação entre a consciência e a compreensão. Em *Os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, acima referido, lemos: “Esta [a consciência], agora, aprendeu a compreender as qualidades do

sensorio...”. Bion acredita que Freud cria contradições ao atribuir a compreensão à consciência. Recorta no texto freudiano a indicação de um nível de consciência (*awareness*) que ele, Bion, entende como rudimentar, e que é definida como “um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas”. Pensa que essa consciência rudimentar não pode ser responsável pela função de compreensão, pois seus pacientes lhe haviam mostrado que era possível ter consciência de uma experiência sem, no entanto, discernir seu sentido nem compreendê-la. Citemos duas ocasiões em que utiliza o termo. Ao referir-se, aos primórdios do psiquismo, por exemplo, descreve:

Dizemos que a criança se sente frustrada se pressupomos a existência de um aparelho para experimentar a frustração. O conceito de Freud de consciência como um órgão o de “um órgão sensorial para se perceberem as qualidades psíquicas” fornece tal aparelho. (Bion,1962:49)

E um pouco mais adiante, a propósito da mudança do estado mental da criança de insatisfação para a satisfação, afirma:

Se é lícito supor que o problema principal repousa na discriminação da qualidade psíquica e se, legitimamente, se considera a consciência, o órgão sensorial da qualidade psíquica, difícil seria observar como a consciência passa a existir. (Bion,1962:50)

Meltzer (1998) esclarece que, ao falar de consciência, Bion não está se referindo a uma função do ego nem a uma instância psíquica que difere do inconsciente. Em sua ótica, Bion limita a consciência a seu significado operacional, tal como entende que Freud o fez ao afirmar que a consciência é um órgão para a percepção da qualidade psíquica. Esta consciência, que aqui qualificamos como rudimentar, é definida por Bion como anterior à própria diferenciação do

aparelho psíquico entre estar consciente e inconsciente; logo, não se formaria em oposição ao inconsciente. Na seqüência do texto último acima citado, lemos:

Isso, evidentemente, não significa que a criança está consciente da qualidade psíquica e transforma esta experiência emocional em elementos-alfa, pois já afirmei que a existência da consciência e da inconsciência depende da produção prévia de elementos-alfa pela função-alfa. (Bion,1962:51)

Utilizando a terminologia que ele próprio criou para desenvolver sua metapsicologia, Bion esclarece que aquilo a que ele se refere difere do estado de consciência definido por Freud pelo fato de incidir sobre elementos psíquicos diversos. Isto é, se para Freud a consciência é, por assim dizer, consciência de uma representação, entendemos que Bion chama de consciência aquilo que se volta para a realidade interna permitindo a percepção da qualidade psíquica de nossas experiências, anterior mesmo a qualquer possibilidade de representação, pois, justamente, diz respeito a algo que ainda não foi mentalizado. Assim, haveria, num primeiro momento, a consciência rudimentar, e só posteriormente a possibilidade de estar inconsciente ou consciente, de “sonhar ou estar acordado”. Nesse sentido, Meltzer (1998) ressalta que, para Bion, “dormir não é o mesmo que estar inconsciente, mas [indica] apenas que as qualidades que estão sendo percebidas limitam-se basicamente a acontecimentos intrapsíquicos, já que os órgãos da percepção externa encontram-se (relativamente) fechados para a noite” (Meltzer,1998:61).

Parece-me que atribuir, no aparelho conceitual desenvolvido por Bion, a compreensão a um nível tão primitivo de desenvolvimento psíquico equivaleria a supor, como diz Meltzer (1998), a concepção de um mundo dado como um mundo de "objetos em movimento e em relação, mais ou menos como se os princípios de operação fossem puramente mecânicos" (Meltzer,1998:58). Essa não é, de maneira nenhuma, a perspectiva bioniana, como também não

era a de Freud, embora a teoria deste carecesse, segundo Bion, de recursos que possibilitassem entender essa proposição. Na teoria que elabora, Bion vincula a capacidade de compreensão ao exame da atividade de pensar tal como ele a concebe, e mais especificamente ao que ele vai denominar de função-alfa.

Se olharmos retroativamente para o que destacamos acerca da importância concedida por Bion à experiência em sua teoria sobre o pensar, chegaremos à conclusão de que, desde o início de seus questionamentos clínicos, a noção de uma consciência rudimentar possuía, implicitamente, grande relevância, o que, provavelmente, também se ajusta ao pensamento de Freud e ao de Melanie Klein. Pois é apenas na medida em que as qualidades psíquicas podem ser percebidas que o aparelho psíquico pode reagir a elas, quer fugindo, quer modificando-as. Acreditamos que a grande novidade que Bion introduz – e os maiores frutos de sua teoria também provêm daí, é a separação entre a consciência e a capacidade de compreensão. Ao fazê-lo, ele não apenas valoriza a experiência, como o fundamento e como o que constitui o alimento de que se servirá o psiquismo em seu processo de desenvolvimento, mas também revela uma realidade interna até então completamente incompreendida e, ao mesmo tempo, fundamental para o desenvolvimento ulterior. Bion não se detém muito na descrição desse mundo primitivo²⁷. Elabora, no entanto, um modelo que o auxilia nas investigações dos processos de desenvolvimento psíquico, ao qual dedicaremos agora nossa atenção.

²⁷ É preciso destacar a atenção que alguns autores pós-bionianos que têm trabalhado com a clínica do autismo vêm dando ao tema.

2. 2. 2. 1 - O Modelo

Segundo Bion, o processo de elaboração de uma teoria é análogo ao processo de desenvolvimento do pensamento: parte-se de uma realização, das impressões de uma experiência, em direção a níveis de abstração cada vez maiores, passando pela “fase intermediária da invenção do modelo” (Bion,1962:98). Para ele, um modelo é “formado de imagens concretas combinadas, de acordo com o que se concebeu como a correlação entre os componentes da realização original” (Bion,1962:80); a partir desse modelo, selecionam-se elementos para servir no processo de generalização. Em seguida, abstrai-se uma hipótese e esta, por sua vez, gera uma teoria.

No processo de elaboração de sua teoria sobre o pensar, Bion cria um modelo. Nele o bebê, em seu estado mais primitivo, possui uma percepção, fornecida pela consciência rudimentar, de suas experiências e, mais particularmente, das impressões sensoriais que delas decorrem, vividas de modo não integrado, tal como na posição esquizo-paranóide concebida por Melanie Klein. O mundo primitivo descrito por Bion não é composto de representações mas de objetos vividos como reais; é um mundo do qual temos consciência mas que não conhecemos; é um mundo interno desprovido de elementos utilizáveis pelo aparelho psíquico: um mundo composto basicamente de impressões sensoriais e de experiências emocionais, “que são igualmente objetos sensoriais”.

Como parece ser o estilo de Bion, mais uma vez ele não se preocupa com a definição dos termos que utiliza, deixando-nos a tarefa de apreender o seu sentido através dos textos. Meltzer dá a impressão de ser sensível a isso e tenta esclarecer a confusão que a utilização da noção de impressão sensorial pode causar ao leitor. Diz ele:

É certo que por ‘impressão’ ele não está se referindo a ‘dado’ no sentido neurofisiológico (...) e que, presumivelmente as impressões sensoriais são impressões da mente operando sobre dados sensoriais já ordenados neurofisiologicamente por aqueles processos estudados pelos neurofisiologistas e psicólogos experimentais e da *gestalt*. (Meltzer,1998:62)

Meltzer (1998) não vai muito além na exploração do tema, mas vemos que ele é bastante preciso ao afirmar que as impressões sensoriais são “impressões da mente” que resultam da experiência de contato com o mundo externo, constituindo, portanto, fatos mentais. Partimos desse ponto para estender nossas considerações. Pensamos, em primeiro lugar, que o atributo “mental”, nesse caso, não implica, para Bion, possuir status de representação ou alçar qualquer nível de abstração. Acompanhando Ruggi (1997), entendemos que o uso de tal atributo, destacado por Meltzer, pretende apenas “inferir uma particular condição ou estado da nossa existência da qual (...) podemos dar apenas descrições operativas”, e não adotar uma concepção substancialista de algo denominado mente.

Para compreender o pensamento de Bion, talvez ajude supor que a peculiaridade do conceito que ele quer emprestar ao termo de impressões sensoriais reside na idéia de que são impressões de *experiências* sensoriais. Pensamos que se em Bion é possível diferenciar as impressões sensoriais dos “dados sensoriais já ordenados neurofisiologicamente”, é porque para ele o sensorial ultrapassa a ‘captação’ dos dados sensoriais pura e exclusivamente. Essa impressão se confirma quando lemos em seu livro *Aprendendo com a Experiência* que as “emoções igualmente são objetos sensoriais” (Bion,1962:22).

Entender de que modo as emoções podem ser objetos sensoriais é possível se considerarmos, como propõe Imbasciati (1991), que, no estágio primitivo do funcionamento psíquico, o sensorial e o emocional se misturam. Vejamos alguns exemplos:

A criança de algumas semanas (...), apresenta um comportamento diferenciado diante do mamilo, mais quanto tem fome do que quando está saciado (...). No primeiro caso, podemos afirmar que ele reconhece o mamilo, de modo que o agarra e suga, enquanto que no segundo pode não reconhecê-lo ou recusá-lo como se fosse um objeto diferente e desagradável (seio mau). (Imbasciati,1991:41)

Um pouco mais adiante, conclui:

Por isso, uma criança de um ano e meio sabe qual é sua mamadeira mesmo quando não tem fome, enquanto que a criança de dois meses não vê a mamadeira quanto não tem fome, pois a aferência visceral da fome é constituída por aquele conjunto que serve para denotar a mamadeira. (Imbasciati,1991:42)

Seguindo a mesma linha de raciocínio desses exemplos, temos que, para o bebê, as impressões sensoriais nos dois casos – quando está saciado e quando tem fome – são diferentes, pois as experiências emocionais que decorrem do contato com o objeto nas duas situações também são diferentes. Isto é, aos dados sensoriais misturam-se as emoções que acompanham o encontro. Lembramos que, para Imbasciati (1991), o conceito de objeto interno permite justamente reconhecer que, no mundo primitivo, a sensorialidade e a emoção são inseparáveis e que, na experiência do bebê, tornam-se praticamente indistinguíveis. Essa separação só fica mais nítida em níveis mais evoluídos do psiquismo.

Em nossa ótica, as impressões sensoriais são fatos mentais por serem impressões de experiência; lembramos que, nesse estágio do desenvolvimento psíquico, o bebê experimenta seus objetos como reais, como fatos concretos, como coisa-em-si, dizendo de outro modo, há uma concretude das experiências. Poderíamos dizer que as impressões sensoriais são fatos mentais; porém, por não fazerem parte do aparelho mental propriamente dito, comporiam o que

Bion denominou de aparato protomental. Para Meltzer (1989a), “o protomental não tem representação e nem a possibilidade de simbolizar e pensar sobre a experiência emocional”. Se as impressões sensoriais não possuem status de representação, não podem ser reinvestidas como Freud sugeriu ao falar da satisfação alucinatória, nem ser utilizadas como pensamento onírico. De fato, dirá Bion, não constituem propriamente memória; são fatos não simbolizados, não compreendidos, armazenados como objetos. Por isso é indiferente que sejam impressões de experiências vividas durante o sono ou a vigília, que tenham origem interna ou externa. O que importa é que, em um nível primitivo, elas não são simbólicas e carecem de abstração.

A aproximação do conceito de impressão sensorial proposta por Meltzer revela que a abordagem de Bion não é biologizante, pois as impressões sensoriais não correspondem aos dados neurológicos e nem são processos que se situam entre o corporal e o psíquico ou entre o cerebral e o mental. De acordo com Meltzer (1982), para Bion, essa “fronteira estaria demarcada por um abismo mais largo e mais profundo, do que aquele que separa o inanimado do animado” (Meltzer; 1998: 62). Falando da questão, Chuster (1996) explica que não há, para Bion, um real sensível, um algo real, independente da experiência e a que ela corresponderia. Ao contrário, esse algo “é um mito de conveniência” que não é apenas “incognoscível, mas sobre tudo, impossível” (Chuster, 1996:196). A esse respeito, vale a pena acompanhar o próprio Bion:

“A abstração principal é apenas o fenômeno em que eu, como sujeito, estou ciente de que me convém postular a existência de algo que não tem existência, como se fosse, de fato, a coisa em si... Se postulo a existência de uma mesa como uma coisa em si, assim o faço porque acredito que ela existe e que a existência representa a explicação dos fenômenos num conjunto denominado mesa...” (Bion *apud* Chuster, 1996:196).

Isto quer dizer que, para Bion, não há uma realidade externa independente da realidade interna e que, de modo geral, é a experiência que nos leva a postular a existência de um real; assim, podemos concluir que ela é determinante no conhecimento da realidade.

Para acompanharmos o pensamento desenvolvido por Bion, lançaremos mão de um artifício. Em Geografia, os conceitos de matéria bruta e matéria prima possuem uma relação de contigüidade, de modo que os elementos de uma representam uma transformação qualitativa dos da outra. Assim, matéria bruta corresponde ao elemento em estado bruto, em sua natureza primária, aquele que não sofreu qualquer ação humana; por exemplo, a jazida de ferro, tal como encontrada na natureza, é matéria bruta. A matéria prima, por sua vez, é o minério de ferro já extraído, pronto para ser utilizado pela indústria. Esses conceitos, tomados de empréstimo da Geografia, nos auxiliarão na compreensão das relações entre os elementos psíquicos descritos por Bion e a própria função de pensar.

No modelo bioniano, as impressões sensoriais e as experiências emocionais podem ser consideradas como a matéria bruta da vida mental. Poder transformá-las em representação como forma de alimento psíquico é o cerne da questão que envolve a constituição e o desenvolvimento mental; esse processo é o que Bion denomina o aprender da experiência. Aprender da experiência é o processo pelo qual, através da atividade de pensar, o aparelho psíquico transforma as impressões sensoriais de suas experiências em algo utilizável pelo aparelho psíquico, como memória ou como pensamento, ao nível do consciente ou do inconsciente.

Bion se serve do aparelho digestivo como modelo para refletir sobre a atividade de pensar e, conseqüentemente, para o aprender da experiência. Freud e Melanie Klein já haviam utilizado esse mesmo modelo ao se referirem, cada um a seu modo, aos processos introjetivos e projetivos. Para esses autores, o aparelho psíquico, em sua forma primitiva, utiliza esse modelo como modo de operação. É conhecida, por exemplo, a passagem do texto *A Negativa* em que Freud(1925), ao

referir-se ao desejo do “ego-prazer original”, afirma que este último tenderia a “introjetar dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau”, utilizando a “linguagem dos mais antigos impulsos instituais – orais”. Explicando a gramática que regeira este processo, Freud (1925) comenta que é como se o eu-prazer operasse no seguinte sentido: “ ‘Gostaria de comer isso’, ou ‘gostaria de cuspi-lo fora’ ” (Freud,1925:297). Em Melanie Klein, termos como ‘evacuar’, ‘devorar’, ‘morder’ não apenas são bastante comuns, como cumprem importantes funções na teoria que ela desenvolve. Bion não diverge desses autores, principalmente de Melanie Klein, e faz amplo uso dessas noções. No entanto, ao aplicar o modelo do aparelho digestivo à atividade de pensar, ele revela uma riqueza até então não percebida: um “sistema digestivo mental” com função de digestão e de nutrição psíquica. A importância atribuída a esse sistema é de tal ordem que, em uma nota de rodapé, Bion fará notar que “tanto o desenvolvimento mental como o físico dependem da ação eficiente do sistema digestivo mental” (Bion;1962:48). Acreditamos que, para ele, o processo de transformação das impressões sensoriais e das experiências emocionais em matéria prima é um processo digestivo no mesmo sentido em que se um alimento é dificilmente aproveitável pelo organismo se não for digerido pelo aparelho digestivo. No *Atlas de Anatomia e Saúde* (Xavier), encontramos a seguinte explicação sobre o “Aparelho digestório”:

“Os alimentos não são absorvidos nas suas condições iniciais, por isso são submetidos a um *processo de preparação* que possibilita a sua *assimilação*. Este conjunto de transformações físicas, químicas e biológicas constitui a digestão”. (Xavier:72)

Para Bion (1962), se há falhas no processo de digestão mental, o aparelho psíquico não pode utilizar as experiências como alimento, pois estas, tal como ocorre no aparelho digestivo, “não são absorvidas nas suas condições iniciais”.

A falha no comer, no beber e no respirar adequadamente apresenta conseqüências desastrosas para a vida. O malogro no uso da experiência emocional ocasiona uma catástrofe semelhante no desenvolvimento da personalidade. Incluo entre estas catástrofes os graus de deterioração psicótica que se podem descrever como a destruição da personalidade. (Bion,1962:59)

Na ótica de Bion, a digestão mental transforma a violência da emoção em algo tolerável pelo aparelho psíquico; a matéria bruta, em representação passível de constituir memória, de ser relegada ao inconsciente e utilizada como pensamento onírico ou pensamento inconsciente de vigília, de se tornar consciente, ser compreendida e poder ser utilizada como pensamento consciente e para o raciocínio. Em suma, a digestão mental permite que as impressões das experiências sejam utilizadas como agentes psíquicos nos processos primários e secundários. Bion não o diz assim, mas parece-nos possível utilizar aqui a terminologia freudiana. Diz Bion:

Costumava-se afirmar que o indivíduo tinha um pesadelo por causa da indigestão e por isso é que acordava em pânico. Eis minha versão. Um paciente adormecido está em pânico; como não pode ter um pesadelo, não pode acordar nem adormecer. É que já estava com uma indigestão mental. (Bion,1962:24)

O processo de digestão psíquica garante, assim, a alimentação psíquica e o desenvolvimento de um sentido de realidade; permite a possibilidade de abstrair da percepção das próprias experiências uma representação que a ela se ajuste. Sem o que o psiquismo morria por inanição.

2. 2. 2. 2 – A Metapsicologia

Se, na seção anterior, colocamos de modo genérico a idéia central de Bion, cabe agora indicar de que modo ela foi desenvolvida. Em primeiro lugar, foi preciso enfrentar a mesma dificuldade que confessadamente encontrou Melanie Klein, sua mestra, ao se voltar para uma etapa tão primitiva do desenvolvimento psíquico: como falar de fenômenos tão imprecisos e de processos tão arcaicos, sem ficar preso a linguagens e conceitos saturados de significados? Bion adota como estratégia a utilização de conceitos vazios, como os de função-alfa, elemento-alfa e elemento-beta, dedicando-se, segundo Meltzer (1998), nos quinze anos subseqüentes de sua produção teórica, a tentar preenchê-los com significados. Acompanhando o próprio Bion, podemos ler:

Recorri, intencionalmente, à expressão função-alfa por ser destituída de sentido... De vez que esta expressão sem sentido tem como finalidade prover a investigação psicanalítica com o equivalente da variável dos matemáticos, a incógnita a que se conferiu valor depois que seu uso ajudou a determiná-lo, importa que não se atribua, prematuramente, àquela expressão o papel de comunicar significações, pois os significados prematuros podem, exatamente, constituir os que nos compelia eliminar. (BION, 1962:19)

Ao mesmo tempo que utiliza uma linguagem quase-matemática como forma de dar precisão à imprecisão do terreno que percorria, Bion coloca seu campo de observação como incógnita ampliando-o ao máximo. Ele pretende descrever um aparelho mítico que possa desempenhar justamente a função de digerir e processar a percepção das impressões sensoriais e experiências emocionais, transformando-as de matéria bruta em matéria prima utilizável pelo aparelho psíquico. Ele designa essa função transformadora como função-alfa, e a matéria prima a

que nos referimos anteriormente, como elementos-alfa. A função-alfa corresponde à própria atividade de pensar, como será explicitado no tópico em que abordaremos a relação de continuidade que ela apresenta com a *rêverie* materna.

É importante notar que Bion fala de função e não de mecanismo, o que pode causar estranheza e certa dificuldade aos que não estão muito familiarizados com a linguagem matemática. Chuster (1989) nos auxilia reforçando, em primeiro lugar, a idéia de que, ao utilizar termos matemáticos, Bion estaria expressando sua intenção de propor uma ficção “que [sirva] para investigar a ficção que é o aparelho psíquico”. Esclarece ainda que, matematicamente, o conceito de função pode ser definido como uma correspondência entre os elementos de dois conjuntos e que cada elemento é uma variável. Nesse sentido, de forma geral, a teoria das funções “propõe unir uma série de elementos que são constantemente observáveis no campo analítico”. Mais especificamente, a teoria da função-alfa pretende “estudar a correspondência entre um conjunto que é, por exemplo, o pensamento e um outro que são as impressões e as experiências emocionais” (Chuster, 1989:62).

Os elementos-alfa, produtos da atuação da função-alfa, são, segundo Chuster (1999), os agentes psíquicos; de acordo com Bion, constituem uma forma de falar dos elementos psíquicos propriamente ditos, ou seja, aqueles que podem ser armazenados como memória, utilizados como pensamento ou constituir material onírico. São eles que, combinados, formam o que Bion denomina de barreira-de-contato – membrana fictícia que representa “o ponto de contato e de separação entre os elementos conscientes e inconscientes e dá origem à distinção entre eles” (Bion, 1962:33). Segundo Bion, só há inconsciente se houver a atuação da função-alfa. Ele identifica os elementos-alfa com as “imagens visuais que nos são familiares nos sonhos, isto é, os elementos que, para Freud, revelam seu conteúdo latente quando o analista os interpreta” (Bion, 1962:23). Claramente, os elementos-alfa correspondem, segundo o próprio autor, às

representações-coisa descritas por Freud, o que confirma a idéia de que não possuem o mesmo nível primário de elaboração psíquica que as impressões sensoriais e emocionais: estas não possuem valor simbólico e só pela atuação da função-alfa podem tornar-se representação.

Com a intenção de melhor apreender o alcance do que estaria subjacente à noção bioniana de função-alfa, propomos entendê-la como um processo de transubstanciação²⁸. Segundo o *Dicionário Aurélio* (1980), transubstanciar é “transformar uma substância em outra”. Neste sentido a Igreja Católica, por exemplo, fala na transubstanciação do pão e do vinho em corpo e em sangue de Cristo. Assim, quando propomos entender a função-alfa como um processo de transubstanciação, estamos ressaltando a idéia de que, para Bion, o processo de desenvolvimento psíquico é um processo de transformação da matéria psíquica. Dito de outro modo, a função-alfa, enquanto um processo de transubstanciação, representa a função psíquica de transformação das impressões sensoriais das experiências em material psíquico, ou seja, em um material utilizável pelo psiquismo. Parece-nos também, que a idéia de transubstanciação adequa-se ao modelo digestivo que Bion empresta ao aparelho psíquico. Vale ressaltar que essa perspectiva é diferente daquela que servia de base a Freud, e que implicava em modos diferentes de circulação de energia – o processo primário e o processo secundário – apoiados no modelo do aparelho reflexo.

Se, através da função-alfa, Bion pôde abordar a utilização pelo aparelho psíquico do material oriundo das impressões sensoriais das experiências, em sua teoria sobre o pensar ele tenta também imaginar o que acontece com as impressões sensoriais quando não são processadas pela função-alfa. Didaticamente, podemos recortar duas formas de distúrbios na atuação da

²⁸ Foi J.Kristeva quem destacou, em seu livro sobre a obra de Proust (*Le Temps Sensible*, Ed.Gallimard, 1994), a noção de transubstanciação por ele proposta para designar seu processo de escrita: como tradutor de um mundo sensível, ele pretende a transformação qualitativa da palavra em expressão das experiências sensíveis. Não podemos dizer, entretanto, que Kristeva confere ao termo transubstanciação o mesmo sentido que agora propomos, na medida em que, referida a Freud, ela entende a transubstanciação como uma “encarnação” da palavra na qual é possível desvelar, sob a representação-palavra, a representação-coisa. A menção à obra de J.Kristeva tem como referência o curso “Psicanálise e o Tempo Sensível”, ministrado por Ivanise Fontes em 2000.

função-alfa por ele apontadas: o funcionamento precário e o funcionamento reverso. Quando a função-alfa não opera satisfatoriamente, isto é, quando o aparelho psíquico não consegue digerir suas experiências emocionais através da atuação da função-alfa – o que é o mesmo que dizer que não há atividade de pensar – as impressões sensoriais não se transformam em material psíquico e, conseqüentemente, os elementos com que o aparelho deve lidar assumem aspectos diversos dos apresentados pelos elementos-alfa. Bion designa esses elementos como elementos-beta. Sigamos o raciocínio do autor:

A teoria kleiniana de que a criança sente que evacuou o objeto mau dentro do seio combina com a teoria de que a satisfação de uma necessidade se sente como a evacuação de uma necessidade, esta em si funciona como um seio mau (para empregar termos concretos) ou como aquilo a que chamei elemento-beta (para empregar abstração), representa a sensação da criança de que o seio é, realmente, um objeto evacuado que não se distingue, portanto, do elemento-beta.

Observemos que Bion parte da concepção kleiniana de objeto mau, levando às últimas conseqüências a idéia de que o objeto externo se constitui primeiramente como objeto interno, ou seja, segundo a experiência do bebê. Concorda com a posição segundo a qual a não satisfação de uma necessidade equivale à experiência de seio mau. Em sua proposta de abstração teórica, denomina o seio mau de elemento-beta e entende que este é fruto da realização negativa das pré-concepções. A grande novidade introduzida reside no fato de que o elemento-beta, ou o seio mau, não é uma fantasia no sentido estrito do termo, pois a criança o experimenta como um objeto concreto, tão real como o seio externo. Há elementos-beta quando, do ponto de vista do bebê, as impressões que ele tem de suas experiências e o objeto real não se distinguem. Em outros termos, podemos dizer que isso significa que o bebê não sabe que o que ele experimenta quando a

necessidade não é satisfeita (e que nós denominamos de seio mau) não é um objeto real, mas um pensamento. É o que entendemos da leitura deste trecho:

O seio, coisa em si, não se distingue da idéia na mente. A idéia do seio na mente, por sua vez, não se distingue da coisa na boca. Sustentando, no presente, apenas duas situações, uma, o seio concreto que não se distingue da experiência emocional, por sua vez coisa em si e pensamento, mas em estado diferenciados, e a outra, o seio mau, do tipo má “falta-do-seio”, igualmente, um objeto composto da experiência emocional e da coisa em si, ambas ainda não diferenciadas, é claro que chegaríamos a um objeto extremamente semelhante ao elemento-beta. Sua realização e sua representação, na mente, não se diferenciam. (Bion, 1962:75)

O conceito de elemento-beta foi criado justamente para permitir a discussão, no campo analítico, daqueles elementos que não são pensamentos – “é uma forma de falar acerca de um material que não é pensamento” (Bion) – e que, por serem experimentados como objetos concretos, tornam impossível a distinção entre o corpo e a psique (Chuster,1999:115). São elementos não digeridos e que, permanecendo em sua “condição concreta”, não implicam abstração nem podem ser considerados como representação. Logo, não chegam a constituir propriamente memória, nem se prestam ao pensamento, nem, o que é mais curioso, tornam-se inconscientes. Tal como as impressões sensoriais, são fatos não simbolizados, sem nome, armazenados como objetos ou, como diz Bion por inspiração kantiana, que “não se sentem como fenômenos, mas como coisa-em-si”. O único movimento psíquico a que se prestam é o da evacuação.

(...) a criança, que contém o seio mau, com as características da “falta-do-seio”, pode evacuá-lo sugando o seio. Isto requer, obviamente, um relacionamento topograficamente próximo do seio concreto. Pode evacuá-

lo pelo aparelho respiratório, sem precisar, para isto, da sensação tátil. Pode evacuá-lo por ver o seio concreto. Para tanto, ela precisa estar vendo o seio concreto, vale dizer, o seio está numa posição em que ser visto é o mesmo que estar nos olhos da mente e são ambos o mesmo que estar na boca. (Bion,1962:76)

Bion sugere que há várias maneiras de os elementos-beta serem evacuados da mente. Podem ser evacuados, no caso do seio, por exemplo, por meio do método de sucção do seio concreto, que leva à satisfação da necessidade. Nos casos em que há uma alteração da experiência, as conseqüências de evacuação não são penosas e estimulam a atuação da função-alfa. Quando isso não ocorre, a precariedade de funcionamento da função-alfa pode comprometer o desenvolvimento psíquico.

Meltzer (1989a) enumera alguns modos de evacuação dos elementos-beta, associando-os a manifestações clínicas diversas: num deles, diz Meltzer, a evacuação “é para dentro do corpo, transformando-se num aspecto psicossomático” (Meltzer,1989a). Em outro, os elementos são evacuados por meio dos órgãos dos sentidos, sob forma de alucinação²⁹ e num terceiro modo, a evacuação ocorre “de forma comportamental, através da atuação ou da ação sem sentido – como nas crianças hiperativas – e também através da atuação sem pensamento” (Meltzer; 1989a). Sobre as alucinações psicóticas, ilustremos com o texto de Bion:

(...) se um paciente afirma que vê um objeto, isso tanto poderá significar que percebeu um objeto externo, como poderá significar que está expelindo um objeto através dos olhos; se afirma que escuta algo, isso poderá querer dizer que está expelindo um som – o que *não* é o mesmo que produzir um som; se diz que está tendo uma sensação tátil, isto poderá significar que tal sensação está sendo expulsa, lançada para fora, através da pele. (Bion,1958:81)

²⁹ Bion diferencia a alucinação histérica da psicótica quanto ao conteúdo: “A alucinação histérica contém objetos totais e se vincula à depressão; a alucinação psicótica contém elementos análogos a objetos parciais. Ambas são encontradas no paciente psicótico.” (Bion,1958:96)

Nos casos em que a evacuação do “seio mau do tipo ‘falta-do-seio’ não alcança, de fato, nenhum seio”, isto é, quando não há modificação da experiência dolorosa, o bebê “sentirá o ‘não-seio’ não apenas como coisa ruim em si, mas tornado pior [ainda], porque funciona como se constituísse a evidência concreta de que o seio ruim não foi evacuado com êxito” (Bion, 1962:76). De tão dolorosas, as conseqüências podem tornar-se catastróficas para o desenvolvimento psíquico. Nesses casos, os elementos-beta assumem outro aspecto e são sentidos de maneira diferente pelo bebê, assemelhando-se ao que Bion denomina de objetos bizarros. Antes de abordarmos a questão de tais objetos, queremos ressaltar o valor teórico e clínico da conceituação dos elementos-beta.

Vemos que há certa semelhança entre a definição de elemento-beta e a daquilo que conceituávamos, a partir de Bion, como impressão sensorial, o que pode ser embaraçoso tentar distingui-las. Não encontramos, no texto de referência, uma preocupação com tal diferenciação, o que torna nosso intento árduo e incerto. Entendemos, entretanto, que, ao utilizar os dois termos, Bion pretende referir-se a fatores distintos do processo de constituição psíquica. Com impressão sensorial ele estaria designando a dimensão da experiência no estágio primitivo do desenvolvimento psíquico, ou seja, aquilo que se constitui como marca primeira da experiência do bebê e como enquanto elemento bruto passível de ser trabalhado pela função-alfa. Com elemento-beta, Bion estaria se referindo, como diz Chuster (1999), ao derivado da função-alfa resultante de seu não funcionamento. Isto é, se a função-alfa não atuar, as impressões sensoriais não sofrem transformação, e, nesse sentido, os elementos-beta possuem os mesmos aspectos que elas. A distinção entre as impressões sensoriais e os elementos-beta vem ressaltar o valor clínico da função-alfa (BION, 1962:73), na medida em que o desenvolvimento do aparelho psíquico e o da própria personalidade serão considerados como fatores da função-alfa.

A noção de objetos bizarros, por sua vez, está vinculada à idéia de que a função-alfa, quando comprometida, também pode funcionar em sentido reverso: em vez de funcionar no sentido da produção de elementos-alfa, ela atuaria no sentido contrário, rompendo os elos de ligação que comporiam o processo de transformação. Bion chama de objeto bizarro os elementos que decorrem desse processo.

Seguindo o esforço de Bion para apreender o mundo primitivo bebê, podemos imaginar o que sucede quando o bebê fracassa na evacuação do seio mau e este passa a ser sentido como 'tornado ainda pior'. Haveria, nesses casos, uma intensificação do processo de evacuação em função da tentativa, tanto mais exacerbada quanto fracassada, de se livrar do seio mau. A realidade, de tão dolorosa, torna-se cada vez mais insuportável do mesmo modo que o ódio em relação a ela. Vimos anteriormente que o indivíduo que não consegue suportar a realidade e a odeia profere ataques despedaçadores à sua capacidade de pensar, causando um transtorno no funcionamento da função-alfa. Bion imagina que, nessas situações, haveria uma reversão da função-alfa, gerando uma diminuta fragmentação dos objetos e da própria personalidade, principalmente do aparato que permite o conhecimento da realidade - os sentidos, a consciência e a capacidade de pensar-, seguida de expulsão através da utilização massiva da identificação projetiva. Esse quadro cria um mundo extremamente bizarro e é nele que vive o psicótico. Sigamos textualmente sua abordagem da questão:

Cada partícula é vivida como consistindo num objeto real que está encapsulado no espaço de personalidade que o engoliu. A natureza da partícula como um todo dependerá, em parte, das características do objeto real - digamos, um gramofone - e, em parte, das características da partícula de personalidade que o engoliu. Se o pedaço de personalidade for relacionado à visão, o paciente achará que o gramofone quando estiver

tocando estará olhando para ele; se relacionado à audição, aí ele achará que o gramofone o estará ouvindo, quando posto em funcionamento. (Bion,1957:60)

Tal como os elementos-beta, os objetos bizarros também não se prestam ao pensamento, o que não significa que não se consiga juntá-los, mas que o modo pelo qual essa junção é feita fica alterado. O que ocorre são aglomerações em substituição ao processo de pensamento. Os objetos bizarros não possuem características de processos de representação, são sentidos como objetos concretos que ao serem expelidos através da utilização da identificação projetiva, adquirem vida própria, isto é, são sentidos como externos e fora do controle do indivíduo. Sua característica bizarra decorre do fato de serem constituídos de vários elementos, tais como fragmentos da personalidade e dos próprios órgãos dos sentidos. Essas características permitem que concluamos, com O'Shaughnessy (1992), que o mundo do psicótico é “ainda mais bizarro que o mundo primitivo dos objetos parciais, infestados de projeções, que Melanie Klein encontra na posição esquizo-paranoide normal” (O'Shaughnessy; 1992: 161)³⁰.

A importância de tal distinção – entre o mundo primitivo e o mundo psicótico, entre os elementos-beta e os objetos bizarros – se reflete na concepção que se adota sobre a constituição do psiquismo primitivo, fundamentando, por exemplo, a argumentação de que não haveria no estágio primitivo um estado psíquico que pudesse corresponder ao que podemos denominar de uma patologia normal. Essa é a abordagem de alguns autores modernos, como Francis Tustin, que entendem que não há, no desenvolvimento do bebê, um estágio de autismo normal. Meltzer (1998) parece ser da mesma opinião. Segundo ele:

³⁰ Tradução livre: “(...) es aún más bizarro que el mundo primitivo de los objetos parciales, plagados de proyecciones, que Melanie Klein encuentra en la posición esquizo-paranoide normal” (O'Shaughnessy; 1992: 161).

Melanie Klein jamais poderia incluir processos tão bizarros como os que Bion está descrevendo como parte da posição esquizoparanóide, uma vez que a considera como fase normal do desenvolvimento do bebê e da primeira infância. (Meltzer,1998:41)

Em função disso, observemos que, para Bion, o funcionamento do psiquismo é diretamente afetado pela possibilidade ou não de a função-alfa transformar as impressões sensoriais e experiências emocionais em material psíquico.

2.3 – A *RÉVERIE* MATERNA E A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO PSÍQUICO

2.3.1 – Sobre o Conceito de *Réverie* Materna

O conceito de *réverie* materna possui um lugar central no "mito de referência" desenvolvido por Bion. "Mito de referência" é uma expressão criada por Green (1987) para designar um conjunto de conceitos elaborados a partir da clínica e que constituem a história mítica, hipoteticamente construída, do processo de constituição e desenvolvimento psíquico, que a psicanálise adota como referência para sua clínica. Cito:

Chamo de mito de referência o conjunto historicamente articulado de conceitos ordenadores do desenvolvimento hipotético da criança tal como a análise permite construir. (Green, 1987: 1304)³¹

Nesse sentido, o "mito de referência" freudiano é o mito da experiência de satisfação se nele incluímos a satisfação alucinatória de desejo. Deste mito abstraímos a idéia de que o aparelho psíquico, fracassado em seu propósito de auto-satisfazer-se e pressionado pelas "novas exigências" de vida, "decide" efetuar uma "série de adaptações necessárias" (Freud, 1911) à manutenção da vida. Ou seja, o desenvolvimento do aparelho psíquico é, para Freud, um processo adaptativo que sofre em sua origem, por assim dizer, modificações a partir de seu próprio fracasso o desenvolvimento de uma nova forma de processamento da energia psíquica – o processo secundário.

Acreditamos que a teoria de Bion não permite aderir a esse modelo adaptativo. Se, por um lado, ele diz que o aparelho psíquico se desenvolve por pressão dos próprios pensamentos através

³¹ Tradução livre: "J'appelle mythe de référence l'ensemble historiquement articulé des concepts ordonnateurs du développements hypothétique de l'enfant tel que l'analyse permet de le construire". (Green, 1987:1304)

da aquisição da capacidade de pensar, por outro, ele não considera a atividade de pensar como um processo que o aparelho psíquico pudesse, por si só, desenvolver naturalmente. Vale recordar que a clínica da psicose levou Bion a formular a hipótese de que o psiquismo, em seu estado originário, é rudimentar e incapaz de utilizar suas próprias experiências em prol da aprendizagem e de seu desenvolvimento. O conceito de objeto bizarro é uma indicação clara de que para ele não há desenvolvimento adaptativo. Vimos que os objetos bizarros surgem da incapacidade do bebê de lidar sozinho com sua insuportável frustração, acarretando, como num círculo vicioso, a intensificação massiva do mecanismo de identificação projetiva que, por sua vez, gera mais frustração, raiva e sentimentos persecutórios, a tal ponto que, em vez de desencadear um processo de desenvolvimento, gera um estado que poderíamos chamar anti-desenvolvimento.

Essa maneira de conceber o desenvolvimento do aparelho psíquico termina por suscitar em Bion questões acerca do modo como o bebê desenvolve a capacidade de transformar suas experiências primitivas, a matéria bruta que constitui o psiquismo em estado rudimentar, em matéria prima, utilizável pelo psiquismo em processo de desenvolvimento. Bion conclui que se o pensar, por ele concebido como o que opera tal transformação através do exercício da função-alfa, não é uma atividade inata, deveria portanto, ser aprendido. Fez-se então necessário, do ponto de vista teórico, a suposição de 'algo' que capacitasse o aparelho psíquico a utilizar os dados sensoriais em seu próprio benefício, 'algo', enfim, que ensinasse o bebê a pensar. São essas questões que norteiam o desenvolvimento do "mito de referência" elaborado por Bion.

Em nosso ponto de vista, a diferença de abordagens em relação à noção de mito de referência em Freud e em Bion foi sustentada pelo fato de que o primeiro tinha como referência teórico-clínica a neurose, enquanto que o segundo, a psicose. Nesse sentido, vimos como os fenômenos psíquicos com que Bion se deparava apontavam para um estágio do desenvolvimento psíquico anterior à capacidade de sonhar, e à própria divisão do aparelho psíquico em

inconsciente e consciente, estágio que representava, para Freud, o estado mais primitivo do psiquismo. O 'algo' que Bion buscava situar devia explicar como as experiências emocionais e impressões sensoriais, enquanto elemento bruto, tornavam-se utilizáveis pelo pensamento inconsciente ou como o aparelho psíquico tornava-se capaz de utilizá-los. Esse 'algo' foi hipoteticamente por ele situado na relação mãe-bebê e, mais especificamente, na função materna que ele denominou *rêverie* materna:

A personalidade do bebê não é capaz de, por si só, fazer uso dos dados sensoriais; tendo, porém, de evacuar esses elementos na mãe, confiando em que ela faça o que tenha que ser feito para transformá-los, de modo que se tornem adequados ao emprego, por parte do bebê, como elementos alfa... A capacidade de *rêverie* da mãe é o órgão da colheita de sensações que o bebê, através de seu consciente, experimenta em relação a si mesmo. (Bion, 1961:134)

Bion denomina de *rêverie* materna a capacidade da mãe de acolher as emoções que seu bebê sente como insuportáveis e projeta dentro dela por meio da identificação projetiva realista. A mãe, fazendo uso de sua própria função-alfa, as contém e transforma de modo a devolvê-las a seu bebê digeridas, prontas para a assimilação psíquica. Diz Bion:

Dá-se um desenvolvimento normal se a relação entre o bebê e o seio permitir que o bebê projete, na mãe, a sensação, digamos, de ele estar morrendo; e que o bebê reintrojete essa sensação, após a permanência no seio ter feito com que a mesma se torne suportável para a sua psique. Se a projeção não for aceita pela mãe, o bebê sente que se retirou da sensação dele, de estar morrendo, o significado que essa possui. Conseqüentemente, reintrojeta não um medo de morrer, agora tolerável, mas um pavor indefinível, sem nome.

As tarefas que ficaram inconclusas, devido à ruptura na capacidade de *rêverie* da mãe, são impostas à consciência rudimentar...[que] não consegue suportar a carga nela depositada. (Bion, 1961: 134)

Vemos que, na concepção de Bion do par primitivo mãe-bebê, a mãe tem uma função ativa e constitutiva do desenvolvimento psíquico do bebê, e o desastre psíquico é, em grande escala, consequência de falhas graves no exercício dessa função. Nesse sentido, Bion, que já não seguira o modelo adaptativo de Freud, distancia-se razoavelmente também do de M.Klein, na medida em que não segue a perspectiva biologizante da noção de desenvolvimento que sua mestra possuía. Meltzer (1992) comenta esta perspectiva kleiniana:

(...) como acontece com o desenvolvimento do corpo e sua conformação genética, também haveria um modelo de desenvolvimento da mente e que, dadas condições de desenvolvimento favoráveis, a mente desabrocharia como uma flor - ou um cardo, quando o temperamento fosse mau(...). (Meltzer,1992: 399)

O que Meltzer (1992) põe em destaque é que, para M.Klein, as condições de desenvolvimento parecem estar predominantemente do lado do bebê; seria suficiente que a mãe não atrapalhasse. Esta parece ser também a conclusão de Green (1987):

Contrariamente ao que salienta Melanie Klein, para quem – ao menos é o sentimento que se tem a partir da leitura de seus escritos -, tudo se passa do lado do bebê, uma vez que o que vem da mãe é negligenciável (sob esse aspecto, ela é freudiana), Bion, como Winnicott, parte do casal mãe-bebê. Além do que, é do lado da mãe que ele situa a gênese da função-alfa da criança. (Green,1987:1301)³²

Nessa citação, Green (1987) introduz uma comparação entre os pensamentos de Melanie Klein, de Bion e de Winnicott no que diz respeito à importância que cada um concede à influência do

³² Tradução livre: “Contrairement à ce qu’avance Melanie Klein, pour laquelle – du moins, est-ce le sentiment qu’on éprouve à la lecture de ses écrits -, tout se passe du côté du nourrisson, ce qui vient de la mère étant négligeable (sur ce point, elle est freudienne), Bion, comme Winnicott, part du couple mère enfant. Qui plus est, c’est du côté de la mère qu’il situe la genèse de la fonction alpha chez l’enfant.” (Green,1987:1301)

meio externo no desenvolvimento do psiquismo. Green (1987) aproxima Bion de Winnicott quanto à importância que eles conferem à relação mãe-bebê para a constituição psíquica. Sem pretender avançar nos meandros desta comparação, indagamo-nos se não seria mais correto dizer que Bion fica a meio caminho entre M.Klein e Winnicott, pois se, por um lado, ele dá ênfase à função de *rêverie* materna enquanto constitutiva do aparelho psíquico, por outro, ele confere igual peso à capacidade do bebê de tolerar a frustração. Se a intolerância à frustração é extrema, o bebê ataca destrutivamente "tudo aquilo que, no seu sentir, tenha função de ligar um objeto a outro" (Bion, 1959: 109), logo interfere negativamente no relacionamento mãe-bebê. Queremos com isso ressaltar que lemos em Bion uma 'aposta' de que haveria, na base da constituição do psiquismo, uma combinação entre as influências do meio ambiente e a carga fornecida pela herança biológica.

É indiscutível, entretanto, que o modelo de aparelho psíquico empregado por Bion para descrever a função-alfa, tem, no mito da *rêverie* materna, sua origem. Ele admite que o bebê é "modelado pela predominância do modelo digestivo a partir da experiência do seio" (Green,1987:1300). Seguindo este modelo, a *rêverie* materna tem, por analogia, em primeiro lugar, uma função digestiva, isto é, a mãe deve receber o vômito do bebê, contê-lo, digeri-lo e devolvê-lhe pronto para a assimilação. Em segundo lugar, ela é o meio através do qual o seio proporciona à criança, além do leite, sensações de segurança, calor, bem-estar e amor.

Suponhamos (...) que a criança precisa (...) apossar-se do leite e das sensações relacionadas. Podemos distinguir o leite do amor pela classificação própria ou acentuar, se nos [convier], os aspectos em que parecem similares. Dizemos, assim, que o leite é uma substância material que se relaciona com a alimentação e, presumivelmente, o trato digestivo o elabora. Consideramos, por outro lado, o amor como imaterial, embora comparável ao leite para o bem-estar mental. (...)

O leite, presumimos com certo grau de convicção que não experimentamos em relação ao amor, é recebido e trabalhado pelo tubo digestivo. Que recebe e trabalha o amor? (Bion;1962:47)

Para Bion, a *rêverie* materna é o modo como a mãe expressa seu amor ou seu ódio pelo filho. Diz ele:

Se a mãe que amamenta não admite o devaneio (...) o fato se transmitirá à criança ainda que ela não o compreenda. Certa qualidade psíquica se propaga aos meios de comunicação, os elos com a criança. (Bion,1962:52)

Green (1987) faz-nos notar que, ao mesmo tempo em que Bion apóia o desenvolvimento do aparelho psíquico no modelo digestivo, ele promove um descolamento entre o físico e o psíquico, no sentido de que, para ele, não basta a alimentação e o cuidado físico do bebê, É necessário que a mãe propicie também a alimentação e a digestão psíquica. Ou seja, a experiência de um seio bom que *alimenta* não é suficiente, embora imprescindível, para que o psiquismo se sinta alimentado e se constitua satisfatoriamente. É preciso que a mãe forneça também os elementos que vão nutri-lo psiquicamente, sem o que, poderíamos dizer, o psiquismo 'morre' de inanição.

Esse descolamento entre o físico e o psíquico revela, paradoxalmente, o quanto, na experiência do bebê, eles são inseparáveis. Destacamos em seu texto uma interessante passagem:

À medida que a criança recebe o leite e o encaminha pelo sistema alimentar, igualmente a mãe o fornece pelo sistema glandular, embora se saiba que o leite pode faltar e por sua falta se responsabilizam os transtornos emocionais. Admite-se, do mesmo modo, que a criança sofra de perturbações digestivas oriundas de transtorno emocional. Seria vantajoso supor-se a existência, na realidade, de um seio

psicossomático e de um tubo digestivo psicossomático infantil que corresponda ao seio³³. Este é um objeto que a criança precisa suprir de leite e de bons objetos internos. (Bion,1962:49)

Assim, o seio que importa ao bebê no processo de sua constituição psíquica, é um seio que deve preocupar-se tanto com a alimentação física quanto com a psíquica; é seio experimentado como real, que deve suprir o bebê de leite, mas também mantê-lo seguro e confortável do ponto de vista emocional. Enquanto o processo de digestão física fica a cargo do aparelho digestivo, geneticamente preparado para tal função, o processo de digestão psíquica deve primeiro ser feito pela mãe, pois o aparelho psíquico rudimentar ainda não está preparado para a função. A mãe deve conter e pensar, e, ao pensar, digerir as experiências do bebê. A mãe utiliza seu próprio aparelho para pensar, ou seja, sua função-alfa, e pensa pelo bebê. É nesse sentido que Meltzer fala de “seio pensante”.

Enquanto “mito de referência”, a *rêverie* materna deve dar conta do processo de constituição e desenvolvimento psíquico, pois o indivíduo deve ser capaz de exercer independentemente essa função de continência e digestão psíquica, que, de início, fora exercida pelo psiquismo materno. Portanto, o problema da gênese da capacidade de pensar é o de saber como esse aparato é transmitido e como se desenvolve.

Bion resolve essa questão supondo que, ao reintrojetar os elementos transformados que a mãe lhe fornece, o bebê introjeta também sua capacidade de pensar, constituindo assim seu próprio aparelho para pensar pensamentos. Assim ele aprende a pensar tomando-se apto ao exercício da função-alfa.

Podemos supor, como faz Green (1987), que a *rêverie* materna e a função alfa se referem a dois tipos de vínculos diferentes com funções, até certo ponto, semelhantes. Enquanto a *rêverie*

³³ Bion ressalva, em nota de rodapé, que “o termo ‘seio’ [é usado] segundo o conceito empregado por Melanie Klein”.

materna implica um vínculo intersíquico entre a mãe e o bebê, a função alfa implica um vínculo intrapsíquico. Supomos, também, que os primeiros elementos-alfa que constituirão o psiquismo do bebê, são os fornecidos pela mãe. Segundo Green (1987), a mãe 'psiquisa' a mente do bebê ao transformar a alimentação 'concreta' em alimentação psíquica³⁴.

No entanto, cabe ainda perguntar: como opera e o que significa, metapsicologicamente falando, a *rêverie* materna? Como um mecanismo que ocorre no psiquismo da mãe pode constituir, no bebê, um psiquismo capaz de pensar?

2. 3. 2 - Sobre a Tridimensionalidade e a Constituição do Espaço Psíquico

Segundo Meltzer (1989), a extensão teórica que o conceito de fantasia inconsciente adquire na obra de Melanie Klein com a valorização dos conceitos de introjeção e projeção, assim como a criação do conceito de identificação projetiva conferem à noção de espaço psíquico uma realidade diferente da que ela possuía na obra de Freud. Embora em Freud já encontremos referências aos mecanismos de introjeção (notadamente com o conceito de superego), de projeção, de mundo interno / mundo externo e a outros que fazem alusão a espaços interiores e exteriores, esse nunca foi o tema principal de sua atenção. Anzieu (1990) parece compartilhar dessa mesma opinião, uma vez que chama atenção para o fato de que a idéia de envelope psíquico, embora presente no texto freudiano, nunca foi considerada por ele como um espaço psíquico contenedor do mundo psíquico. Ao contrário, Freud havia lhe atribuído apenas o caráter "metafórico (o Eu possui uma configuração de um saco englobante) e [o] metonímico (o Eu é a

³⁴ No original: "elle l'a 'psychisé' et transformé cette nourriture 'concrète' en nourriture psychique". (Green, 1987: 1301)

superfície do aparelho psíquico e a projeção do corpo sobre a superfície do psiquismo)" (Anzieu, 1990:29), sem perceber a riqueza que a idéia continha.

Meltzer (1981) destaca que, a partir de Melanie Klein, a noção de espaço psíquico ganha realidade, pois, em sua teoria, o mundo interno é tão real como o mundo externo, possuindo sentido pleno como lugar, espaço vital, como o cenário por excelência da elaboração dos sentidos. A teoria kleiniana introduz, assim, a idéia, posteriormente ampliada por alguns de seus seguidores, de que a fantasia possui áreas geográficas, organizadas em diversos compartimentos que Meltzer (1981) reconhece como sendo o interno, o externo, interior do objeto interno e o interior do objeto externo (Meltzer, 1975).

Bion estende a noção de espaço psíquico ao imaginar esse espaço em sua dimensionalidade. Deste modo, ele concebe duas dimensões psíquicas que, posteriormente, serão desdobradas, por Meltzer (1975). A título de enriquecimento teórico, tomaremos como referência os desdobramentos de Meltzer (1975), embora nos detenhamos mais longamente na concepção de Bion.

Meltzer (1975) descreve quatro formas de dimensionalidade psíquica: a unidimensionalidade, a bidimensionalidade, a tridimensionalidade e a tetradimensionalidade. Essas dimensões psíquicas seriam organizadoras das experiências do indivíduo, servindo de parâmetro para o funcionamento psíquico. À primeira ele faz equivaler a experiência de identificação adesiva descrita por Esther Bick, que ele reconhece no "autismo propriamente dito". Na perspectiva de Meltzer (1975), o mundo unidimensional leva a uma redução da experiência, a um mundo genética e neurofisiologicamente determinado. Neste, as emoções são vividas da forma mais simples e polarizada possível; a identificação adesiva produz um estado de dependência adesiva no qual não se reconhece a existência separada do objeto. Qualquer separação ou mesmo negação por parte do objeto "produz um colapso, como se a criança se

sentisse arrancada e ejetada do objeto” (Meltzer,1975:202). Meltzer (1975) diferencia a depressão adesiva da identificação projetiva ao afirmar que “a criança em identificação projetiva pode evitar totalmente a experiência de separação invadindo seu objeto interno na ausência do externo” (Meltzer,1975:202). Nesse sentido, a criança sente a negação do objeto como uma ameaça a sua onipotência e intensifica, como defesa, o mecanismo de identificação projetiva. Na unidimensionalidade psíquica não haveria qualquer noção de mundo interno e externo, e assim não haveria possibilidade de identificação projetiva.

A tetradimensionalidade corresponderia à vida psíquica fora da esfera do narcisismo e nela predominaria a relação de tipo objetal (Meltzer,1975). Acreditamos poder correlacioná-la à organização das experiências segundo a posição depressiva.

Deixamos, propositalmente, a bidimensionalidade e a tridimensionalidade para o final, pois é na passagem de uma a outra que situamos a contribuição de Bion sobre a relação continente/conteúdo e a vinculação desta à gênese da capacidade de pensar. Antes, porém, gostaríamos de introduzir essas noções utilizando como recurso algumas elaborações de Anzieu (1990) acerca da configuração do espaço psíquico³⁵, que nos parecem dotados de extrema clareza.

Anzieu (1990) baseia-se na física para um rápido estudo comparativo das superfícies abertas e fechadas que constituem, respectivamente, o espaço bidimensional e o tridimensional. Segundo ele, uma superfície fechada é, em geometria, entendida como envelopamento e continência de um volume. Esse tipo de superfície divide o espaço em dois – interior e exterior – e estes se tornam, pelo menos relativamente, independentes, podendo, portanto, funcionar segundo regimes diferentes. Uma superfície fechada configura um espaço tridimensional, que

³⁵ Didier Anzieu (1990) parte das noções de espaço psíquico e da relação continente/conteúdo para elaborar seu conceito de eu-pele. Para maior exploração deste tema, remetemos o leitor ao livro de sua autoria “Le Moi-peau”; Editora Dunod – Paris, já editado no Brasil.

implica estar dentro / estar fora e a noção de volume, e, logo, na possibilidade de armazenamento de conteúdos. Se a superfície é aberta, o espaço é bidimensional e sua configuração se altera completamente. Perde-se a possibilidade de continência – não há mais um dentro nem um fora –, de volume e de relevo. Há um achatamento, um nivelamento de tudo o que nela se apresenta, provocando deformações; entretanto, superfície implica ainda limite, um limite que divide o espaço em dois, ainda que, segundo Meltzer (1975), essa delimitação espacial “não seja um fato; apenas uma idéia surgida a partir da imaginação”. Talvez possamos imaginar que seja um limite, por assim dizer, sem demarcações, que se estende ao infinito

De acordo com Meltzer (1975), a experiência de um mundo bidimensional é reduzida a objetos finos como uma folha de papel, carente de interior. Exemplifica com o caso de uma criança que um dia desenha de um lado de uma folha de papel uma casa toda ornamentada vista de frente e, do outro, a parte de trás de uma taberna. Conclui:

Assim a criança demonstrou sua vivência de um objeto bidimensional: quando se entra pela porta da frente, simultaneamente sai pela porta de trás de um objeto diferente. É, em realidade, um objeto sem interior. (Meltzer,1975:31)

Num mundo sem continência, o objeto materno, por exemplo, é experimentado como aberto, resistente à penetração, sem substância nem possibilidade de conter os conteúdos que nele seu filho projeta; como se fosse uma folha de papel por onde as aflições que o bebê lhe comunica “entram por um ouvido e saem por outro” (Meltzer,1975). Daí a intensificação da identificação projetiva excessiva num movimento insistente de intrusão. Além disso, acrescenta Meltzer (1975),

(...) o self que está vivendo em um mundo bidimensional vai ficar empobrecido tanto em memória como em desejo ou em previsão. Suas experiências não poderão resultar na introjeção de objetos ou na modificação introjetiva dos objetos já existentes. (Meltzer,1975:199)

Essa incapacidade de conter os conteúdos psíquicos representa também uma incapacidade de proteção contra a invasão excessiva dos estímulos, que se manifesta como uma 'abertura sensorial' (Meltzer,1975:32) ou uma hipersensibilidade (Bion,1962) mas que não significa um contato maior com a realidade. Anzieu (1985) também aponta para isso ao incluir como uma das funções do eu-pele³⁶ a de para-excitação contra o excesso de estimulação. Aproxima-se de Bion ao conceber que, em sua função de continência, a mãe exerce também, em primeiro lugar, uma função de proteção dessa 'abertura sensorial'. A tridimensionalidade psíquica representa a potencialidade do espaço continente e protetor.

Partindo dessas noções de dimensionalidade psíquica, Bion analisa de maneira crítica a forma como Melanie Klein utiliza teoricamente o mecanismo de identificação projetiva. Segundo seu entendimento, a identificação projetiva, tal como conceituada por Melanie Klein, pressupõe a concepção de um espaço psíquico povoado de objetos; um espaço tridimensional onde os objetos estão ou para onde são expulsos. Para Bion (1970), no entanto, há pacientes em que o espaço psíquico tridimensional ainda não se constituiu e cujo conhecimento da realidade é bem mais difícil do que o concebido por M.Klein. Em "Atenção e Interpretação" (Bion,1970), chama a atenção para o fato de que a personalidade psicótica, privada da concepção de continente, não poderia se constituir como espaço tridimensional, o que impede que ela utilize e experimente como satisfatórios os mecanismos de projeção e introjeção, justamente por não haver a concepção de continente que tornaria possíveis a projeção e a introjeção.

³⁶ Anzieu denomina de eu-pele a representação que o *self* faz de si mesmo enquanto continente de seus conteúdos psíquicos. Atribui ao eu-pele oito funções básicas, dentre elas a de para-excitação. Ver nota nº 35.

Parece-nos pertinente supor que Bion elabora o conceito de *rêverie* materna tendo em mente a seguinte questão: o que propicia a constituição do espaço psíquico tridimensional? Basicamente, a *rêverie* materna põe em destaque a relação continente/conteúdo que caracteriza o vínculo mãe-bebê: a mãe contém em seu psiquismo (ou em seu seio) os elementos que o psiquismo do bebê, ainda com uma configuração bidimensional, não pôde conter. Aos devolver-lhe seus conteúdos com uma configuração diferente para serem reintrojados, a mãe permite que a criança reintrojete também a matriz primária da função de continência.

Estendendo um pouco mais nosso entendimento, temos que, para Bion, o paciente psicótico experimenta seu espaço psíquico, bidimensional, como a imensidão do espaço astronômico, infinito, “sem imagens visuais que preencham funções de sistema de coordenadas” (Bion, 1970: 23), sem linha, pontos e dobras que sirvam de coordenadas para a delimitação de seu espaço psíquico. A partir dessa consideração, pensamos que a ‘psiquização’, para usarmos o termo de Green, ou a alfabetização psíquica que a mãe propicia ao bebê, constitui essas linhas e pontos que servirão de coordenadas para que o espaço psíquico se feche como uma pele continente capaz de conter seus próprios conteúdos. Concluimos, assim, que aprender a pensar é, antes de tudo, potencializar um espaço psíquico tridimensional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto *A Interpretação dos Sonhos*, considerado inaugural da Psicanálise, Freud revela sua grande descoberta – os pensamentos são, em sua origem, inconscientes – e acrescenta que a ciência, que então nascia, ofereceria os instrumentos para abordá-los. Deste modo, fica selada, desde a origem, uma relação entre psicanálise e pensamento que consideramos como pressuposto básico para o desenvolvimento de nosso tema.

Ao percorrermos as obras de Freud e Bion orientados pela questão da gênese da capacidade de pensar, constatamos que, para a psicanálise, a atividade de pensar é uma ‘parte’ fundamental do psiquismo. Freud, ao falar que os pensamentos possuem uma origem inconsciente, estende o pensar aos primórdios do psiquismo, abrindo espaço para que a atividade de pensar fosse pesquisada em níveis de estruturação psíquica diversos do que até então era conhecido.

Tanto para Freud como para Bion, falar da gênese da capacidade de pensar é o mesmo que falar do processo de constituição psíquica. Vimos, no entanto, que esses autores possuem perspectivas diferentes sobre essa gênese, o que faz com que eles desenvolvam concepções diferenciadas da atividade de pensar. Enquanto para Freud o pensar nasce na sinergia do processo maturativo, em resposta à ineficiência da atividade motora do bebê para atender às exigências do princípio de prazer, para Bion, ao contrário, pensar é uma capacidade que o aparelho psíquico

adquire por aprendizagem. Acabamos de ver que a teoria sobre o pensar que Bion elabora pressupõe que, para que o bebê desenvolva a capacidade de pensar, é necessário que a mãe, além de leite e amor, forneça-lhe também um banho de pensamentos. Desse modo, a mãe oferece a seu bebê elementos psíquicos que servem para estruturar um espaço psíquico no qual ele possa conter seus próprios pensamentos. Para Bion, para que se aprenda a pensar é preciso, além das sensações, emoções e impulsos, que o bebê receba de sua mãe palavras e pensamentos.

Essa diferença de abordagem entre Freud e Bion no que concerne a questão da gênese do pensamento, teve por consequência a adoção, ao discorrermos sobre a obra de Freud, da expressão *atividade de pensar* ao invés de *capacidade de pensar*. Pareceu-nos que era inapropriado falar de uma capacidade de pensar quando nos referíamos à obra de Freud – expressão não apenas pertinente como também indispensável ao pensamento de Bion – pois não estava incluído nas hipóteses freudianas, a possibilidade da não-capacidade de pensar.

Ainda no que diz respeito à gênese e à importância do pensar para o psiquismo, um outro ponto merece ser considerado. Tanto Freud como Bion consideram que a atividade de pensar nasce da frustração. No entanto, vimos que, mais uma vez, eles adotam perspectivas diferentes. Para Freud, o pensar, em decorrência da imaturidade física do bebê, nasce para mudar a realidade, mesmo que seja de forma alucinatória: se fisicamente não sou capaz de alterar a realidade, posso alterá-la psiquicamente, mesmo que fadado ao fracasso. Essa perspectiva é diferente da de Bion para quem a abordagem seria outra: se não posso alterar a realidade, eu posso me alterar de modo a suportá-la. Assim, para Freud, o pensar originário é um movimento de afastamento da realidade e fuga da dor psíquica. Para que o aparelho psíquico se desenvolva, esse movimento deve ser posteriormente corrigido por uma outra forma de atividade pensante que permita conhecer a realidade e suportar a frustração. Em contrapartida, para Bion, pensar é sempre um ato de crescimento e enriquecimento psíquico, e a capacidade de pensar permite,

desde sua origem, que a dor psíquica seja suportada. Para Bion, fuga da realidade é não-pensar. Desde modo, Freud e Bion consideram que, em sua gênese, o pensar possui propósitos diferentes. Lembramos, entretanto, que essa diferença é minimizada quando falamos, em Freud, do pensamento secundário.

Do fato de Bion conceber que a capacidade de pensar é adquirida por aprendizagem, decorre que, para ele, o pensar é, desde sua origem, um ato social. Isto é, ele implica uma vinculação e uma relação emocional a um outro capaz de reconhecer o bebê como um ser pensante e pleno de conteúdos interessantes. Essa perspectiva é diferente da concepção freudiana de pensamento originário. Vimos que, segundo interpretações mais atuais dos escritos de Freud, a noção de realização alucinatória de desejo, enquanto pensamento originário, supõe uma dependência do objeto alucinado em relação ao objeto primário real que propicia a experiência de satisfação. No entanto, não é a relação do bebê com esse objeto o aspecto que o próprio Freud explora. Sua abordagem valoriza essa primeira experiência pelas marcas que deixam no sistema mnêmico, as quais servirão de referentes para o aparelho psíquico em busca de um estado de identidade que propicie a satisfação pulsional.

Segundo nosso ponto de vista, a intuição bioniana de que a atividade de pensar é uma capacidade adquirida por aprendizagem na relação primária mãe-bebê constitui uma das principais contribuições de Bion ao tema da gênese da capacidade de pensar. Ela trouxe, em seus desdobramentos, contribuições inestimáveis à clínica psicanalítica que, acreditamos, apenas começam a ser exploradas. Ao situar a gênese da capacidade de pensar no par primitivo mãe-bebê, Bion possibilita sua transferência ao par analítico, conferindo, deste modo, à atividade de pensar, o status de importante instrumento clínico. Na relação analítica, por exemplo, o analista é chamado a ocupar o lugar de continente outrora outorgado à mãe; cabe a ele a função de *rêverie*, na medida em que coloca sua própria capacidade de pensar a serviço dos conteúdos que o

analisando, por identificação, nele projeta. Desse modo, ele permite que o paciente desenvolva a capacidade de utilizar suas próprias experiências como aprendizagem, enriquecendo, concomitantemente, seu mundo psíquico. Nesse sentido, o conceito de continente/conteúdo, bem como a concepção de uma geografia psíquica, têm se revelado de extrema relevância para a clínica do autismo, das psicoses e dos estados limites.

Estas breves considerações a respeito da clínica nos instigam a continuar nosso estudo. Que implicações o deslocamento da atenção dos pensamentos para a capacidade de pensar traz para a clínica psicanalítica? Que modificações sofrem a clínica psicanalítica com a inclusão, em seu *setting*, da análise de vínculos ou, mais especificamente, da capacidade dos analisandos estabelecerem vínculos, quer sejam intersíquicos, quer sejam intrapsíquicos? Seria correto supor que, ao introduzir o conceito de continente /conteúdo, Bion estaria sugerindo a possibilidade de um trabalho clínico com uma 'memória' da emoção primária? Sabemos que a noção de continente está vinculada à relação afetiva com a mãe, à sua capacidade de amar e à própria capacidade do bebê de se sentir amado. Seria essa a intuição que autores como Anzieu, por exemplo, têm resgatado na obra de Bion ao proporem uma clínica do continente?

Antes de concluirmos esta dissertação, gostaríamos de fazer ainda algumas considerações a respeito de questões que freqüentaram nosso pensamento durante o estudo das contribuições de Freud. Nos perguntamos pela possibilidade de sistematizar uma teoria sobre o pensar freudiana. Acharmos que um primeiro passo nesse sentido pode ser dado se consideramos, como o fizemos, que nas elaborações da Primeira Tópica Freud concebe o pensar como uma atividade mediadora entre a pulsão e a possibilidade de satisfação. A imagem é a de um conjunto vazio, sugere Green (1982), sempre a ser atualizado por diferentes modos de excitação, de investimento e de descarga. Assim, entre a pulsão e sua satisfação age o pensar: a pulsão estabelece metas investindo em representações-coisa; o pensar cria trilhas dando vida, expressão e dinamismo ao mundo

psíquico. Nesse trajeto, as possibilidades são muitas e o que importa é a modalidade segundo a qual os atos de investimentos se realizam, ou seja, o que importa é a situação tópica e o regime do lugar de investimento. Este é apenas um primeiro e tímido passo. Outros deverão ser dados e, acreditamos, que será então indispensável a inclusão da Segunda Tópica freudiana. O esforço no sentido de uma sistematização nos parece indispensável ao rejuvenescimento de uma teoria sobre o pensar que tenha como referência a obra de Freud.

A riqueza que esse processo de rejuvenescimento implica já vem sendo revelada, por exemplo, por autores³⁷ que, referidos a Freud, têm considerado a importância de uma atenção ao sensorial na clínica analítica. Vimos que, para que o inconsciente se expresse, é necessário que o pensamento inconsciente e o pensamento secundário atuem em uma relação de cooperação; é necessário que a representação-palavra esteja referida à representação-coisa e que esta, por sua vez, corresponda a uma associação de impressões sensoriais. Essas considerações nos fazem questionar: qual o lugar do sensorial na escuta psicanalítica?

Freud conclui seu artigo *Os Dois Princípios do Funcionamento Mental* da seguinte maneira:

As deficiências deste breve artigo, que é mais preparatório que expositivo, serão talvez desculpadas, apenas em pequena parte, se eu alegar que são inevitáveis. (...) Mas tenho esperança de que não escapará à observação do leitor benevolente como, nestas páginas também, o predomínio do princípio de realidade está começando. (Freud, 1911:286)

Fazemos nossas as palavras de Freud para dizermos que estamos apenas começando a pensar.

³⁷ Entre esses autores podemos citar, por exemplo, Didier Anzieu, Julia Kristeva. Remetemos também o leitor interessado à tese de doutorado defendida por Ivanise Fontes intitulada *Le Mémoire Corporelle et le Transfert*, publicada pela Presse Universitaire du Septentrion, 1999.

BIBLIOGRAFIA

- ANZIEU, Didier, (1985); Le Moi-peau, Dunond, Paris, 1995.
- ANZIEU, Didier, (1990); L'Epiderme Nomade et La Peau Psychique, Editions Apsygée, Paris, 1990.
- ASSOUN, Paul-Laurent, (1993); O ato. Por uma pragmática metapsicológica, in Metapsicologia Freudiana; Jorge Zahar Editor, 1995.
- BIANCHEDI, Elizabeth Tabak, (1999); “De los objetos a los vínculos: descubriendo da relacionalidade”, in Bion Conicido/Desconocido, Lugar Editorial, Buenos Aires, 1999.
- BION, Wilfred R., (1950); O gêmeo imaginário, in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Imago, RJ, 1994.
- BION, Wilfred R., (1953); Notas sobre a teoria da esquizofrenia, in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Imago, RJ, 1994.
- BION, Wilfred R., (1955); Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico, in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Imago, RJ, 1994.

- BION, Wilfred R., (1957); A diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica, *in* Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Imago, RJ, 1994.
- BION, Wilfred, [1967 (1958)]; Sobre Alucinação, *in* Estudos Psicanalíticos Revisados, Imago, RJ, (1994).
- BION, Wilfred, (1959); Ataques à ligação, *in* Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts), Imago RJ, 1994).
- BION, Wilfred, (1961); Uma teoria sobre o pensar, *in* Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts), Imago RJ, 1994).
- BION, Wilfred, (1962); O Aprender com a Experiência, *in* Os Elementos da Psicanálise, Zahar Editores, RJ, (1966).
- BION, Wilfred, (1970), Atenção e Interpretação, Imago Editora, RJ, 1991.
- CHUSTER, Arnaldo, (1989); Um Resgate da Originalidade, Editora Degrau Cultural, RJ, (1989).
- CHUSTER, Arnaldo, (1996); Bion e Lacan *in* Diálogos psicanalíticos sobre W.R.Bion, Tipografia, 1996.

- CHUSTER, Arnaldo e colaboradores, (1999): W.R.Bion Novas Leituras, Vol. I, Companhia de Freud Editora, RJ, 1999.

- CORTIÑAS, Lia Pistiner de, (1999): El nacimiento psíquico de la experiência emocional in Bion Conocido/Desconocido, Lugar Editorial, Buenos Aires, 1999.

- CORTIÑAS, Lia Pistiner & DIMANT, Silvia L.; (1999): El don no solicitado. Vicisitudes del proceso de simbolización y su relación con la realidad psíquica in Bion Conocido/Desconocido, Lugar Editorial, Buenos Aires, 1999.

- DAYAN, Maurice, (1984); Fantasme, événement, impression, in *Inconscient et Réalité*, PUF, 1984.

- FONTES. Ivanise, (1999); Le Mémoire Corporelle et le Transfert, Presse Universitaire du Septentrion, 1999.

- FREUD, Sigmund, [1953 (1895)]; Projeto de uma Psicologia, Edição *Standard Brasileira*, Vol. I, Imago, RJ, 1987.

- FREUD, Sigmund, (1900); A Interpretação dos Sonhos, Edição *Standard Brasileira*, Vol. IV e V, Imago, RJ, 1987.

- FREUD, Sigmund, (1911); Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental, Edição *Standard Brasileira*, Vol. XI, Imago, RJ, 1987.

- FREUD, Sigmund, (1915); Os Instintos e suas Vicissitudes, Edição *Standart* Brasileira, Vol. XI, Imago, RJ, 1987.
- FREUD, Sigmund, (1917[1915]); Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos, Vol. XI, Imago, RJ, 1987.
- FREUD, Sigmund, (1915); O Inconsciente, Edição *Standart* Brasileira, Vol. `XI, Imago, RJ, 1987.
- FREUD, Sigmund, (1925); A Negativa, Edição *Standart* Brasileira, Vol. `XI, Imago, RJ, 1987.
- FREUD, Sigmund, (1940 [1938]); Esboço da Psicanálise, Edição *Standart* Brasileira, Vol. XIII, Imago, RJ, 1987.
- GABBI JR., Osmyr Faria, (1999); Notas sobre linguagem e pensamento em Freud, texto a ser publicado em uma coletânea sobre Metapsicologia pela Editora Unicamp no final de 1999.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, (1991); Introdução à Metapsicologia Freudiana I, Jorge Zahar Editor, RJ, 1991.
- GREEN, André, (1982); O Discurso Vivo, Francisco Alves Editora, RJ, 1982.

- GREEN, André, [coletânea] (1986); A pulsão de Morte, Escuta, SP, 1988.

- GREEN, André, (1987), La capacité de rêverie et le mythe étiologique, in *Revue Française de la Psychanalyse*, 5, 1987.

- GREEN, André, (1987a); La représentation de chose entre pulsion et langage, in *Psychanalyse à l'Université*, Vol. 12, n° 47, PUF, Paris, 1987.

- GREEN, André, (1993); Avatars de la pensée en psychanalyse et ailleurs, in *Journal de Psychanalyse de L'Enfant*, 14, Bayard Éditions, 1993.

- GRESSDOT, M., (1969); La théorie psychalytique de la pensée, in *La Théorie Psuchanalytique*, Press Universitaire de France, Paris, 1969.

- IMBASCIATI, Antonio, (1991); Afeto e Representação, Editora 34, SP, 1998.

- JOSEPH, Beth, (1987); Identificação projetiva – Alguns aspectos clínicos, in *Melani Klein Hoje*, Vol I, Imago Editora, RJ, 1991).

- KLEIN, Melanie, (1930); A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego, in *Contribuições à Psicanálise*, Editora Mestre Jou, SP, 1970.

- KLEIN, Melanie, (1946); Notas sobre alguns mecanismos esquizóides in *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos 1946-1963*, Imago Editora, RJ, 1985.

- LAPLANCHE e PONTALIS, (1967); Vocabulário da psicanálise, Livraria Martins Fontes Editora, SP, 1991.

- LAPLANCHE, Jean (1988); Os princípios do funcionamento, tentativa de esclarecimento, in Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios, Editora Artes de Médicas Sul, Porto Alegre, 1988.

- MERLTZER, Donald, (1975); Exploration del Autismo, Editorial Paidos, Buenos Aires, 1979.

- MELTZER, Donald, (1981); The kleinian expansion of Freud's metapsychology, in International Journal of Psycho-Anal., nº 62, 1981.

- MELTZER, Donald, (1989); Desenvolvimento clínico de Melanie Klein, in O Desenvolvimento Kleiniano – II, Editora Escuta, SP, 1989

- MELTZER, Donald, (1989a); Desenvolvimento recente do modelo da mente e sua relação com os sonhos na prática clínica, in IDE, Vol. 18, 1989.

- MELTZER, Donald, (1989b) ; Notas sobre processos introjetivos, in Rev. Brasileira de Psicanálise, Vol XXIII, nº 3, 1989.

- MELTZER, Donald, 1992; Além da consciência, in Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. XXVI, Nº 3, 1992.

- MELTZER, Donald, (1998); O significado clínico da obra de Bion, in O Desenvolvimento Kleiniano – III, Editora Escuta, SP, 1998.

- O'SHAUGHNESSY, Edna, (1992); La Psicosis: Ausencia de Pensamiento en un Mundo Bizarro, in Conferencias Clinicas sobre Klein y Bion (compilador: Robin Anderson), Editorial Paidós, Buenos Aires, (1994).

- REZENDE, Antonio Muniz, (1995); Wilfred R. Bion: Uma Psicanálise do Pensamento, Papirus Editora, SP, 1995.

- RUDGE, Ana Maria, (1976); O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana, Editorial Sul Americana, RJ, 1979.

- RUGI, Goriano, (1997); O Mental em Freud e Bion, texto selecionado pela Internet: <file:///C:/PTWIN62/tpagedir/cche36.htm>

- SAFOUAN, Moutapha, (1979); O fracasso do princípio do prazer, Papirus Editora, Campinas, SP, 1988.

- SEGAL, Hanna, (1955); Notas sobre a formação de símbolos, in Melanie Klein Hoje, Vol. I, Editora Imago, RJ, 1991.

- SPILLUS, Elizabeth, (1988); Introdução geral, in Melanie Klein Hoje, Vol.I, Imago Editora, RJ, 1991.

- SOUZA, Octávio, (1995); O Ego no Projeto e o Problema da Ligação, in 100 Anos de Projeto Freudiano, Letra Freudiana, Ano XIV, Nº 15, Revinter, 1995.

- XAVIER, Crespo & CURELL, Núria; Atlas de anatomia e saúde, Editora do Brasil.

- SPILLUS, Elizabeth, (1988); Introdução geral, in Melanie Klein Hoje, Vol.I, Imago Editora, RJ, 1991.

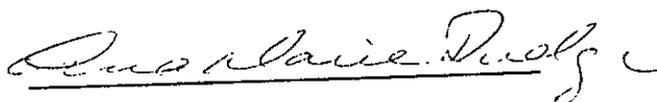
- SOUZA, Octávio, (1995); O Ego no Projeto e o Problema da Ligação, in 100 Anos de Projeto Freudiano, Letra Freudiana, Ano XIV, Nº 15, Revinter, 1995.

- XAVIER, Crespo & CURELL, Núria; Atlas de anatomia e saúde, Editora do Brasil.

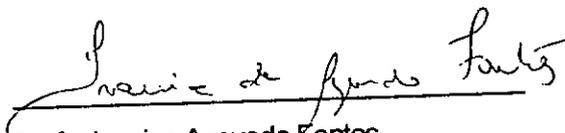
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Beatriz Chacur Biasotto Mano, intitulada "Sobre a gênese da capacidade de pensar – as contribuições de Freud e Bion", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Octavio de Souza (Orientador)
PUC-Rio

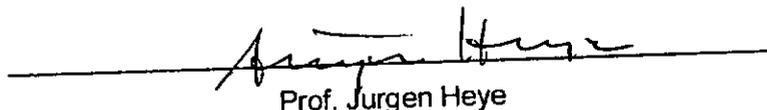


Profa. Ana Maria Rudge
PUC-Rio



Profa. Ivanise Azevedo Fontes
PUC-SP

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 26.07.2001.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas